

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ANGELA MARIA CUNHA FURTADO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Angela Maria Cunha Furtado (AB)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DR) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 24/03/1998 e 31/03/1998

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 3h24min

Transcrição – Isabel Nascimento e Mello

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FURTADO, Angela Maria Cunha. *Angela Maria Cunha Furtado. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 94 p.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Inicia relatando lembranças da infância. O nascimento em São Paulo, durante uma viagem dos pais; a convivência com a constante ausência paterna, que era jogador de futebol profissional; a separação dos pais e o afastamento definitivo do pai; o ingresso da mãe no mercado de trabalho; a convivência na casa dos tios. Ressalta as constantes transferências de casa; a descoberta, tardia, da morte do pai. Destaca a assistência concedida pela família materna, após o abandono paterno. Detalha a composição familiar; o comportamento da mãe, a sua opção por relacionamento informais, com exceção do relacionamento com seu pai, com o qual houve oficialização do casamento. Relembra a dificuldade, em princípio, de compreender o comportamento materno. A instabilidade da vida escolar; o comportamento rebelde. O afastamento do irmão mais velho, que optou em morar com o pai. A convivência mais próxima com o irmão do meio, com quem partilhava o comportamento rebelde; a internação num colégio de correção. A compreensão, a posteriori, da revolta que motivava o mau comportamento. As mudanças frequentes de escola e o desinteresse pelos estudos. Relaciona seu comportamento, entendido por ela como desviante, com as atitudes apreendidas da mãe. A participação restrita da mãe em sua educação, a dispersão entre os irmãos, que foram espalhados entre as casas dos parentes; a proximidade com o irmão do meio. A reaproximação da família, que passa a morar em apartamento cedido por um primo. A pouca convivência com o irmão mais velho, que nesta época também volta a morar com a mãe. O casamento, aos 18 anos e o grande número de namorados na adolescência, ressaltando a inexistência de contatos sexuais mais íntimos; a proteção dos amigos homens; a irritação diante do controle exercido pelos irmãos mais velhos e a opção pela obediência; desentendimentos com a mãe, que insistia em controlar seu comportamento. As expectativas da mãe em vê-la casada na igreja; o hábito de exteriorizar uma imagem negativa de seu comportamento; as estratégias para tentar conquistar a confiança materna; os constantes desentendimentos entre ambas; o desejo da mãe de torná-la uma mulher ajustada aos padrões da família. A descrição da mãe, que não permitia contato entre os filhos e os seus namorados. A contradição entre o desejo de ser diferente da mãe e a exteriorização de um comportamento reprovável aos olhos da família. Relembra um antigo namorado, por quem se apaixonou e o fim do namoro. Narra longamente o primeiro encontro com o ex-marido e o início do namoro. Destaca a sua própria beleza e o seu temperamento cativante durante a juventude. O noivado e a decisão de assumir um comportamento mais sério. A pressão exercida pela mãe e a opção, a contragosto, pelo casamento. A descrença da mãe em sua virgindade. O comportamento destoante de suas contemporâneas.

Fita 1 – Lado B

A forte afinidade com os homens, contrapondo-se às dificuldades de relacionamento com mulheres. Considerações sobre a atitude opressiva da mãe, avaliando negativamente sua decisão de forçá-la ao casamento. O nascimento do primeiro filho e a opção precoce pelo casamento e maternidade. O término do curso de formação de professor; as dificuldades em conciliar os cuidados com o bebê e o cumprimento das exigências do curso. A experiência profissional com o magistério. A melhora no padrão de vida da família. A transferência do marido para Salvador/BA. O delicado estado de saúde da mãe, a dificuldade em aceitar sua mudança para Salvador e seu falecimento

anos depois. Relembra o entusiasmo com o emprego de professora e a frustração de ter que abandoná-lo. Razões que a fizeram acompanhar o marido em sua mudança para Salvador. A dificuldade de engravidar e a decisão, depois da experiência da primeira gravidez, de não ter outros filhos. A opção por interromper uma gravidez tempos depois do nascimento do primeiro filho. A nova gravidez, descoberta durante a mudança para Salvador; o entusiasmo com a chegada da criança, seguida da decepção com o aborto espontâneo. A nova gravidez e a resistência em reconhecê-la; o nascimento do segundo filho, seguido de outra gravidez, quando nasce uma menina. A decisão de pegar a sobrinha para criar; a preocupação de recebê-la de forma calorosa, evitando repetir o descaso que vivera na casa dos tios durante a infância. O cuidado em garantir para a sobrinha o mesmo conforto dado ao filho. O incômodo diante do comportamento sem limites e arrogante da sobrinha, o descaso de seus pais naturais; a dificuldade de aprendizagem e as diferenças no desempenho escolar entre a sobrinha e o filho mais velho; a decisão de transferi-la para um colégio menos exigente.

Tempo de gravação: 60 minutos

Fita 2 – Lado A

A sensível melhora no desempenho da sobrinha no novo colégio; a descoberta da figura do pai e o agravamento das tensões entre a sobrinha e o tio; a decisão de levá-la ao psicólogo; a descoberta da origem de seus problemas com o tio; a irritação com as chantagens da menina; a decisão final da sobrinha em ir morar com a família de seu pai natural em outro estado. Ressalta a omissão e a falta de afeto de seu irmão em relação à filha; o difícil processo de separação da sobrinha; os problemas iniciais de adaptação da sobrinha na nova casa; o casamento e o nascimento de seu primeiro bebê. Retoma o nascimento de seu segundo filho. Destaca seu desprendimento das coisas materiais. O efeito da mudança para Salvador em seu comportamento; a obesidade em decorrência do nascimento seguido dos dois últimos filhos. A insatisfação com um cotidiano restrito aos cuidados com a família e a decisão, repentina, de transformar seu cotidiano. A preocupação com o corpo e a recuperação da beleza e da autoestima; os ciúmes do marido e sua mágoa por ele não valorizar sua vaidade. Menciona o relacionamento com uma amiga que foi morar em Salvador e comenta sobre as traições das amigas, destacando sua opção pela fidelidade. A insistência da amiga em apresentá-la ao seu irmão; o desinteresse inicial pelo garoto de 18 anos que, ao contrário, tinha se apaixonado por ela. Relembra as estratégias para estar sempre próximo, ressaltando sua ingenuidade em relação aos interesses dele. O desagrado do marido que, desconfiado, proibiu a ida do rapaz à sua casa durante sua ausência. Conta, em detalhes, o momento em que o rapaz declarou sua paixão por ela.

Fita 2 – Lado B

Descreve sua reação de repúdio diante da declaração do rapaz e o envaidecimento posterior ao se sentir desejada e o desejo, reprimido em princípio, de se envolver com o rapaz. O falecimento repentino da mãe, no Rio de Janeiro; a vinda para o enterro e o reencontro com os irmãos; a mágoa pelo marido tê-la deixado viajar sozinha para assistir ao enterro da mãe; a decisão de traí-lo, em represália por tê-la deixado sozinha. A volta para Salvador, a atitude calorosa do rapaz, contrapondo-se à indiferença do marido. Conta, em detalhes, o processo que os levou a tornarem-se amantes e as motivações para manter um relacionamento paralelo ao casamento durante 15 anos. Comenta a decisão dos dois de manterem vidas independentes. A mudança para Minas

Gerais e o afastamento compulsório entre eles; a alegria dos encontros de férias; o amor dividido entre o marido e o amante. Nova mudança, agora para São Paulo; a vinda do amante para o Rio de Janeiro e a perda de contato entre os dois. As constantes ausências do marido; o reencontro com o amante; a descoberta da contaminação pelo vírus HIV.

Fita 3 – Lado A

O reencontro com o amante, no Rio de Janeiro; os encontros frequentes entre os dois; a inadaptação em São Paulo e as constantes vindas para o Rio de Janeiro. Destaca que, mesmo sabendo das trocas constantes de parceiras do amante, não se imaginava em risco. Os primeiros sintomas da doença, uma pneumonia e o receio dele em estar com Aids. A ida, de férias, para Salvador e a decisão de fazerem juntos o teste Elisa. Considerações sobre a sua incredulidade num diagnóstico positivo. Descreve o momento do diagnóstico; a clareza sobre os caminhos que a levaram à doença; o medo de ter contaminado o marido; os receios diante dos possíveis desdobramentos da revelação de sua soropositividade; a solidariedade dos amigos que estavam com ela em Salvador; a dificuldade em tratar o assunto na família. Considerações sobre sua percepção do risco em se contaminar com a doença; a experiência de se ver contaminada pelo vírus. A volta para São Paulo e a decisão de esconder do marido a verdade; as estratégias para evitar contatos sexuais com o marido. Tece explicações sobre as motivações que a levaram a manter dois relacionamentos por 15 anos. O medo de ser tocada pelo marido. Volta a mencionar as estratégias usadas para evitar ficar a sós com o marido; o constrangimento durante a noite, diante de sua insistência em tocá-la. A consulta com o médico da família; a conversa sincera com o médico e a decisão fazer o exame *Western Blot*, para confirmar o diagnóstico. A confirmação do diagnóstico e a decisão, sugerida pelo médico, de contar a verdade para o marido. As dúvidas sobre como contar a verdade para o marido e o receio em comprometer os amigos que sabiam do seu relacionamento. Comenta a preocupação da família em vê-la emocionalmente abalada. A decisão de contar a verdade para o marido. Descreve os momentos de expectativa e de medo que antecederam o encontro; a reação de incredulidade do marido. Fala sobre sua reação e da decisão, impulsiva, de fantasiar relacionamentos extraconjugais que não aconteceram. Faz algumas considerações sobre o adultério. Cita as motivações que a levaram ao adultério, destacando os elementos que diferenciam a sua experiência extraconjugal de um adultério comum.

Fita 3 – Lado B

Reproduz parte do diálogo com o marido; a sua reação de perplexidade e decepção; a decisão de apoiá-la e de manter, formalmente, o casamento; a preocupação em manter o diagnóstico em segredo. O cotidiano de angústia e solidão; a reação dos filhos diante de seu comportamento; o sentimento de alívio com o resultado negativo do exame do marido. A insatisfação com o casamento, a percepção dos filhos. A aproximação do amante; a angústia diante do afastamento do marido; os sinais de desgaste no relacionamento entre os dois e a reação dos filhos. Relembra a insatisfação com o seu alto padrão de vida, proporcionado pelo marido; os diálogos com os filhos sobre a insatisfação com a casa de São Paulo e o desejo de mudar para um apartamento no Rio de Janeiro. Descreve as características do condomínio onde morava em São Paulo. O desejo inicial dos filhos em morar com ela. A percepção das mudanças no comportamento do marido e o desejo crescente de sair de casa. A mudança para o Rio de Janeiro e a publicização do novo relacionamento do ex-marido. Considera a

possibilidade de ter sido traída por ele; avalia positivamente a nova fase do relacionamento com o ex-marido. Reflete longamente sobre os motivos que levaram ao fim de seu casamento e sobre a vida de ambos após a separação. Menção aos momentos em que o ex-marido buscou nela a verdade sobre a contaminação, ressaltando sua opção por omitir dele a verdade sobre sua contaminação.

Fita 4 – Lado A

A preocupação em preservar os amigos que sabiam de sua relação extraconjugal. Descreve o período final do processo de separação; a mudança para o Rio de Janeiro sem os filhos e a decisão de vender, com duas amigas, cachorro quente. A inadaptação no trabalho e a opção de viver da mesada dada pelo marido. A mudança para um apartamento pequeno; a insatisfação com a casa e o condomínio em que morava em São Paulo; compara os condomínios de Alphaville, em São Paulo e os condomínios da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Menciona alguns desentendimentos com as sócias. O cuidado em informar a filha adolescente sobre a importância do uso do preservativo nas relações sexuais. A omissão dos filhos sobre sua própria condição sorológica. A abordagem sutil durante os diálogos com a filha sobre as questões relacionadas à Aids e sobre a sua participação no Grupo pela Vidda. As dificuldades em lidar com a sexualidade da filha; a insistência em entregar-lhe camisinhas, mesmo sem ela ter iniciado sua vida sexual. Avalia negativamente a despreocupação dos amigos de sua filha com a ameaça da Aids, mas vê com otimismo a incorporação gradativa da camisinha no cotidiano dos adolescentes. Ressalta os tabus que cercam a questão do uso da camisinha. Comenta as experiências sexuais do filho mais velho e sua resistência em usar preservativo com a namorada. Menciona os amigos que, mesmo acompanhando o seu sofrimento com a doença, resistem ao uso da camisinha. Avalia a sua própria percepção do risco da doença, durante os anos em que manteve um relacionamento extraconjugal. O lento afastamento do amante; avalia os motivos que levaram ao desinteresse entre ambos.

Fita 4 – Lado B

Avalia positivamente sua atual fase e destaca a estabilidade de seu quadro clínico. Cita a discussão com o seu médico sobre a necessidade do uso de medicamentos em casos assintomáticos e o medo de desenvolver os sintomas da doença. Menciona a questão dos filhos e da necessidade crescente de falar com eles sobre a sua contaminação. Relembra o primeiro contato com o Grupo pela Vidda; a proximidade com uma de suas voluntárias; o ingresso definitivo no Grupo após a mudança para o Rio de Janeiro. Relativiza a convicção, comum entre as mulheres do Grupo, sobre a responsabilidade dos homens na transmissão do vírus. Afirma não ter guardado rancor pelo afastamento do amante. Pondera sobre os efeitos positivos da Aids em sua vida. Menciona o contato com as experiências de outros integrantes do Grupo, enfatizando a importância do apoio e da descrição do marido. Finaliza, ressaltando as mudanças em sua relação com o corpo e com a sua saúde após a descoberta do diagnóstico.

Data: 24/03/1998

Fita 1 - Lado A*

DR - Vamos dar início a entrevista com... com Angela Maria Cunha Furtado pro projeto "A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil". Hoje são 24 de março de 1998, estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Angela, a gente tava conversando antes, é... a gente gostaria que você contasse então quando que você nasceu, onde você nasceu, sobre seus pais, sua família...

AM - Eu nasci dia 5 de junho de 1953 em Araraquara, interior de São Paulo. (*ruído*) É... falar dos meus pais? É... ah! Eu sou meia mau pra falar dos pais, a minha mãe...

DR - Araraquara é uma cidade pequena, de porte médio?

AM - Não, mas aí é que tá. Eu nasci por acaso. Meus pais viviam no Rio e ele era jogador de futebol e numa das viagens pra jogar... ele jogava no América, aí a minha mãe foi junto, acompanhar, aí eu nasci. Quer dizer, e vim logo pro Rio de Janeiro, fui criada no Rio de Janeiro. Mas de certidão eu sou paulista, né? E... cresci, né? Como todo mundo, acho que assim, família pobre, é...

DR - Seu pai era jogador do time titular...

AM - América.

DR - Como é que, como é que fala? É titular, é...

AM - Não, é, mas...

AP - Primeira divisão?

AM - Não, mas isso naquela época acho que não tinha muito isso não, né? (*risos*)

DR - Não tinha essas coisas.

AM - De primeira divisão não, né?

DR - Hum.

AM - É, e também, pra dizer a verdade, eu num... num entendo muito dessa parte não, porque, é... tão logo assim eu cresci, me lembro dele assim uma fase muito pequena por ele viajar muito, eles terminaram o relacionamento e ele se afastou, né? Tanto que ele veio a falecer, eu não tava junto dele, muitos anos sem ver, pra mim já tinha até morrido, sabe assim? Fui criada praticamente sem pai. Por ele viajar muito, não tive pai. Quer dizer, não tive pai assim...

* **LEGENDA:**

Palavra sublinhada: demonstra ênfase na fala.

Inaudível: palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

DR - Presente?

AM - Presente. E na... na, minha mãe casou de novo, teve outros relacionamentos e foi assim, cresci nesse jeito. É, vivi muito com parentes, é...

DR - A sua mãe trabalhava?

AM - Trabalhava. Ela trabalhava nos Correios... É, mas começou a trabalhar depois...

DR - Era funcionária pública?!

AM - É, mas depois de... de uma certa idade que ela começou a trabalhar. É... então a gente ficava muito sozinho, aí ela deixava a gente com os parentes, né? Ficava assim na casa de tios, tias... fui criada por tios, praticamente, eu e meus irmãos.

DR - Você...

AP - Você é a mais velha?

AM - Não, eu sou a mais nova... das mulheres e tenho um irmão mais novo.

DR - Quantos são, irmãos?

AM - Nós somos quatro.

DR - Quatro ao todo? Dois irmãos e mais...

AM - Três homens e eu de mulher. Sendo que são dois mais velhos, eu e o mais novo.

DR - Hum. Você disse que só, só, em, só nasceu em Araraquara.

AM - Só nasci em Araraquara e nem conheço.

DR - E no Rio, você morava aonde?

AM - Ah, morei em muitos lugares. Na época que se deu, eu acho que eu morava lá pra aquela assim, bem Zona Norte mesmo, Rocha Miranda... já morei na Penha, eu sempre me mudei muito. Num... num tive assim um ponto fixo de dizer assim: "Eu morei ali." Tá? "Muitos anos." Acho que a minha vida toda foi muito assim de mudanças, eu mudei muito.

DR - Porque seu pai e sua mãe se mudavam?

AM - Mudavam e muitas vezes também por falta de condição, ia pra casa de um, ia pra casa de outro.

DR - E ele só fazia isso? Jogava no América.

AM - Só jogava futebol, aí depois quando ele foi embora... eu digo foi embora porque naquela época era foi embora, né? Sumiu, aí, né? Porque a família da minha mãe dizia

que tomava conta dela e dos filhos, mas dele não, né? Aquelas coisas de parente, né? Aí ele foi embora e a gente nunca mais teve notícia. Aí teve uma época que eu quis procurar, saber dele, aí quando eu soube, ele tinha falecido. Ele tinha sido assassinado lá em São Paulo. Foi assim que eu tomei conhecimento que ele tinha morrido.

DR - E...

AM - Eu já tava grande, tava com... 18 anos.

DR - Você tinha que idade quando ele foi embora?

AM - Ah, quando ele foi embora, exatamente, eu não sei. Devia ter uns seis, sete anos.

DR - Era bem pequena?

AM - Era pequena.

DR - E aí tinha algum parente assim especial que vocês ficavam mais?

AM - Não, não tinha um parente especial. Todos eram os especiais, né? (*risos*) No caso da família da minha mãe, todos davam assim uma assistência... era aquele negócio pra não cansar, né? Um pouquinho com cada um, senão cansa.

DR - E a família do seu pai?

AM - Nunca tive contato ... nenhum contato. Eles são do Rio Grande do Sul, ele conheceu minha mãe aqui também por acaso que ele veio jogar, fazer não sei o que aqui, aí se apaixonaram aí, casaram... mas eu nunca tive contato.

Inclusive o irmão mais velho que eu tenho, foi um relacionamento da minha mãe solteira, minha mãe era mãe solteira ainda, ganhou meu irmão mais velho. Ela teve um relacionamento, teve um... esse meu irmão, que é meu irmão por parte de mãe e depois conheceu o meu pai, casou aí, nós nascemos, né? Eu e um, um irmão meu. E o outro irmão meu é de outro pai, esse mais novo. Minha mãe era meia danadinha. (*risos*)

DR - A diferença de idade é grande entre vocês, irmãos?

AM - Quem? Todos?

DR - É.

AM - É, o mais velho é, né? Ele hoje tá... não é tanta diferença, já fez mais, né? Hoje ele tá com uns 54, tem o meu irmão... esse outro irmão meu é um ano e meio mais velho que eu, tá com 45, né? É, fez 46, eu vou fazer 45 e tem o outro que tá com 37, o abaixo de mim. Não tem muita diferença não, só do mais velho um pouquinho, né? Porque quando a minha mãe conheceu o meu pai, esse meu irmão... tava pequeno ainda... esse meu irmão mais velho.

DR - E aí esse separou, ela casou de novo? Não, só teve filho?

AM - Não, não casou de novo. Teve um novo relacionamento... aliás, vários, né? Que a

minha mãe, pra ela, porque ela era meia sapequinha.

DR - Hum.

AM - Ela era meia assim... como direi? Não, não era muito assim de acordo com os parâmetros da sociedade.

DR - Hum.

AM - Ela era uma pessoa... não sei como definir. Ah... como se diz? Não sei como é que se diz.

AP - Avançada pra época?

AM - Ela num e... ela não era uma prostituta, mas ela também não era uma pessoa assim muito... sabe? Não era chegada a esse negócio de casamento, de... sabe? Assim de... padrões. Ela sempre tava em busca de outras coisas assim diferente, né? Pelo menos é a impressão que eu, que eu tive, né?

DR - Quando cê diz, ela casou com o seu pai é porque aí foi casamento, de papel passado, viveram juntos...

AM - Foi, foi casamento, tem certidão, viveram juntos. Juntos, mas precário, né? Por causa disso, por causa da condição dele, ele viajando muito e a família se metendo, aqueles negócio, né? Aí... mas ele, é, com ele ela foi casada.

DR - Com o pai do...

AM - Do primeiro, não.

DR - Seu irmão mais novo...

AM - Também não.

DR - Também não foi casada?

AM - Não.

DR - Nem morou junto nem nada?

AM - Não, só era namorado e...

DR - Hum.

AM - Só namorado.

DR - E como é que isso funcionava pra você, na época? Você lembra, não?

AM - É... mal, né? (*risos*)

DR - Hum.

AM - Funcionava mal, né? Não entendia, hoje até entendo, na época não entendia. ... Achava esquisito.

DR - Hum. E a escola, Angela?

AM - Aí chego... hãh?

DR - E a escola?

AM - Que escola? Minha?

DR - É.

AM - Ah, eu fui sempre muito rebelde, né? Muito... assim como eu, todos os outros, né? Nós fomos muito rebelde, assim, muito bagunceiro, muito... sempre fui muito danada!

DR - Assim como você...

AM - Mas nunca fui...

DR - Os outros irmãos também?

AM - Os outros irmãos, é.

DR - Vocês quatro eram rebeldes?

AM - Não, o mais velho eu não tive muito contato porque ele foi morar com o pai dele.

DR - Hum.

AM - A gente teve uma fase que ficou junto depois ele foi pra casa do pai e nós três ficamos juntos, né? Mais assim, eu e esse meu irmão acima de mim, né? Que o outro veio depois. Nós eramos muito rebeldes assim, a ponto do pessoal interna a gente em colé... nós vivíamos em colégio interno, né? Porque a gente aprontava muito, ninguém queria ficar com a gente. Mas assim, de criança levada mesmo, né? De rebeldia, de malcriação, assim... criança bem rebelde mesmo pra época, sempre fui. E esse meu irmão também, acima de mim, também foi bastante.

DR - Que que você chama de criança rebelde?

AM - Ah...

DR - Que faz malcriação, que...

AM - Rebelde, malcriada e que não queria receber ordem, não queria receber, é... sabe assim? De repente, até revoltada, né? Com algumas coisas, né? Eu, eu chamo de rebelde até um temperamento que eu tenho, hoje eu posso até ver que seria outra coisa, seria até revolta, né? De muitas coisas. Acho que era mais pro tipo revoltados mermo.

DR - Mas estudavam, não?

AM - Estudava. Eu estudei em colégio interno, estudei em colégios normais assim, escola pública, nunca estudei assim em colégio particular, nada disso, sempre foi escola pública, essas coisa, Pedro II, Orsina da Fonseca, essas coisa toda aí de colégio, colég... Escola Argentina, lá na 28 de Setembro quando morava lá. Sempre estudei, estudei normalmente, João Alfredo. Fiz colégio normal, né? Como todo mundo.

DR - Mas você passou por vários colégios, pelo visto. (*risos*)

AM - Vários colégios, não, é. Vários colégios e a ...

DR - Esses aí são de, do que hoje se chama Primeiro e Segundo Grau, né?

AM - É. Mas eu passei por vários colégios por causa disso, né? Principalmente que você fica na casa de alguém, você estuda perto de alguém, né? Já estudei até na Ilha do Governador, quando morei lá, mas nem me lembro o nome do colégio.

DR - Era principalmente por causa disso que você trocava de colégio?

AM - Principalmente que trocava de colégio. Agora, também não era muito interessada não. Eu, particularmente, não era muito interessada não. (*risos*) Eu estudava por estudar.

DR - Estudava pra passar?

AM - Também não. Estudava só por estudar. Tipo assim, tem que estudar, aí eu estudava, entendeu? Mas levava muita bomba, é... não era muito... eu não sei se eu queria também ser diferente, eu as vezes penso nisso e acho que eu queria ser diferente, né? Porque... eu levava muita bomba, fazia muita confusão no colégio, vivia na secretária (*risos*), viva sendo suspensa, eu era bem atacada.

DR - Mas o que que você tanto armava no colégio pra...

AM - Eu não sei. Hoje, eu diria pra você, que eu vejo os meus filhos, no caso, né? Armando muito mais do que eu armava, né? Eu era bem até inocente em vista deles. Mas naquela época, eu acho que já não era de acordo com os padrões, né? Eu acho que já vem no sangue essas coisas, né? Então você já (*risos*) começa a fugir dos padrões... é sério!

DR - Hum.

AM - Tan... eu tô falando da minha mãe que ela era isso, era aquilo, mas eu também não me enquadrava muito no contexto, não. Aliás, acho que até hoje... não me enquadro muito bem, não.

DR - Aí você acha que tá no sangue? (*risos*)

AM - É... no sangue que eu tô dizendo aí já é... eu tô aproveitando.

DR - (*risos*) É força de expressão!

AM - É força de expressão, né? Não confunda! É força de expressão. Então vamos mudar isso aí, né? Senão vai ficar...

DR - Hum, hum. (*risos*)

AM - Vamos dizer assim, estaria no quê? É porque eu já tenho... se eu tenho essa mania, né? Então fica difícil, mas ajuda! Que palavra que eu vou usar então? Estaria na personalidade, pronto! Tá bonitinho assim?

DR - É.

AM - Estaria na personalidade. Acho que já vinha assim de... não é de sangue não, vamu mudar isso aí, na minha personalidade. Talvez pelo jeito da minha mãe ser, pelo jeito que eu fui criada, aí eu também herdei um pouquinho dela.

DR - O seu pai, depois que foi embora, não apareceu mais?

AM - Não apareceu nunca mais.

DR - Vocês nunca viram, nem tiveram notícia...

AM - A gente cresceu com aquela idéia: "Seu pai foi embora, foi embora, foi embora." A gente também não tinha nem tempo de se preocupar com isso, aí foi embora.

AP - Mas a sua mãe participou, Angela, da sua educação, assim? Porque pelo jeito cê ficava nos...

AM - Não, ela participava assim... de presença, né? Por exemplo, trabalhava e ia visitar a gente, que ela não tinha casa. Aquelas coisa, né? De... de pobre, né? Aí, (*risos*) de vez em quando ela, ela sempre ia, vê como é que a gente tava, se tava tratando a gente bem. Ela não era aquela mãe presente porque ela não podia, mas ela sempre ia visitar, tá? Onde que a gente tivesse, ela ia.

AP - Mas ela também não estava na casa de um parente?!

AM - Não, nessa, nessa época, provavelmente, não tava com a gente. Era assim, ficava na casa de um e o outro ficava com os filhos, né? Dividiam o fardo, né? Porque o fardo era pesado, então tinha que dividir, um fica lá e o outro fica cá. Mas ela ia sempre visitar, se tavam tratando bem... e a preocupação dela era se tá tratando bem, se não tava espancando, aquelas coisa, né? Tá comendo direitinho, não sei o quê, essas coisa.

DR - E na maioria das vezes, vocês quatro ficavam juntos?

AM - Não.

DR - Ou também separava? Ficava um em, em cada parente?

AM - Não, eu ficava muito junto com esse meu irmão que é um ano e meio, né? Mais

velho que eu. E o outro tava com o pai, nessa época, ele nunca ficou na casa das pessoas assim. Ele ficou com o pai depois foi ficar com a minha mãe. Quando a minha mãe começou a trabalhar, nesse emprego de funcionária pública, aí alugou um apartamento... assim, um primo nosso, sabe? Emprestou, pagar um... aquelas coisa de família, né? "Paga só o condomínio, aí você vai morar lá, cuida da casa, fica com os meninos." Aí a gente começou a viver junto, aí meu irmão mais velho teve problemas com o pai, que o pai já tava casado, já tinha uma outra família, aquelas coisa, né? Aí veio com a mãe porque a mãe era mais boazinha. Nessa época, ele pulou pro lado de cá, né? Aí nós começamos a ter um contato maior, mas eu já tava com um, uns 15 anos, 16, tá? Foi um contato muito pequeno, assim de, diário mesmo com esse meu irmão, o... mais velho. É, a gente sabia que ele existia, eu tava sempre com ele visitando, minha mãe levava ele pra visitar a gente, a gente visitava ele, mas aquela convivência mesmo não teve, não.

DR - Só depois dessa época que ele voltou a morar com, com a sua mãe?

AM - É. Aí ele voltou a morar, de lá ele casou, aí eu também casei. Aí foi ali, né? Foi um espaço muito pequeno.

DR - Você casou cedo?

AM - Casei. Casei com... v... com 18 anos, ia fazer 19. ... Que mais que eu falo?

DR - E aí, como é que foi?

AM - Foi o quê?

DR - Cê namorou...

AM - Aaaahhhh...

DR - Noivou, casou?

AM - Na, namorava muito. Ih! Que nada! Eu namorava muito, era muito namorada.

DR - Hum.

AM - Mas na minha época, namorar era só namorar.

DR - Era só ficar? (*risos*)

AM - Não!

DR - É! O, igual ficar de hoje.

AM - Não, o ficar de hoje é mais profundo, minha filha!

AP - É! (*rindo*)

DR - É?

AM - Nananananão.

AP - Cê tá por fora, Dilene! (*risos*)

AM - Nananananão. Eu namorava... eu tinha assim um monte de namorado ao mesmo tempo.

DR - Hum.

AM - Eu já era promíscua com essa idade, mas não era, (*risos*) mas não era como é hoje. Por exemplo, era namorar mesmo, só beijinho, sabe? Dançava muito, sempre gostei muito de dançar, de passear, de namorar, muito namoradeira, tinha assim um monte de namorado ao mesmo tempo. Mas só namorado mesmo, sabe? Assim, meus irmãos tinham muitos amigos aqui, nessa fase a gente tava em Vila Isabel. Andava assim aquelas turma, era época de turma, né? Então tinha muitos amigos homens, então eu tava sempre no meio deles, mas entre eles mesmo não tinha nada, eram meus amigos mesmo, cuidavam de mim, né? Tinham maior medo dos meus irmãos, né? "Ah, que é a irmã, tem que cuidar." Irmazinha deles, não sei o que. Eu namorava muito assim fora da, da minha turma, né? E, mas namorava muito mesmo. Eu conhecia um aqui, namorava, tava namorando aquele, já arranjava outro namorado, eu tinha muito namorado. Mas era namorado mesmo, não é como é hoje. Porque hoje ficar, hoje é muito profundo, né? O pessoal dorme, dá, não, não era assim não, só ficava. Também não dei porque num... num sei. Eu num, num sei não, sabe? Acho que (*risos*) é porque não apareceu oportunidade... porque também não tinha nenhum preconceito contra isso, não. Mas eu acho que é porque... minha mãe tomava muito conta, a minha mãe vigiava, meus irmãos vigiavam muito, né? Porque... eu tinha meus irmãos mais velho, então era um xodó danado. Os caras tinham até medo de chegar perto porque quando eu tava namorando, já aparecia aquele bando de homem, né? "Tô aqui." Aí...

DR - É isso que eu ia perguntar. O que que, como é que é ser, ser irmã de três?

AM - Ah, e... nossa era uma...

DR - Ter três irmãos assim!?

AM - Nego vigiando pra caramba. Os mais velhos, os dois, o menor não sabia de nada, né? O menor a gente mandava comprar bala (*risos*), sai de perto. Não, os mais velhos, é, queriam conhecer, não sei o que, "Que é minha irmã." Sabe? Bancavam os gostosos. "Tô aqui, hein?" Não sei o que, aquelas coisas, né? Marcava hora pra chegar, "Entra." Minha mãe falava: "Manda ela entrar." Aí tinha que mandar entrar, aí eu ficava puta da vida, odiava. Pode falar palavrão? (*risos*) Eu ficava com um ódio danado porque eu detesto nego me mandando, eu odiava.

AP - Mesmo o mais velho com quem você não tinha muito contato?

AM - Eu odiava. Eu nunca gostei de ninguém mandar em mim, principalmente...

AP - Não, mas ele mandava também?!

AM - Mandava, não, mas eu não precisava assim tá? Eles mandavam... porque eles

gostam de mandar, mas não precisava porque eu obedecia, a eles obedecia, porque nem era besta, né? De enfrentar, mas...

DR - Porque se não obedecesse, acontecia o que?

AM - Não acontecia muita coisa não porque se quisesse bater, eu batia também, eu brigava muito com eles, saía no pau.

DR - Mas cê nunca arriscou?

AM - Não, nunca arrisquei, nessa parte não porque eu até obedecia a minha mãe, né? E a minha mãe se, tinha o respaldo deles, (*risos*) né? Quando ela não guentava ela chamava eles, né? Então eram três contra um, aí eu obedecia.

AP - E aí como mãe ela era meio careta, assim, controlava?

AM - Não, eu não acho que ela era careta. Eu acho que ela queria é que eu fosse diferente... justamente por ela...

DR - Diferente de que?

AM - Porque todo mundo na família era certinho, né? Ela era a única que não era, então a filha dela tinha que ser certinha. Então a gente brigava muito, né? Porque eu não queria ser certinha e ela queria que eu fosse.

DR - E o que que é ser certinha?

AM - Ah, ser certinha é isso, né? Não acontecer comigo a mesma coisa que aconteceu com ela, eu tinha que casar direitinho, tinha que ter um marido só, tinha que ter um homem só, aquelas coisa, né? Direitinho, né? Casar de véu e grinalda, que eu não casei, eu casei de chapéu, aí botei umas margaridinha na minha roupa, falei pra ela, cada pecadinho meu, era uma margarida (*risos*), che, eu cheia de margarida . Aí ela ficava louca!

Agora, eu gostava mais de falar do que fazer realmente, sabe? Eu sempre fui muito assim de pintar coisas que eu não era. E, e, esse é um defeito que eu tenho. Por exemplo, a minha mãe, ela não acreditava que eu era virgem, eu falava tanta besteira pra ela, eu queria tanto chocar a minha mãe, assim, mas não é chocar pelo simples prazer de chocar não, eu queria que ela tivesse confiança em mim, então eu ficava falando um monte de maluquice pra ela, sabe? Ela ficava desesperada e tudo mentira, eu não fazia nada daquilo que eu falava (*risos*). Eu só falava pra ela ficar apavorada, ela ficava louca.

DR - Como é que é? Não entendi! Você queria que ela esti... tivesse confiança em você e assim...

AM - Não! É assim, por exemplo, ela ti... ela não queria que acontecesse comigo a mesma coisa que ela. Então que que ela queria? Ela queria me vigiar, me controlar e eu ficava assim: "Ah, que vigiar! Não adianta cê me vigiar, se eu quiser eu faço!" Por exemplo, eu podia namorar... mas dez horas eu tinha que entrar, se eu não falasse que era namorado, eu dormia na rua. Eu ia pro, pra festa, chegava seis hora da manhã. Então, eu falava pra ela: "É só eu falar pra você que eu não tô namorando." Só que eu

queria que ela entendesse isso e ela não entendia! (*imitando a voz de mãe brigando*) "Não quero saber, se cê tá namorando, entra dez horas!" Entendeu? Aí era só falar: "Não tô namorando." Aí eu ficava na rua, ia pras festas. Só que eu não queria fazer isso, tapear ela, eu queria falar pra ela que eu queria que fosse do meu jeito, mas ela não admitia. Era uma briga danada, entendeu?

DR - Entendi.

AM - Eu num... eu num chegava pra ela e falava assim... que hoje eu vejo assim, é muito mais fácil. Assim: "Ah, é meu amigo, tá? Vou ali." Aí vai pro motel, cara... mas eu não, eu, eu não queria fazer nada, mas eu queria fazer o que eu queria fazer, ficar na rua até de manhã, eu e meu namorado e acabou. Só que ela não admitia, então era briga assim homéricas! Aí ela descobria que eu tava namorando, ela ia pra rua, me batia, quebrava o pau comigo, aí botava pra dentro de casa, fazia mó escândalo porque ela era assim muito... mas o objetivo dela era esse: era que não... que eu não fosse como ela. Ela queria que eu tivesse marido, filhos, sabe? Ela queria que eu fosse diferente dela.

DR - Isso ela falava ou você que achava?

AM - Falava e... demonstrava através das atitude dela, dava ela como exemplo, ah, sabe aquelas coisas? "Olha pra sua tia, porque não sei o que, é casada, é direita, a sua prima." Sabe? Aqueles negócio de comparar todo mundo. Aí eu ficava: "Lá, lá, lá. Mas não tem nada a ver comigo, (*risos*) eu quero ser do jeito que eu sou." Mas no fundo eu queria ser direitinha. Só que eu queria ser direitinha porque eu quero, não é porque ela quer (*risos*). Revoltada.

DR - Isso é o que cê chama de rebelde? (*risos*)

AM - É, por isso que eu acho que era um rebelde sem causa, porque... aliás, a vida inteira eu fui assim. Agora eu tô deixando de ser, mas eu fui até bem pouco tempo. Rebelde sem causa. (*risos*)

DR - Aí você, Angela, você disse que a sua mãe depois, é... que separou do seu pai, teve vários outros relacionamentos, não chegou a casar de lei, né?

AM - Não, não, namorava, era muito namoradeira.

DR - E como é que você se relacionava com essas pessoas que, que ela namorava?

AM - Não, ela num, num tinha assim acesso pra gente, tá? A gente sabia que ela tava namorando: "Ah, a mãe vai ali." A gente via ela se arrumar toda, saía namorar e tal. Mas não tinha assim, dentro de casa, conviver com a gente, não teve não. Aí apareceu grávida e a família toda... e as coisas que a gente sabia não era nem pela minha mãe, é pela família, sabe? Que pensa que você é criança, fica "hunhun", cacarejando do seu lado, aí você fica escutando.

DR - Pensa que cê não tá (*risos*) entendendo nada.

AM - Aí você tá escutando tudo, né? Falam da sua mãe, falam do comportamento, aí falam inclusive: "Pô, vai ver que vai ficar igual." (*risos*) Né? Aquelas coisa, né? (*risos*)

Vai ver que vai ser igualzinho, "filho de peixe, peixinho é", aquelas coisas, né? Então eu tinha dentro de mim que eu não ia ser igual a ela nesse ponto, mas... sempre demonstrei porque eu ia ser pior. Agora, entenda se quiser, que nem eu entendo, é complicado.

AP - O negócio, né?

DR - Quer dizer, aí, retomando esse pon... (*risos*), retomando esse ponto...

AM - Cê vai ficar doida, hein?

DR - Ela, quer dizer, teve os, os namorados, né?

AM - Muitos namorados, namoradeira.

DR - É... Vocês não conheceram eles?

AM - Não, não tinha contato assim, de morar na mesma casa, de, de conviver, não.

DR - Só de visitar.

AM - A gente sabia que conhecia, passeava, as vezes: "Vamos passear?" "Vamos." "Vamos no cinema. Esse aqui é o namoradinho da mamãe." É hoje é um, amanhã é outro, entendeu? Namoradinho, sei lá se era namoradinho, ah! Devia ser... homem, né? Mas tudo bem, né?

DR - Hum.

AM - Mas não era assim homem daquele jeito assim, não tava escrito em *neon* na cara dela que ela era isso, entendeu? Ela é uma mulher livre e tinha lá, né? Mas a galera falava que ela era chegada, né?

DR - A galera é a família?

AM - A família, é.

DR - Hum, hum. E aí conta então, quando você começou a namorar pra casar.

AM - Não, eu tive um namorado, é, eu namorava, mas eu namorava assim muito rápido, né? Do mesmo jeito que eu namorava, eu gostava e desgostava, tinha um monte de namorado, hoje era um amanhã era outro, quero namorar mesmo. Conhecia no bailinho, paquerava, só daqui a pouco eu já enjoava. Eu tinha uma amiga, a gente, aquelas coisas de garota, né? Não sei, você deve ter sido diferente de mim, né? Não posso nem comparar. (*risos*) É, a minha...

DR - Ilusão. (*risos*)

AM - A minha amiga, nós... eu tinha uma amiga que era assim: "Ah, não enjoei não. Pô, ele beija gostoso! Quer?" "Quero." "Então vai, fica com ele." Faz umas besteiras dessa, né? Aí ela: "Ih, não, mas é muito ruim." "Então tá. Vamos arranjar outro." Coisa assim, boba!

DR - Mas até hoje as meninas fazem isso, Angela. (*risos*)

AM - Bem boba, né?

DR - Um beijo de cara.

AM - Não, mas elas hoje vão até mais profundo, sei lá, mas eu não ia muito profundo, não.

Aí e, eu namorei um rapaz, é... durante quatro anos. Namorei assim... ele morava assim, em frente a minha casa, bem assim a minha infância que o cara chega em tu, namoradinho, sabe? Ah, namoradinha, eu era apaixonada por ele, a gente dizia que ia casar, não sei o que. Aí nessa época, eu sosseguei um pouquinho, sabe? Quer dizer, médio, né? Quando ele não tava perto eu aprontava, (*risos*) mas quando ele tava do meu lado eu namorava ele direitinho. Que ele ficava muito na casa da mãe dele, que os pais dele eram separados, ele morava com o avô e de vez em quando ele ia ficar na casa da mãe dele e eu esquecia que ele era meu namorado.

DR - Que era longe?

AM - Mas eu era apaixonada por ele. Hã?

DR - A casa da mãe dele era longe?

AM - Era longe, é. A gente morava em Vila Isabel, ela morava lá pro subúrbio, não sei onde é não, até já fui na casa, mas não lembro. Aí a gente... mas eu achava que eu ia casar com ele, né? E a minha mãe dando maior força, minha mãe adorava ele, né? "Ai, não sei o que." Aí minha mãe contava pra ele as coisa que eu fazia, aí ele vinha (*risos*) brigar comigo. "Ah, que ela diz que gosta de você, mas ela fica saindo, ela vai pras festas." Dizendo das festas que ele também gostava de ir pra festa. Tudo que era baile de festa, tava em todas, né? Dava *tchau* pro namorado e corria pras festas, né? Aí eu falava que ia dormir e não ia nada. Aí namorei ele muito tempo, a gente falava em casamento, a família achava que a gente ia casar, né? Aí um dia nós brigamos, brigamos assim sério até por ciúme de uma... ele tocava num conjunto... Ai, que coisa ridícula! Tem 100 anos isso! Ele (*risos*) tocava num conjunto e... e tinha uma garota amiga, uma, uma vizinha lá que é gamada dele, aí eu soube que a garota ficou dando em cima dele, não sei o que, aí eu criei aquela, fiz aquele rebu e terminei com ele. E nessa época, o meu irmão, esse que é um, um ano e meio mais velho que eu, ele já trabalhava, porque eles começaram a trabalhar cedo, né? Ele começou a trabalhar cedo pra ajudar a minha mãe, né? O meu irmão mais velho era para-quedista, né? Lá da... do exército, é, nem trabalhava porque a minha mãe pediu pra ele não seguir carreira de militar, ele queria, se, seguir carreira, minha mãe pediu pra ele não seguir, ele ficou um vagabundo, né? Aí ele não fazia nada também, né? Ele queria seguir carreira: "Ah, não, porque cê vai morrer, o avião, não sei o que." Aí ele não deu pra nada, né? Ficou vagabundo dentro de casa, aí esse meu (*risos*) irmão acima de mim...

DR - Ele queria seguir ca, agora vê, entramos numa...

AM - Carreira, mas aí ela não deixou.

DR - E ele tinha condições de seguir carreira?

AM - Tinha. Ele já era pára-quedista, já tava lá, mas aí ela começou a apelar, pediu pra ele arranjar outra coisa, não sei o que, ele deu baixa, saiu e não arranhou nada, também não estudou, não fez nada, tinha parado de estudar e não deu, ficou assim a toa, né?

DR - Aí ficou morando com sua mãe também?

AM - Ficou morando lá com a gente, tava lá morando. Aí esse meu irmão acima de mim, abaixo desse, começou a trabalhar, sempre quis as coisas, não tinha, ele começou a trabalhar como *boy*, como auxiliar de, de escritório. Aí nesse intervalo que eu terminei com esse namorado, ele tava trabalhando numa firma e tinha dois amigos, que é o meu ex-marido e um amigo nosso. Ele trabalhava com eles, aí quando eu terminei com esse meu namorado, é, tava tendo uma festa na casa duma... dum, dum desses meninos, que foi o meu marido. Aí co, eles ficavam assim brincando, né? Porque ele tinha, os amigos dele tinham irmã e ele também: "Ah porque eu vou conhecer a sua irmazinha." Aquele negócio de homem, né? Aí o, o... o Roberto, né? Que é o meu ex-marido falou: "Cê só entra na festa se cê trouxer sua irmã preu conhecer." Porque ficavam falando das irmãs e um queria conhecer a irmã do outro. Aí ele tinha me convidado, eu falei que eu não ia nada porque eu tava namorando, tal, mas aí como eu tinha brigado, aí ele falou: "Pô, você não tá mais namorando fulano, vamos na festa?" Falei: "Ah, então vamos, não tô fazendo nada." Aí eu fui na festa, né? Só que ele foi me encomendando pelo caminho que eu era uma capeta, né? Ele falou: "Ó, quando chegar lá ele vai tá com a namorada, mas ele só fala em você."

DR - Ele quem?

AM - Meu irmão, falou do, do Roberto que foi meu marido, né?

DR - Hã.

AM - Quer dizer, Roberto. Eles trabalhavam junto, era Roberto, Emerson e Paulo. Paulo era o meu irmão (*pigarro*), é meu irmão. "Ó, quando cê chegar lá ele vai tá com a namorada, mas ele só fala em você." Porque ele já tinha me visto assim de longe, mas não fui apresentada a ele não, mas um dia ele chegou lá em casa com meu irmão, eu tava saindo, aí meu irmão disse que ele tinha se apaixonado, eu falei: "Ah, azar o dele." Aí ficou com aquelas coisa, né? "Mas quando chegar lá você fica dando em cima dele porque... bota ele sem graça." Porque eu era cara-de-pau mesmo, né? Aí já fui encomendada, né? "Chega lá você fica dando umas paquerada nele, ele vai tá com namorada vai ficar todo sem graça." Aí ele deu, né? Sopa no mel, né? Eu gostava, né?(*risos*)

Aí eu fui, né? Aí cheguei lá na casa dele já fui assim, né? Toda íntima: "Ah, você queria me conhecer, não sei o que." A guria puta da vida, né? Querendo me matar. A minha ex-sogra, né? Porque agora... é a minha sogra, né? Também me detestou, todo mundo na casa me odiava porque gostavam da garota e eu já cheguei assim arrasando, né? E ele doido, né? Porque ele queria... ele tinha, ele gostou mermo de mim, né? Se apaixonou, né? Não tem jeito. E, e ele não sabia o que ele fazia com a namorada, né? E eu adorando, né? A confusão, né? Aí ele foi... uma hora lá, ele falou pra mim que ia levar a namorada em casa e ia voltar pra ficar comigo e a família dele quase bateu nele, né? Que ele não podia fazer isso, que não sei o que e doidinho pra se livrar da

namorada. Eu sei que ele foi levar a namorada em casa pra ficar comigo, aí eu cheguei pro meu irmão, falei: "Pô, mas eu não quero ficar com esse cara não, esse cara é muito feio." Eu achava ele horrível, na época, né? "Hum, cara feio, você fica mandando eu ficar com esse cara aí." Aí, mas agora ele foi deixar a namorada em casa, né? Tem que ficar, né? Aí a gente ficou dançando e tal, mas o pessoal, os irmãos dele, né? Tudo me odiando, sabe? Passar perto de mim, me olhar assim como quem diz, eu aprontando tudo, né? Ó, eu sei dizer que eu comecei a brincar mas aí eu gostei da brincadeira, né? Comecei lá, brincar do negócio, aí eu gostei, né? Falei: "Ah, tá bom demais!" Não sei o quê, aí a gente ficou lá dando uns beijinho e tal, aí...

DR - Angela, e você se sentia bem bonita, nessa época? (*ruído*)

AM - Ah, não me sentia não, eu era. Não era eu que falava não. ... Eu hoje eu sou tiririca do brejo (*risos*), mas já fui alguma coisa. Não era eu que falava não, era o povo mermo.

DR - Não, mas você se sentia?

AM - Não é questão de sentir não! Eu olhava, enxergava e via, né? Não é jogar fora não. Dá pro gasto!

DR - Hum.

AM - Mas não era bonita só assim... o que eu acho interessante, não era bonita só fora, por fora, não, sabe? Eu era uma pessoa que eu cativava as pessoas, não sei. Eu acho que eu ainda cativo, infelizmente sou obrigada a dizer isso pra você. É, com todo jeito de maluca, com todo jeito de doida, sabe? Eu sinto que eu cativo as pessoas, também quando eu quero, né? Quando eu quero, eu consigo. Então se eu falei que eu ia, eu fui cativei, né? Consegui, né? Só que eu também fui conquistada, porque eu achava ele feio, mas, de repente, eu comecei a conhecer ele, né? Então aí, gostei dele também, né? Só que gostei dele, mas eu não queria nada sério! Ele queria comigo, mas eu não queria com ele, tá? Ele me namorava, super sério e eu namorava ele como eu namorava os outros todos que eu namorava, né? Só que aí ele começou a falar de casamento, de noivado e tal e eu ia... eu fazia bem assim com ele, ele estudava, né? Aí ele ia me ver todo dia, ele saía do trabalho, ia me ver, aí quando ele saía, eu ia pras festas, né? Aí a minha mãe: "Vou falar pra ele." Eu digo: "Que vai falar nada." "Vô." Aí a minha mãe contava tudo pra ele, né? Aí ele brigava comigo, mas ele dizia que gostava de mim, que eu ia mudar, pereré... Aí quando ele falou em noivado ele falou que queria ficar noivo, mas queria que eu parasse com isso, que eu não podia ficar saindo porque e, ele tinha me seguido já...

DR - Ele sabia que você ia pras festas depois dele ir embora?!

AM - Sabia. (*Pigarro*) Sabia porque ele começou a falar todos os nomes dos lugares que eu ia. Ele parece que ia até lá vê. Ele não deve ter gostado de nada.

DR - E quais eram os lugares, Angela? Eram clubes...

AM - Eu freqüentava clube, esses clubes "Vitória", sei lá, esses clube da época, essas coisa bem maluca aí, nem me lembro, "Banco do Brasil", qualquer um, "Satélite",

qualquer coisa que tivesse perto assim. "Piedade", tem uns que ainda pega ônibus, porque era bem pobre mesmo. Ser pobre... não era bem pobre, é classe média mesmo. Ninguém tinha carro, a gente ia de ônibus, aquela turma, né? Aprontava todas no caminho, aquelas bagunça de baderneiro, né? Hoje é *funkeiro*, né? Na minha época não era não. Qualquer um fazia bagunça no ônibus. A gente fazia maior bagunça, saía aquela turma corrida dos clubes, aprontava tudo, eles expulsavam a gente, aquelas coisas. E ele sabia de tudo que eu fazia.

Aí ele falou: "A gente vai ficar noivo, vai casar. Cê agora vê se não faz mais isso." Aí começou a falar tudo que eu fazia, né? Fiquei sem graça! "Nossa! O cara sabe tudo que eu faço." Aí... eu falei: "Ah, tudo bem então." Quer dizer, eu deixei de fazer... mas eu acho que eu não queria ter deixado de fazer não, sabe? (*risos*) Eu acho que eu devia ter pensado um pouquinho porque eu casei, aí nós casamos, é... compramos nossas coisas, aí, e, eu, mas eu, o negócio é o seguinte: a minha mãe, acho que me ajudou muito a casar porque ela (*risos*) queria se livrar do problema, entendeu? Tipo assim, eu era um problema, né? Porque eu era terrível, né? Então quando ela viu aparecer esse homem aí que era o príncipe do encantado que ela achou que era pra mim, quer dizer, primeiro era o outro, depois quando apareceu esse, já trabalhava, né? Falou em casamento, o outro era muito garoto ainda, né? E era filhinho de papai também, não tinha profissão, não estudava, não fazia nada. Esse não, esse universitário, era todo... era pobre mas era melhor do que eu, né? Tinha mais condição do que eu. Aí minha mãe deu maior força, né? Pra casar e tal (*pigarro*), aí minha mãe praticamente me obrigou a casar, né? Porque era assim, né? Começou a impor muita coisa porque aí ficou noivo, né? (*imitando voz de mãe*) "Não sei o que, porque moça direita não faz isso, não faz aquilo, que não sei quê." Sabe aquelas coisa de buzinar no ouvido? Aí tinha hora pra sair, tinha hora pra chegar, tinha que pedir permissão pra ir ali, pra ir ali pega na mão. Sabe aquelas coisas? Começou a... a encher tanto a paciência que eu acho que eu me casei mais pra me livrar disso, sabe? Só que entrei em outra, mas tudo bem. Aí...

AP - Casou virgem, Angela?

AM - Casei. Virgínia da Silva. Ela não acreditava não, sabia? Eu jurei pra minha mãe que eu era virgem mas a minha mãe não acreditou não. (*Imitando voz de mãe*) "Vai enganar outro." Aí eu digo: "Ah, então tá bom, ué?! Não acredita, tudo bem." Porque eu... quer dizer, ela na, na época dela ela aprontava, eu aprontava... assim, eu também quebrei muitos tabus assim na vizinhança. Eu não era aquela menininha direitinha, não sei o que, direitinha que eu digo assim, bo... eu, quer dizer, eu jogava bola com meus irmãos, eu soltava pipa, era bem moleca mermo, já, é, eu jogava bola de gude e ao mesmo tempo eu saía de noite, namorava. Quer dizer, eu era assim, totalmente... fora dos padrões das minhas amiguinhas, né? As amiguinhas todas bonitinhas, comportada, toda assim de lacinho, arrumadinha... eu nunca fui assim, sempre fui, sabe? Doi...

Fita 1 – Lado B

DR - ...suas amiguinhas?

AM - Tinha, mas eu não gostava muito de amiguinha, não. Gostava mais de amiguinho. Eu me, me, me... me relacionava melhor com rapaz, assim, com menino... pelas brincadeiras, né? De jogar bola, isso é por causa dos meus irmãos, eu sempre andei muito com menino, né? Então eu brincava muito com eles, aí com os amigos deles. Eu tinha amigas, mas eram poucas. Poucas... e assim, e que eu acho assim que com mulé

tem muito aquele negócio de competição não sei o que, aquele negócio... então se não fosse uma amiga legal mesmo, eu não sou assim de ter muitas amigas não porque eu não gosto de, de, de, sei lá, de, aquelas picuinhas de... sabe? Então homem não tem esse negócio, você é amiga é amiga mesmo pra toda hora, aquelas confusões. Então aí eu entrava mais na bagunça deles, né? Aí... eu tinha muito amigo assim, rapaz, né? Andava muito com os rapazes... tinha amigas mas eram muito poucas assim, nunca me dei bem, brigava muito.

DR - Pra esses bailes na Piedade, por exemplo, você era a única menina que ia num bando de meninos?

AM - Normalmente eu era uma da, é, normalmente era eu, única menina, com meus irmãos, sempre meus irmãos indo, quando não ia um irmão assim, ou o mais velho ou o outro acima de mim eles recomendavam, que se eu tivesse com namorado e fazia alguma coisa: "Ah, porque minha irmã, toma conta." Não sei o que, aquelas coisas, né? Aí os meninos achavam todos que tinham que tomar conta, aí ficava tudo olhando: "Olha aí." Aí pintava um urubu qualquer: "Ah!" Aí eles apareciam: "Ah, tá comigo, hein?" Não sei o que, aí espantava, né? Era, brigava com eles, era uma confusão danada.

DR - Quer dizer, urubu também é a terminologia dos meninos, né?

AM - É.

DR - (*risos*) "Pintou um urubu."

AM - Apareceu outro menino, veio de fora, né? Pintou outro de fora.

DR - É, não, eu sei que que significa, (*risos*) ma, mas os meninos é que falam assim, né? Apareceu um urubu.

AM - É. Pintou um diferente na turma, né?

Aí eles já iam lá e tal, aí foi assim, né? Aí ele pediu preu, é... parar com essas confusões toda, né? Aí eu casei... mas como eu já disse, por causa da minha mãe que a minha mãe ficou um... impondo muitas regras.

DR - Mas por causa da sua mãe, aquele momento, este homem, u... o casamento em si...

AM - Não, este homem...

DR - ...porque você disse que também...

AM - Não, eu gostei...

DR - ...foi conquistada por ele...

AM - ...eu gostei dele...

DR - ...também aceitou casar com ele...

AM - ...mas eu acho que eu não casaria. Se ela tivesse deixado assim... como direi? Eu

viver a minha vida, talvez (*risos*) eu tivesse pior do que eu tô hoje, eu não sei mas naquele momento, talvez eu não tivesse casado se ela tivesse deixado mais frouxo ou ele mais frouxo. Aí eu não sei se ela fez ce, tava certa ou se ela tava errada. Eu hoje como mãe, eu vejo assim eu não teria forçado tanto. Eu teria deixado mais livre. Até, de repente, pra, orientado mais e, que é o que eu tenho como objetivo, orientar mais, mas nunca forçar a fazer coisas através de casamento, entendeu? Por exemplo, eu acho que eu era muito nova, eu não tinha profissão ainda, eu tava começando a... é... eu ia fazer magistério, sabe? Ele tava fazendo faculdade, então de repente...

DR - Ele estudava o que?

AM - É, engenharia, é, economia. Engenharia foi meu filho que se formou agora. Economia, ele tava fazendo economia na, na Gama Filho. Então a gente tava começando a vida, tava arrumando as coisas, então eu acho assim, ela forçou muito a barra pra casar talvez, porque ela não tivesse tido um casamento ela queria que eu casasse tudo certinho, então forçar que eu digo é nessa, nesse lance de não me deixar... mais a vontade com ele, de repente, até ter alguma coisa com ele e não casar! Porque ela queria que tinha que ter casamento, né?

AP - Aí você namorou pouco tempo, Angela?

AM - Ah, em dois anos a gente namorou, noivou e casou. E no ano seguinte meu filho nasceu, meu filho tá com 24 anos, eu tenho 44. ... Porque no, no, no outro, no meu, no íntimo eu também queria ter filho, eu era muito assim, adoro criança, sabe, sempre gostei muito de criança. Então o casamento pra mim já era isso, né? Casar, ter filho, não sei o que, não tinha esse negócio que tem hoje: "Ah, vou curtir meu marido três anos, depois de quatro anos eu tenho um filho." Tu... sabe? Na minha cabeça era casar, ter filho, sabe? Eu achava que... é, quer dizer, ao mesmo que eu era tão esclarecida que eu achava que eu era assim... eu ia falar uma palavra agora.

DR - Fora dos padrões.

AM - Eu ia falar outra coisa, né? (*risos*) Falar... (*risos*) eu era boba porque vê, eu queria o que? Casar, ter filho... quer dizer, de repente não era aquele momento, mas me levaram praquilo eu já fui e fiz tudo... sabe? Se eu tivesse sido esperta pelo menos, eu casava dava um tempo, mas não eu já fiz tudo.

AP - E os objetivos profissionais, Angela? Aí, você abandonou?

AM - Eu? Não tinha muitos, não. Pra não dizer... pra dizer a verdade, a única profissão que eu tive vontade de ter a minha mãe quase me matou, que era aeromoça, achava um barato, queria viajar, não sei o que, aí a minha mãe: "Não." Começou a dar berros dentro de casa, que não sei o que, porque com aque... a minha mãe, ficou: "Esse negócio de aeromoça que dorme com o comandante e não sei o que, que isso era, todo mundo dorme com todo mundo." Eu: "Ih! Não sei o que." E eu queria assim pra me sentir livre, pra viajar, pra não sei o que. Aí eu falei: "Ah, sabe de uma coisa ?" Aí todo mundo: "Ah, faz normal, porque normal já prepara pra outra coisa que você queira fazer." Que eu não fiz nunca, né? Aí fiz normal, até casada já, meu filho nasceu eu tava no terceiro ano de normal, ele deu mó força, né? "Que a mulé dele tinha que ser professora, que a única profissão que podia trabalhar..." e a burra fez, né? Quer dizer, eu mudei assim da água

pro vinho, né? Quer dizer, pensei que eu tivesse mudado, né? Mas não mudei não, pensei, né? Acho que eu fiquei assim adormecida (*risos*) um período. Aí depois eu enjojei, enjojei rapidinho da vida que vida que eu levava, não gostei, não. Ai, minha vida começou a ficar muito chata.

DR - Porque depois que você casou... quer dizer, você abandonou de estudar, mas retomou mais adiante?

AM - Não, aí eu, eu comecei a, não, eu fiz até o terceiro ano, eu conheci ele eu tava no primeiro ano aí me formei, né? Um, dois, no segundo ano, no terce... aí já tava casada, no terceiro ano meu filho nasceu. Estava casada com ele, a gente foi morar no Engenho Novo, ele montou uma casa simples, um apartamento alugado, tal, pra gente, ele estudava à noite, eu estudava de dia... Então eu já fiquei logo pra terminar o terceiro ano, é, fazendo estágio, aqueles negócio todo, né? Aquela confusão com a criança, tinha que, que, que fazer estágio e eu não sabia o que fazer com o menino, a minha mãe era muito doente nessa época, aí a minha mãe pra tomar conta do meu filho não podia, eu tinha que ir lá pra Madureira pra casa da minha sogra deixar o menino, pra depois vim pra Cidade, que eu estudava no Carmela Dutra pra, Carmela Dutra não. Pro Ji, Ju, é, Julia Kubitchek aqui na... Carmela Dutra era onde a minha sogra morava, lá em frente, em Madureira, eu tinha que vim aqui pro, pro Julia Kubitchek estudar, quer dizer, começou a ficar tudo muito pesado e eu não tinha muita paciência, eu adorava criança mas eu acho que eu era muito nova, eu não tava preparada praquilo, aí de repente começou um monte de coisa na minha cabeça, falei: "Não quero mais saber de filho nenhum, não quero mais filho." Tanto que o meu filho mais velho tem 24 anos e o outro tá com 16. Eu falei: "Eu não quero mais filho." E eu queria assim um monte, né? Falei: "Não quero mais filho não porque esse negócio de filho é muito chato!" Quando eu queria dormir o guri queria acordar, aí eu, aí, tinha que fazer as coisas em casa, não tinha empregada, né, que a gente tava duro, né, ele tava estudando, ganhava pouco, sabe? Aí o amor... existia amor, mas começou (*risos*) a ficar uma confusão danada dentro de casa, mas tudo bem, mas a gente superou isso porque a gente ficou junto, brigava, desde dessa época já brigava, a gente brigava muito, eu, né? A gente eu. Eu brigava muito com ele, eu sempre fui muito brigona. Aí a gente resolveu morar numa casa por causa do menino: "Ah, vamu morar numa casa." Que aí a gente comprou uma casinha.

DR - Mas aí você passou o ano inteiro assim?

AM - Como?

DR - Levava o menino na casa da sogra.

AM - Não, o ano inteiro, não. Não, quando ele não podia ficar ou quando eu tinha alguma coisa pra fazer, é, como é que se dá o nome? Estágio, não, como é o nome? Apresentação, não. Aula, né? As vezes tinha que dar aula.

DR - Hum.

AM - Fa, é, fazer plano de aula, não sei o que na casa de amigo, trabalho em grupo, era um confusão fazer isso! Quer dizer, eu terminei aos trancos e barrancos, mas consegui até melhor do que as outras vezes porque até ali eu não tinha estudado direito e o meu

normal eu fiz super legal, assim, querendo, era uma coisa que eu gostava, eu queria dar aula. Só que aí quando eu me formei, é... não tava tendo concurso, né? E eu também num quis dar aula em colégio particular, nunca me interessei... então eu só fui dar aula quando meu filho tava com seis anos, fiz concurso... pro município, né?

AP - Aqui pro Rio mesmo?!

AM - Aí passei, pro Rio, aí fiquei super encantada, fui dar aula em Irajá, né? Que é uma coisa que eu adorava, né? Na favela lá do Amarelinho, eu sofria pra caramba mas eu adorava, curti pra caramba. Nessa época eu já tinha empregada, a gente tava morando numa casa, a situação já tava uma pouquinho melhor, né? A gente morava numa casinha de vila ali em Vila Isabel, aí já tinha uma empregada, foi a primeira empregada que eu tive, tomava conta do meu filho. Meu filho já tava estudando no Colégio Batista porque a gente já tava com uma situação melhor, sabe? A, a nossa vida foi melhorando que ele sempre foi muito esforçado, começou a trabalhar de, sabe? Já tava tendo assim sucesso na carreira dele.

Aí eu comecei a dar aula, dei aula nos Amarelinhos aí pedi, fiquei dois anos lá, daí pedi transferência pro Salgueiro, quer dizer, pro Salgueiro não. Pra Tijuca e me mandaram pro Salgueiro, né? Porque era mais perto de casa. Aí, que eu já tava morando na Padre Francisco... morava num apartamento, aí... ali na Tijuca, aqui pa... aqui perto, ali perto da Maxwel. Aí ele, ele foi e inventou esse negócio, a firma dele tava implantando pólo petroquímico de Camaçari lá em Salvador, aí ele teve que ser transferido pra Salvador, aí começou, né? (*risos*) Que não parou mais, daí parece cachoe, cachoeira viajante. Aí meu filho ia fazer sete anos, não ele já tava com sete, ia fazer oito, foi transferido pra Salvador. Aí perguntou pra mim que que eu achava, que eu ia ter que deixar minha família, mas eu falei assim: "Ah, tudo bem, né?" Aí eu fui na frente com ele um dia, nós fomos passear lá, passamo, passamos uma semana, ele me mostrou a Bahia, né? Aí eu falei: "Pô, tudo bem, tô afim." "Você vem morar aqui comigo?" Falei: "Venho, vambora." Tem que ir, vamu, né? Porque ele ia ganhar muito mais, ele ia ser gerente, sabe, aquelas coisas, né? A gente vai ter isso, vai ter aquilo, vai melhorar a nossa vida. Então não é, aí mudei, né? Mudamos tudo, a minha mãe chorou: "Você vai me abandonar, não tenho ninguém, só você."

DR - Quando seu filho nasceu sua mãe, cê disse que sua mãe já estava muito doente.

AM - Muito doente.

DR - Que que ela tinha?

AM - Ah, ela é muito doente. Ela tinha problema de hipertensão, diabete, coração, não sei o que, tinha tudo, eu não sei que que ela não tinha, ela tinha tudo, tinha problema de rim, ela ti... era um poço de doença. Ela tinha muitas, muitas, muitas coisas, muitos problemas, muito, muito, muito, muito. Vai ver até que já tinha, né? Não sei, mas... (*risos*)

DR - E aí quando você mudou pra Bahia ela...

AM - Eu acho os problemas dela muito emocionais assim, porque ela era uma pessoa muito, é... eu acho assim, muito... nervosa por causa desses problema todo dela e ter problema de tiróide, sabe? É... tiroidismo, não sei o que, tudo, tudo a, abalava, sabe, eu

de, eu me lembro que eu ia no médico com ela, tudo era o sistema nervoso, né? Aquela falta de dinheiro, era filho, era não sei o que, tudo mexia com ela. Então ela, aparecia um monte de complicação, cada hora uma complicação diferente.

Aí meu irmão mais novo, tava morando com ela, o outro, os outros dois já tinham casado e ela tava morando com o mais novo, né? E... e ele se, se dedicava muito a ela, ele dizia que não ia casar nunca, mó mentiroso, mas tudo bem! Disse que não ia casar nunca, que ia ficar com ela e eu tava sempre ligando, sempre em contato com ela, mas... vinha visitar muito, vinha muito ao Rio, não vinha assim todo dia, mas assim duas, três vezes por ano eu vinha, né? E ela gostava muito do meu filho, era apaixonada pelo meu filho, né? Que ela tinha outros netos dos filhos, mas dizia que aquele que era neto, aquelas coisas de mãe, né? Filha do... como é que é? Filho dos meus fi... da minha filha, meu neto é, não, como é que fala que é fi... a gente fica com raiva, é... filha da minha filha meu neto...

AP - Filha da minha filha, é assim, meus netos são.

AP/AM - Meus filhos serão, não.

DR - É.

AM - É, ela adorava isso, né? Meus irmãos ficavam danado, né? E ela adorava meu filho, né? E ficou apaixonada porque a gente mudou. Ela faleceu eu ainda tava na Bahia. Eu já tinha os outros dois pequenos quando ela... Ah sim! Aí eu fui pra Bahia, né? Aí eu tinha que largar meu emprego, né? Eu adorava o emprego, aí eu falei: "Pô, mas agora que eu tô gostando."

DR - O do Irajá?

AP - Não, aí já era do Salgueiro.

DR - Ainda o de Irajá, não? Já era no Salgueiro.

AM - É, o do Salgueiro, né? Mas era do município, né? Que eu fui transferida.

DR - Hum.

AM - E eu fiquei apaixonada, né? Falei: "Poxa, nunca trabalhei, quando eu começo a trabalhar." Que eu não tinha feito nada na vida toda, né? Eu só dava aula, né? Três anos. Tava assim empolgadíssima, né? Que eu era uma professora assim, ótima, né? Aquela professora bem doida assim, né? Meus alunos me adoravam, eu curtia pra caramba, né? Dava aula, brincava, xingava, batia, não sei o que, mas eles me amavam, eu adorava, né? Lá no morro quase que apanhava, mas os pais gostaram de mim, era bem doida mas eles gostavam de mim, me introsava muito bem com meus alunos e com os pais dos meus alunos, só tinha maluco, marginal, assassino (*risos*) e eu tava lá no meio, né? Sempre tive facilidade (*risos*) de me entrosar com essa galera, né? Tudo bem.

Aí, aí ele falou: "Ó, mas que que a gente vai fazer? Eu tô indo pra Bahia, cê vai ficar aqui trabalhando?" Aí eu pensei: "Pô, eu ganho uma miséria." Que eu ganhava uma miséria, né? E a gente ia pra lá pra ele melhorar de vida, pô, safadeza, né? Aí eu me lembro que eu fui pedir... eu queria ver se eu arranjava uma licença sem vencimento, aí como a, a, a, a fábrica dele era subsidiária da Petrobrás, ele me arranjou um papel que

disseram que da Petrobrás, alguma coisa ligada com a Petrobrás eu ia conseguir, aí eu fui lá, né? Na Secretaria, conversei, mas, aí me lembro que eu entrei numa sala assim que só tinha velho, né, aquelas velhas assim bem caquéticas, né? "Ah, por que que você vai atrás do seu marido? Hoje em dia não existe isso, não. Se você quer da, trabalhar, por que que você não fica aqui, ele vai?" Eu falei: "Porque vocês não me pagam. É uma miséria que se, que é uma professora, você acha que eu vou perder meu marido que quero ficar lá? Paga mais que eu fico." (*risos*)

Aí eu nem tinha como ficar, né? Uma miséria, nem, no, não sabia nem o dia do meu pagamento, eu só sabia do dele, né? Porque eu gastava tudo com meus alunos, eu vivia pegando dinheiro dele pra comprar livro, caderno... Eu, a, a, a minha sala era ótima, né? Porque eu que comprava livro, caderno, lápis de todo mundo, né? Todo mundo tinha tudo, né? Porque o pessoal super carente, né? Então não tinha dinheiro, aí eu queria dar aula, mas queria dar aula com material então eu comprava tudo, ele ficava danado, né? "Cê, fica mais barato se você ficar em casa, que você..." Eu gastava o dinheiro dele a beça, eu comprava livro pros meus alunos, eu comprava tudo. Mas ele gostava porque eu, eu me sentia realizada, eu gostava, né? Aí, aí eu não consegui a licença sem vencimento, tive que sair, né? Aí saí, fui pra Bahia, aí ficou naquela: "Quer dar aula particular? A gente arranja. Não arranja..." Aí eu falei...

Ah, não! Aí eu tava grávida, eu não sabia. Eu tava grávida... nessa época de transferência eu fiquei grávida porque e, eu não evitava, mas também eu tinha uma certa dificuldade pra pegar filho. Eu ia no médico, tava tudo normal, tudo legal, mas não engravidava fácil não e eu não tomava pílula e num, num pegava, talvez não transasse nem na época, num fazia tabelinha, não fazia nada, não pegava. Aí de repente eu vim... na época da mudança pra Salvador eu descobri que eu tava grávida, aí ele ficou todo contente, não sei que, não sei que, é... tira, não tira, vai ti, não... Ah, minto! Antes disso, um tempo antes, eu descobri que eu tava grávida e eu falei eu não quero, foi logo depois do, do Marcelo. O Marcelo tava assim com, novo ainda falei que eu não quero filho porque eu não quero, eu tava traumatizada com negócio de filho, eu falei: "Eu não quero outro filho." Não sei o que. "Não, mas é aborto, é ilegal." Disse assim: "Não quero saber." Aí eu fiz um aborto, aí ele: "Tem certeza que você quer?" Eu digo: "Quero, eu não quero filho." Aí a gente foi, né? Naquelas coisas, né? De aborto, né? Aí ele: "Mas você queria tanto filho." "Mas (*risos*) agora não quero mas que esse daí já me acabou." Mas mi, meu filho era normal, eu é que não tinha estrutura, né? Aí eu sei que eu tirei, né? Tirei aí tá, passou uns anos, aí começou essa época de, de... de viajar, transferência e vai transferir: "Tu vai transferir? Vamu, vambora. Vem mudança, não sei o que." Aí eu descobri que eu tava grávida, só tinha passado algum tempo desse aborto.

DR - Aqui ainda, no Rio?

AM - É. Aí eu descobri que eu tava grávida, bem junto com a mudança, aí eu já tava grávida, né? Aí eu sei que quando eu mudei, eu tava com seis meses e toda feliz, né? Porque aí a situação já era outra e não sei o que, mais um neném, você vai ganhar um irmãozinho, não sei o que... aí perdi. Cara, fiquei puta da vida! Já tava assim com enxoval, toda contente, né? Aque... querendo, né? Curtindo a criancinha, já tava imaginando que a vida ia ser diferente, ele falou que ia arranjar babá, a gente já tava com a situação melhor, né? Que o primeiro foi difícil porque a gente tinha que tomar conta, estudava, mas agora a gente já tava mais maduro, que já podia ter uma empregada, uma babá, aí eu já fiquei toda contente, eu chego lá faço bilu-bilu e vou embora, né? Brinco quando eu quero, pô poder dormir. Aí perdi, né? Primeiro fiquei com problema assim..., perda de sangue, aí fui pro médico, fiz tratamento, injeção, bota

as perna pro alto, não sei o que. Fiquei de molho um tempão e nada, aí perdi mermo, tive que fazer uma curetagem, aí perdi. Aí fiquei pau da vida, falei: "Agora não quero mais filho, também agora não quero mais porque não sei o que." "Mas..." - a médica - "...não, tenta." "Não vou tentar nada, não quero mais saber de filho, agora eu não quero." Porque eu não queria, tirei, aí fiquei, perdi, aí as, as ma, as mais velhas: "Tá vendo? Tirou aquele, castigou." Aquelas coisas, né? Ainda tem esse castigo, né? Tudo é a culpa, né? Já vem daí a culpa, né? Se tivesse deixado aquele, mas não deixou agora também Deus castiga, é... Deus castiga mermo. Aí ta, aí fiquei grávida logo depois. Comecei a fazer uns exames que a médica queria saber porque que eu tinha perdido, que eu tava super normal, fez e, exame, tava normal, tem que ter uma: "Vamu fazer biópsia", fez exinofel, deu tudo normal, não tinha problema nenhum comigo, foi a gravidez, ela falou: "Má formação. Deve, não deve ter ficado bem coladinho no útero e tal, cê perdeu. Cê vai ver só que isso não é nada." Eu digo: "Não, nada não que eu não quero mais ter filho." Aí ela me mandou fazer um exame, tava grávida de novo, falei: "Ah, cansei de tirar." Aí: "Ah, pa, vamuu que eu vou salvar seu filho, que agora não vai ter nada." Que eu tava fazendo acompanhamento e eu tô lá, né? Puta da vida! Fingindo que eu não tava grávida, que a pri, a outra, eu tava assim curtindo, né? Pra essa também eu não quero nem saber, quando nascer, sabe, assim, eu queria enganar a mim mesma que eu não tava grávida. "E a neném?" Eu digo: "Ih, não sei. Se quiser ficar, fica." Quer dizer, mó mentira, né? Aí, aí nasceu, né, aí foi tudo bem, aí a minha médica: "Ah, comprou o enxoval?" Eu digo: "Não, vou comprar nada. Só quando nascer que eu não tô aqui pra ficar comprando." Porque eu tinha dado tudo, né? Do outro. Deu uma raiva aí dei tudo. Aí: "Não, mas agora já tem mais de seis meses, mesmo que você tenha alguma coisa a gente salva o neném." Eu digo: "Não, não quero saber, só vou comprar quando tiver maiorzinho." Não comprei nada mermo. Aí quando eu fui no médico uma vez com oito meses, ela: "Poxa, Angela, cadê? Já comprou as coisas? Vai pra rua comprar, você pode." Falei: "Ó, tem certeza?" Ela falou: "Tenho. Tá tudo bem com você." Aí eu fui, né? Comprei as coisas, aí comecei a curtir, né? Quer dizer, eu me enganava, mas eu curtia, era mentira, né? Eu só dizia pra mim merma que eu não tava ligando, mas eu tava. Aí ele nasceu, nasceu o Márcio que é o meu segundo filho, né? Teve o Marcelo, teve o Márcio, aí logo depois fiquei grávida de novo, aí eu falei: "Pô, agora virou fazedora de filho, né? Uma atrás da outra, né?"

DR - Virou festa, né? (*risos*)

AM - Aí eu falei: "Vem cá." Aí eu falei pro meu marido assim: "Vem cá, tudo bem que eu não tô trabalhando, não tem nada pra fazer, mas agora vai fazer quantos? Vai fazer 10? Não, eu quero ligar." "Ah, mas só ma..." Eu digo: "Não, esse agora eu vou ligar." Aí conversei com a minha médica: "Ah, mas cê é muito nova." Falei: "Não, não quero nem saber que é nova. Eu vou fazer quantos filho?" Quer dizer, já era, tive um que eu tirei, que é o primeiro, tive um que eu tirei, perdi, mais aque... a, a quinta gravidez, ah, tá pensando que isso aqui é o que? É festa é? Aí eu falei: "Não, dessa vez eu vou ligar." "Ah, mas e a nossa menininha? E se não for menina?" Falei: "Não quero saber, se for menina, homem, que que for eu vou ligar." Mas eu queria muito ter uma filha mulé, né? Aí eu falei: "Não, mas vai ser mulé, eu sei que é mulé." Aí fiquei grávida e tal, aí curti, aí nasceu a minha filha, a Katia. Ah, não! Mas no intervalo disso aí teve uma outra confusão na minha vida que eu esqueci, tá vendo? E é tão importante. Quando eu mudei pra Salvador, a filha desse meu irmão mais velho, ele, ele era casado e tinha uma filha, só que ele já... ele casou e separou, ele só fez a filha e separou. É, a vó, a mãe da mãe, como é que eu vou falar? A vó da garota, por parte de mãe que criava.

DR - A sogra dele?

AM - É, a sogra dele que criava a menina, porque ele foi embora, ele largou a fi, a mulé grávida e foi embora, até pro sul que ele foi aonde tá até hoje, e lá ele já arrumou outra mulé e teve outra família, tá? E ela ficou grávida no Rio e teve a menina e a mãe dela cuidava. Só que quando eu mudei, ela era, ela é um ano mais velha do que meu filho, ela tem 25 anos hoje, ele tem 24. Na época ele tava com sete, ela tava com oito, ela não tinha quem tomasse conta da menina, que ela queria trabalhar e a mãe dela disse que não ia mais tomar conta aí ela disse que ia matar a garota: "Vô matar, vou me matar." E a minha mãe foi e falou: "Por que cê não dá ela pra Angela? Que a Angela quer tanto uma menina, ela já tem dois meninos – porque aí eu não tava grávida – e ela vai adorar." Aí a minha mãe arrumou tudo, né? Ligou pra mim... Ah! Minha mãe é ótima (*risos*) pra arrumar esse...

DR - Isso você á na Bahia?

AM - Na Bahia. "Olha, porque sabe a Cristina?" Eu digo: "Sei, minha sobrinha e tal, não sei o que." "Ah, porque não sei o que." Minha mãe pintou assim, sabe? "Porque vocês, a sua fa, a, a minha família sempre ajudou." A minha mãe já fez aquela chantagem emocional, sabe, de mãe, que a gente as tias cuidaram, que eu tinha obrigação de cuidar porque a mãe ia matar a criança e se matar, que não sei o que. Aí eu fui e falei com meu marido, aí falei: "Pô, sei lá que essa mulé se mata mesmo, eu vou ficar com remorso. Pô, a gente podia, né? Tudo bem que eu tô grávida, ninguém sabe, a minha mãe nem sabe." Que eu nem falei pra minha mãe que eu tava grávida, porque já tava me arranjando outro filho. Eu tava grávida do, não, minto, eu tava grávida do Márcio, desse que tem 16 anos ainda, mas eu já sabia que era homem que eu tinha feito ultra-som e tal. Aí ela falou assim: "Poxa, quem tem dois, tem três." Olha, o meu filho mais velho tinha oito anos, foi quando eu resolvi, né? Ficou esse filho, esse outro filho. Aí eu falei: "Pô, mãe, como quem tem dois tem três? Eu tô em véspera de ganhar um filho, como é que eu vô, não vou poder dar assistência pra menina, a menina vai vim, já vai se sentir mal." Porque, eu me, eu comecei a me transportar, né? Pro, pra minha época. Imagina eu fu, uma tia vai cuidar de mim, uma tia que já tem um filho da minha idade e já tá grávida de outro. Quer dizer, a criança que eu tava esperando, era o centro das atenções, ainda mais porque já tinha acontecido aquilo tudo, já tinha abortado, já tinha perdido um, né? Então aquele filho era super esperado. Como é que eu ia receber uma menina? Falei: "Mãe, não vou poder dar atenção pra ela, não vou poder receber ela." "Ah, não, porque não sei o que, de qualquer jeito que você cuidar, onde come um come dez, não sei o que." Falei: "Mãe, não é bem assim. Na minha vida foi assim, mas eu não pretendo ser assim." "Ah, não, porque não sei o que." Aí eu conversei com, com o Roberto, né? Meu, meu marido e falei: "Ó, dá pra gente fazer isso assim?" Ele: "Poxa, Angela! Isso vai ser muito complicado, a gente não vai ter, sabe, como receber essa menina, sabe?" Porque ele é apaixonado pelos filho dele, realmente filho pra ele, só existe os filho dele, né? Ele gosta muito de criança, ele trata bem, mas ele não queria que viesse, aí eu falei: "Poxa, Roberto, mas a minha mãe, não sei o que." "Pô, mas essa sua mãe." Eu digo: "Pois é, mãe é mãe, né? E depois, é minha sobrinha, sabe, eu vô me, já pensou se ela faz mesmo?" "Ah, ela tá fazendo isso pra te emocionar." Eu digo: "Tudo bem. Mas vai que ela é maluca e faz um negócio aí? Eu não vou conseguir viver com isso." Ele: "Ah, tudo bem, então tá, então manda a passagem, manda vim." Aí a gente mandou a passagem, aí essa menina veio.

Ca, aí eu conversei com meu filho mais velho, que ele ia dividir a mãe, o pai, a casa, os brinquedos, fiz aquilo que a, que no fundo fizeram comigo, que eu chegava na casa dos outro, eu era uma estranha, né? Então eu falei: "Não, eu vou fazer diferente, eu vou ser diferente, né?" Aí preparei o meu filho mais velho, falei: "Olha." Aí expliquei a situação, falei assim: "Ó, ela não tem onde morar, não sei." Aí a gente falou com ele: "Ah, não, tudo bem." E esse me, meu filho mais velho ele é muito bonzinho mesmo, normalmente o primeiro filho é pior, mas não é, na minha casa até isso foi diferente. Com o primeiro foi bom, os outros foram, são uns atentadinhos, é engraçado demais, tudo na minha vida é ao contrário. Aí eu conversei com ele, falei que ele ia ter que dividir o papai, a mamãe, que a gente tinha que dar atenção, expliquei tudo assim, sabe? Pra ele, ele aceitou numa boa, falei: "Ó, quando ela chegar você, é, fala, sempre que você falar alguma coisa fala nosso, nosso quarto, nosso brinquedo, pra ela se sentir a vontade." Aí falei pra ele que a mamãe foi criada na casa dos outro, isso é muito duro, porque as pessoas normalmente não emprestam nada, não dão nada, quer dizer, eu preparei meu filho assim pra receber a guria de braços abertos, né? Recebeu tanto que ela começou a achar que era dona, né? Começou a me dar um monte (*risos*) de problema, sabe? Ela chegou assim já querendo tudo e começou a impor tudo, sabe, assim, me criando um monte de problema, aí a criança nasceu, eu já tava nervosa porque eu não sabia se eu... sabe? Aquilo que parecia que tava legal, de repente virou um pandemônio. Eu tinha um filho, né? De repente, eu fiquei com três, porque foi assim, ela veio, não deu um mês a, o, a criança nasceu, né? O Márcio.

Aí todo mundo... não, aí todo mundo assim: "Não. Porque você tem que botar ela pra ser, pra te ajudar..." Não! Começou assim: A minha sogra tava lá em casa que eu ia ganhar neném, co, ela, a minha sogra participou dessa confusão. Aí minha sogra: "Não, isso é ótimo, com essa idade ela já pode te ajudar, já pode lavar louça." Eu falei: "Não, peraí, a senhora não tá entendendo, não tá vindo uma empregada pra minha casa, está vindo uma criança que eu vou receber como minha filha. Acho que a senhora não tá entendendo muito bem, vamos sentar aqui, vamos conversar." "Ah, mas ela não pode te ajudar?" Eu falei: "Não, sei. Do jeito que a senhora quer que ela me ajude, não." Sabe? A, a minha sogra já tava vendo assim uma empregada que eu ia doutrinar desde os oito anos, eu falei: "Não, não é bem assim. Eu falei que eu vou criá-la como minha filha, foi isso que eu disse pro seu filho." Aí a minha sogra já queria que eu visse um coleginho ali perto de casa, eu falei: "Não, ela vai estudar na mesma escola do meu filho." "Ah, mas o seu filho estuda em escola particular." Eu digo: "Ela vai ser educada como o meu filho vai ser educado, não vai ser como eu fui educada na casa dos meus primo, não." Que na casa dos meus primos era assim, é... tudo que era velho, passava, sabe? É, é, eu não era assim uma filha, eu era uma agregada, e pô, eu tinha mó trauma disso. Como é que eu vou tomar conta do filho dos outros, vou fazer a merma coisa que fizeram comigo e eu não gostei? Falei: "Não, ela vai estudar na mesma escola." "Essa escola é muito cara!" Eu digo: "Exatamente. Eu vou cobrar dela a mesma educação que eu cobro do meu filho, eu vou cobrar dela as mesmas atitudes que eu cobro do meu filho, então ela vai ter a mesma educação, mesma chance que meu filho tem." Quer dizer, eu não sei nem se eu tava errada, depois teve até um momento da minha vida que eu achei que eu tava errada, que eu dei tanta coisa pra ela, eu coloquei tanto ela assim no... eu igualei tanto ela que no final ela já tava assim, sabe? Achando que era dona do pedaço, né? Aí eu errei também, pequei. Eu fui criada de um jeito que eu acho que pecar é por falta e eu pequei por excesso. Eu dei tanta coisa pra essa minha sobrinha assim... dei tanta coisa que eu tô dizendo não é material não, tanto assim, é...

DR - Atenção mesmo.

AM - Atenção, tanta divisão, tanta assim preocupação com ela, fazer dela minha filha que eu acho que ela, o negócio subiu, né? Porque nesse meio tempo a nossa vida melhorou muito, sabe? A gente começou... ele foi ser diretor da firma e a gente comprou casa, construiu casa com suíte, com não sei o que e piscina, a minha vida assim, sabe? Gradativamente, sem sentir, ela se, nossa ascensão, né? Foi uma situação financeira muito boa e eu passei assim tudo pra ela, ela chegou e eu já fui dando assim tudo pra ela, sabe? Assim, muito fácil. E, e, eu não sei se, eu não esperei ela conquistar isso, eu, eu, na minha ânsia de não fazer igual que fizeram comigo eu saí dando muita coisa pra ela, então ela, de repente, subiu à cabeça, né? Então ela é muito orgulhosa, muito assim, sabe? Começou assim a, a, a querer ter espaços a mais dentro de casa, começou a, sabe? Não queria respeitar ninguém, não queria, quer dizer, foi começando a ser um problema pra mim e eu já tava grávida da o, do o, da outra menina, né? Da minha menina e quer dizer, ficaram quatro filhos e ela assim me dando muito trabalho, o trabalho que o meu filho mais velho não dava, eu consegui com ela (*risos*), mas por minha culpa, e, quer dizer, minha culpa é, eu aprendi que essa palavra não é bonita, culpa. Culpa assim, porque eu não tive isso, a minha preocupação é que ela se sentisse em casa porque eu nunca me senti em casa nas casas que eu tava. Aí errei. A gurria começou a ficar com o nariz em pé, começou a, a tratar os empregados, que nessa época eu tinha babá, tinha empregada, tinha motorista que ele, ele era diretor, ele tinha motorista, deixava a minha disposição, porque com duas crianças não podia dirigir, aquelas coisas, né? E a gurria era assim, sabe? O meu filho tinha o maior bom relacionamento com as empregadas, com, com o motorista, todo mundo gostava e ela ninguém gostava. Ela era, mandava em todo mundo, sabe? Ela tinha aquelas atitudes assim que eu abominava, que nem eu fazia, era: "Nossos empregados. Que é meu empregado." Tratava as pessoas assim de uma maneira que eu não gostava e eu não tinha passado isso pra ela, o que eu passei pra ela em dar tudo, eu passei muita coisa também de... de como tratar as pessoas. Só que essa parte ela não pegou, ela só pegou o *status*, né? Ela adorava, eu pegava ela conversando com as amigas: "Ah, porque o meu motorista, porque o meu carro, porque não, porque lá em casa vários carros, porque tem o carro da minha tia." Ah, sim! Eu era a tia, né? Quando eu, eu ia apresentar ela pra alguém, quando tavamos, nós tavamos em família, né? Nós seis, aí a gente saía assim, aí, e eu falava assim: "Ah, porque esses aqui são meus filhos." Ela: "Sua filha não." - ela falava assim pra mim (*risos*) - "Sua sobrinha que você cria." Eu ficava com a cara desse tamanho, né? Aí eu dizia assim: "Ah, é, tal, que ela é filha do meu irmão tal, eu criei como se fosse filha e tal." Aí eu ficava puta com aquilo, aí eu falei: "Ah, é, cachorra? Vai." Aí eu comecei a ficar danada, né? Aí quando a gente tava assim, eu digo assim: "Pois é, porque esse aqui é meu marido, meus filhos, essa aqui não é minha filha, é minha sobrinha Cristina." "Por que que eu não sou sua filha?" Ela só queria me contrariar. Cara! Eu ficava com uma raiva, eu ficava com vontade de matar aquela gurria. Aí eu falava: "Pô, Cristina, a gente tem que entrar num acordo, ou eu sou sua mãe ou sou sua tia ou você é minha filha, não tenho vergonha, não. Eu tenho que saber como eu vou te apresentar." Ficava com a cara de tacho. Às vezes até assim com amigos do trabalho dele que a gente ia fazer um passeio, uma coisa, eu nem sabia que que eu ia falar que ela era minha, eu tinha que combinar antes, eu: "Vem cá, que que tu é minha?" Sabe? E eu queria ser o mais natural possível, não conseguia porque a gurria me deslocava, entendeu?

DR - A mãe dela ligava sempre?

AM - A mãe dela nem queria saber, as poucas vezes que ela tinha contato com a mãe, eu obrigava ela a ligar: "Pô, liga pra sua mãe, ver como é que tá." "Ah, ela não quer saber de mim." Eu digo: "Ué? Mas liga pra saber como é que ela tá e tal, pra ela não esquecer de você, saber que cê tem uma filha." A mãe dela casou de novo, teve um outro filho... nunca chamou ela de volta. O meu irmão casou, já era casado, tinha dois filhos, nunca quis ela pra morar junto, resumindo, ela ficou comigo, ela saiu da minha casa ela tinha 20 anos, ela ficou comigo 12 anos, ela já tava formada, quer dizer, ela tava, ela tava fazendo é...

Ela, ela tinha uma certa dificuldade no colégio porque também foi um outro erro meu, por eu querer dar tudo de bom pra ela, eu sempre coloquei ela em bons colégios, como meu filho, mas o meu filho, ele teve é, é, aquela parte de maternalzinho no se, no, no, no Colégio Batista, não sei o que, ela não, ela tinha uma, uma situa, uma, uma, uma educação diferente, então quando ela foi morar comigo ela teve uma certa dificuldade pra alcançar o colégio que ele tava. Então ele sempre se sobressaia e ela sempre tava nas beiradas, entendeu? E eu até conversava com, com o Roberto, falava assim: "Pô, Roberto, de repente, ela precisa de um colégio mais fraco e tal." "Não, porque a gente não exige nada das crianças." Porque aí ele já tinha embutido também que ele era pai, né? "Porque tem, porque criança tem que estudar, é só ela se esforçar mais, que não sei o que." Então ele, por exemplo, já tava na faculdade quando ela saiu lá de casa e ela ainda tava fazendo vestibular, ela fez vestibular assim muitas vezes e não passou, porque eu sempre coloquei ela em colégios bons, mas ela não conseguia...

DR - Acompanhar direito.

AM - ...acompanhar. Quando nós mudamos, por exemplo, de Salvador pra Belo Horizonte, eles foram pro primeiro ano, né? Pro segundo grau, ela não passou no teste. E, eu, eles foram estudar no Marista, que ele foi na frente, escolheu os colégios, sempre escolheram os melhores colégios pra eles, né? E eu sempre fazendo questão que ela tivesse junto, mas quando eles fizeram o, a prova de Salvador pra, pra Belo Horizonte, eles foram lá só pra fazer a prova pra ver se podiam freqüentar, ela não... é, a gente foi chamado pra dizer que ela não tinha condição porque ela era muito ruim em matemática. Aí ele conversou com o Padre, com não sei quem, foi e explicou, falou que não ia ser legal, que ele gostaria e tal, que ele prometeu dar um apoio, que ia fazer ela estudar mais, ia dar uma, sabe? Porque a gente queria que ela ficasse... bem. Eu acho até que a intenção da gente era boa, mas eu acho que a gente também errou por aí, sabe? Devia ter entendido que ela tinha uma certa dificuldade. Aí o meu filho foi e ela ficou, ele passou pro segundo, ela repetiu o primeiro. Aí não passou de novo, ele foi pro terceiro, ela ficou no primeiro e o colégio não deixa. Aí chamou a gente e falou: "Ó, infelizmente se for por atitude, por educação, por tudo, ela podia ficar 10 anos no primeiro ano porque realmente não temos nada pra falar dessa menina. Mas é norma do colégio, ela não pode mais ficar." Porque ela já tinha repetido, né? Aí a gente teve que arranjar um outro colégio pra ela, é, até um colégio desses assim que, como vou dizer? Como é que é, aqui não sei, Bahiense, uma coisa assim que, que só vai assim quem num, não sei nem como é o Bahiense.

DR - Papai pagou, passou.

AM - Pa, é.

DR - O Bahiense não é não.

AM - Não.

DR - O Bahiense é mais cursinho.

AM - Então, é, algum assim mais fácil.

DR - É.

AP - Mas ele tem regular, ele tem segundo grau, né?

DR - É, mas eu acho que Bahiense não é papai paga, passou não.

AM - Não, assim, vamu dizer, eu não conheço aqui no Rio que eu tô afastada há 17 anos. Um colégio do tipo assim que, e ela no entanto era a primeira aluna. Eu le, eu era chamada pra receber os parabéns: "Porque que a sua filha tá aqui?" Porque ela era assim o destaque da escola de samba. Eu dizia pra ele, pro Roberto: "Tá vendo? Essa menina devia ter estudado num colégio desse que ela ia ser a primeira, porque ela ganhava parabéns por assiduidade, por..."

Fita 2 - Lado A

AM - Se destacou, ficou sendo assim, eu era chamada pra receber elogios, ela ficou sendo assim... primeira aluna do curso todo, todo mundo elogiando, ela escrevia muito, escreve muito, escreve muito bem, mas... mas aí é o seguinte: aí ela, ela se formou, né? Fez o terceiro ano e foi fazer cursinho. Aí nessa época a gente começou a ter problemas, é, de, a gente tinha sempre problema, mas não problemas graves. Ela começou a descobrir o pai dela, ela começou a sentir falta dos pais. Começou a questionar porque que ela não tinha pai nem mãe, a... perto, porque que o Marcelo, o Márcio e a Kátia viviam com os pais e ela não, ela vinha questionando, mas agora ela tava questionando de uma outra maneira que ela já tava adulta, né? Então porque que: "O meu tio não gosta de mim." Ela falava, eu dizia: "Não, o seu tio gosta de você. Só que você..."

DR: Que tio que ela falava ter?

AM: O tio era o meu marido.

DR: Hum.

AM: "Você é minha tia, eu vejo que você gosta de mim, mas ele não gosta de mim." "Poxa, como ele não gosta de você? Ele tá te dando tudo a vida inteira. Ele nunca vai ser seu pai." Aí eu fazia ela entender o seguinte, eu gostava dela mas eu nunca ia ser... eu nunca ia, eu falava pra ela: "Eu nunca vou gostar de você como eu gosto do Marcelo, do Márcio e da Kátia. Eu gosto de você como se cê fosse minha filha, você é minha sobrinha, eu gosto muito de você, mas nunca vou ser como a sua mãe poderia ser pra você." Então tentava explicar isso pra ela. Comigo ela não tinha problema nesse, nessa parte de afetividade, mas com relação ao tio dela, ela achava que ele fazia discriminação, entendeu? Embora ele não fizesse assim, discriminação... é... como dizer assim, muito evidente assim, evidente, mas ela sentia. Aí eu explicava pra ela, eu digo: "Cristina, poxa, a vida é assim." Aí eu contava a minha vida como foi: "Então eu tô pra,

talvez eu não seja, porque eu tenha sentido isso, então eu tô procurando passar pra você de um outro jeito, agora o seu tio ele faz o máximo que ele pode. Agora ele nunca viveu essa situação, essa experiência, então ele não sabe nem como se comportar! Ele só sabe o seguinte: que você é minha sobrinha que ele tá tentando ajudar na sua formação, na sua educação, agora ser o seu pai na medida do possível agora ele nunca vai conseguir ser.” Aí ela começou, que ela queria fazer análise, que ela queria descobrir isso, aquilo, que ela tinha algum problema, que ela não se relacionava bem com homem, ela não conseguia ter namorado, que ela achava que tinha algum problema, que não sei o que, aí eu fui e falei: “Tudo bem, então vamos procurar uma psicóloga.” Aí arranjei uma psicóloga pra ela fazer um tratamento lá, umas coisas, aí fui chamada, aí a, a, a Tânia, né? Que era a psicóloga, falou que ela tinha tido problemas com, com...

DR: Isso foi quando ela começou a repetir a primeira série, não?

AM: Não.

DR: Mais adiante?

AP: Não, depois.

AM: É, mais adiante. Ela já tava com 18, 19 anos, já tinha se formado no terceiro ano, a gente já tava morando em São Paulo.

DR: Hum.

AM: Ela começou a fazer cursinho, que ela terminou em Belo Horizonte. Aí ela, ih... eu nem contei as minhas transferência toda, depois eu volto atrás, eu pulei um monte de parte. Aí (*risos*), aí ela, ela, a psicóloga e chamou e falou que ela tinha esse problema de, com meu marido, porque tinha tido um namorado da mãe dela que fez umas carícias nela. Aí a... aí, quer dizer, aí começa a vir a tona os negócios, né? Ela falou: “Como é que ela se dá com o Roberto?” Que aí eu fui numa, numa, numa entrevista, ela falou assim: “Olha, o negócio é o seguinte: eu descobri isso assim assim da Cristina, então o problema dela com o Roberto é esse.” Porque era assim o, o Roberto brincava muito com ela, então quando ela começou a se formar assim, ela era muito gordinha (*pigarro*), aí quando ela... tava assim com uns 10 anos assim ela era, ela já tinha mamazinho, né? Que ela era gordinha, aí ele tinha mania de brincar assim: “Ih, precisa usar um sutiã.” A primeira vez que ele brincou com ela e que pegou assim nela, ela fez um escândalo, sabe, assim? Anormal, aí o Roberto: “Pô, Cristina, que isso, não sei o que, não sei o que.” Aí depois desses anos todo eu vim entender, né? Como são as coisa, né? Porque ela tinha sido acariciada nessa época, por um namorado da mãe dela, ela contou pra essa... aí eu falei: “Pô, então tá explicado.” Pô e a gente brigou tanto com ela, quer dizer, de repente você nem sabe o que se passa na cabeça, né? Aí eu falei: “Pô, então foi por isso.” Aí eu lembrei que o Roberto uma vez brincou assim com ela e ela foi tão agressiva, quer dizer... e de repente ela criou um o, um bloqueio com relação a ele, né? Aí eu comecei a fazer um trabalho em cima dela, conversar com ela, né? Perguntar pra ela que que é, ela disse que tinha mesmo dificuldade de se relacionar com os rapazes, que eles já queriam logo mexer nela, quer dizer, de repente você nem sabe o que tá se passando na cabeça da menina, que eu já tava tão preocupada em, em fazer ela se sentir bem e passou tão despercebida uns lances desse, né? Mas a gente não pode ser perfeito, né?

Aí... bom, eu sei que ela começou a descobrir a figura do pai, começou a ligar pro pai, começou a, a manifestar desejo de morar com o pai e começou a fazer uma chantagem porque ela tinha dois irmãos aqui, dois irmãos lá, um casal, né? Que era o Márcio e a Kátia e Priscila e Alexandre lá, mais ou menos da mesma idade, então ela começou a fazer jogo. Ela ligava pra lá pra Florianópolis e, e dizia que ia morar lá, que ia ser a irmã mais velha deles, que não sei o que, os meninos começaram a ficar entusiasmados com ela. Porque eles conheciam ela só que tinham inveja que ela não tava lá, aí começaram a chamar ela pra morar lá e os daqui começaram a ficar desesperado com ela falando que ia embora, tudo ela ia embora, qualquer coisinha que eu dissesse: “Ah, porque eu vou embora, porque eu não vou mais morar aqui com vocês, vou morar com o Alexandre.” Aquilo começou a me irritar, sabe? Sou muito irritada. Começou a fazer chantagem, tipo assim, as coisa tinham que ser do jeito que ela queria senão ela ia embora... com os meninos e lá...

DR: Com os teus filhos?

AM: E lá os meninos ligavam toda hora pra chamar, que ela ia pra lá. Aí um dia eu tava dormindo... né? E aquilo foi me atormentando, né? E eu falava: “Cristina, qual é o problema? Cê quer ir embora?” “Ah, não sei, tô pensando.” Aquilo me ago... me dando ago, agonia, né? Angústia, porque, pô, você investe numa pessoa com carinho, com consideração, com tudo e a pessoa ainda fica... a minha filha começou a ter problema de gastrite, a mais nova, aí depois eu vim a descobrir que tudo isso era porque ela ia embora, porque eles nasceram encontraram ela. Pra ela... pra eles, ela era irmã mais velha, fazia parte da redação, do mural, da, todas as perguntas, tenho uma irmã mais velha e um irmão mais velho. Então quer dizer, ela já fazia parte da vida deles, então quando ela começou a fazer esse jogo, eles começaram a sentir, né? Aí eu conversava com meu marido, eu disse assim: “Pô, isso não tá dando certo, não.” Aí um dia eu tava deitada na cama com todo mundo no quarto dormindo, liga o meu irmão, aí eu atendo ele fala assim: “Pô, tudo bom?” “Tudo bom.” “Cê já tá sabendo, né? Que a Cristina vem morar comigo?” Eu virei: “Como é que é?” “Ela não te falou não? A Cristina vem morar comigo, já mandou eu ver isso, ver aquilo pra ela.” Ela tinha armado o esquema todo pra ir embora. Ah, cara! (*bater de palmeas*) Deu uma, porque eu sou assim, sabe, o negócio quando vem assim, ele vem, vem, eu enfrento, aí eu falei: “O que?” Aí o Roberto pegou o telefone: “Como é que é?” “Não porque não sei o que.” “Pô, cara, como é que você faz, você chama a Cristina pra morar.” “Não, não chamei não. Ela que falou que quer vir, não sei o que.” Aí começou uma discussão, aí eu falei: “Ah, mas ela vai é agora. Ela não vai no dia tal não, ela vai agora.” “Não, Angela.” Eu digo: “Não, comigo é assim! Se ela vai, ela não vai daqui um mês não, ela vai agora porque ela não vai ficar fazendo esse jogo comigo que ela tá fazendo com meus filho, não.” Aí desliguei o telefone aí o Roberto falou: “Ah, chama a Cristina lá.” Aí eu fui lá no quarto, falei: “Cristina...” - ela não tava nem dormindo, eu falei - “...chega lá no quarto que a gente quer conversar com você.” Aí ela chegou eu falei: “Vem cá, você tá pretendendo morar com seu pai?” Ela: “Ah, eu tô pensando.” Eu falei: “Não, cê tem até amanhã pra pensar. Amanhã cedo, antes de ir pra escola, sete e meia que você entra, né? Cê acorda às sete, você vai me dizer se você vai morar com seu pai ou vai ficar aqui. Se você for, você vai amanhã mesmo. Se você não for, você vai parar com essa história, você vai ficar aqui de corpo e alma, ficar aqui direito. Agora você não vai ficar dividindo nem ficar dividindo todo mundo não, ou você vai ou não vai.” “Ah, mas eu tenho que decidir assim?” Eu digo: “Tem, porque o que você tá fazendo é pior! Você tá fazendo todo mundo lá esperar por você, seu pai já tá arrumando cursinho, já tá

arrumando trabalho, já tá arrumando tudo, seus irmãos tão contando os dia pra você chegar, os daqui tão contando o dia que você vai sair... Que negócio é esse? Isso não é brincadeira não, cê tá mexendo com sentimento, com família.” Aí ela: “Ah, tal, não sei o que, não sei o que.” Aí no dia seguinte ela acordou e falou assim: “Ah, eu resolvi! Eu vou embora. Eu vou levar umas coisas minhas.” Eu falei: “Não, cê vai levar suas coisas toda, porque quando a gente vai embora de algum lugar, a gente vai embora de vez. Você vai morar em Florianópolis, cê vai levar tudo que é seu e vai levar pra lá.” “Ah e se não der certo?” Eu falei: “Não, quando você veio morar comigo, você veio com oito anos pra dar certo. Só eu sei o sacrifício que foi pra encaixar você na minha vida, entendeu? Você mudou a minha vida toda, mas eu mudei tudo em função de você, eu fiz você se enquadrar no contexto, eu abri espaço pra você. Agora você tá saindo... você vai ter que, não vai chegar lá e vai passar um dia, ou você, ti, ia de férias. Você podia ter falado assim: “Pô, tia, eu tô com uns problemas assim, assim, quero passar umas férias lá pra ver como é que é.” Agora se você tá indo pra lá, você vai ficar lá, você não vai ficar vai e volta não, quando você for...”

DR: Angela, deixa eu te perguntar uma coisa, é: você disse que quando seu irmão ligou, quer dizer, ele ligou, a Cristina já...

AM: Já tinha combinado tudo com ele.

DR: Já tinha combina tudo com ele. Ele, é, você nunca cobrou dele ele ter ligado pra você antes, tipo, pra saber sua opinião...

AM: Não.

DR: Sobre isso, por exemplo, já que você já estava com ela há 12 anos?

AM: Eu, isso foi o meu, o meu marido falou pra ele, falou pra ele, aliás, foi o seguinte, antes disso tinha tido conversa, eu falei que ela tava fazendo um tratamento, a gente conversava no telefone, tipo assim, é: “Ela tá fazendo um tratamento, ela tá com uma psicóloga, ela tá, ela tá fazendo uma descoberta da vida dela, é... de repente vai que ela quer morar com você.” Ele falou: “Olha, Angela, eu nunca me senti pai dela. Pai é o seu marido que esperou junto com você, viu nascer e criou. Eu não tive esse contato com ela, então eu não me considero pai dela. Se ela quiser vir morar comigo eu vou aprender a ser pai dela.” Ele falava assim pra mim, eu dizia: “Mas você quer que ela vá morar com você?” Ele falou: “Olha, de verdade, eu acho que não vai dar certo, porque eu já tenho uma família, já te... vai ser um problema.” Ele falava pra mim. Mas por trás ele não falava isso pra ela, quando ela manifestava desejo de morar com ele, ele dizia: “Vem.” A verdade é que até hoje eu não descobri se ele falou “vem” ou se ela falou que ia, sabe? Fica um jogo de empurra: ele diz que ela quis ir, ela diz que ele chamou. Sabe aquelas coisas que morrem sem explicação? Bom, eu sei que eu, comigo não tem negócio de vai, aí eu digo logo: “Então, vai logo.” Aí ela arrumou as coisa dela, né? Falou: “Ah, quer dizer que eu não posso nem vir te visitar?” Eu digo: “Pode, não agora. Você vai me dar um tempo... pra amadurecer a idéia, pros seus primos encararem isso como normal, eles se acostumarem com a idéia, aí depois de um tempo que você já tiver, aí a gente volta, cê pode vim passear co... aqui.” Sabe? Eu não queria assim que ela saísse hoje e daqui uma semana, que ela já tava fazendo planos assim: ela saiu tipo assim, março, vamos dizer, hoje e falou assim: “Ah, Semana Santa eu venho pa, passear aqui.” Sabe? Na cabeça dela era assim! Ela ia hoje embora mas aí ia morrer de saudade,

então na Semana Santa ela vinha passar uns dias. E eu acho que não pode ser assim, eu acho que ela tava tomando uma decisão muito séria na vida dela porque ela, eu expliquei pra ela: “Você sabe de, da sua vida tudo, né? Nunca omiti nada, que pediram preu tomar conta de você, que o seu pai nunca tomou conta, seu pai nunca pediu, seu pai podia ter brigado na Justiça por você, porque se a sua mãe não pode tomar conta o seu pai pode, qualquer Justiça, qualquer lei dá você pro seu pai com oito anos, não é? Por exemplo, o meu, o meu filho tá com meu, com meu marido, se eu, se ele falar que não quer mais tomar conta, se eu quiser eu num, num posso tomar? Posso. Não é melhor do que uma tia, qualquer pai e mãe não é melhor?” Se eu, se eu, eu mostrava essas coisa pra ela: “Então eu acho o seguinte, se você vai, cê já tem consciência que cê quer fazer, você não tem mais oito anos, quando cê tinha oito anos ninguém te perguntou se cê queria vir morar comigo. A sua mãe mandou você vir morar comigo, mas agora você tem 20 anos, cê tá indo porque você quer.” Não sei se eu fui errada, entendeu? Eu, eu acho, eu senti assim: “Ah, e a porta vai tá fechada pra mim?” Eu digo: “Não, você vai me dar um tempo porque os seus primos vão sentir. Eu vou ter que trabalhar muito com eles em cima disso, quando eu conseguir acostumá-los com a idéia de que você vem passear, que você tá em outra família e tal, tudo bem.” “Ah, tá bom.” Então ela foi, né? Aí ela foi, escreveu uma carta lindona pra mim, né? Ela, nojenta, escreve bem pra caramba, né? Aí ela escreveu dizendo que eu tava fingindo que não tava sentindo nada, mas que eu tava, por dentro eu tava acabada, que ela sabia que eu tava sofrendo muito, mas eu não dava o braço a torcer, não sei o que, que eu tinha que bancar a durona, não sei o que. Aí eu liguei pra ela e falei assim: “Pior que é verdade mermo, mas alguém ter que ser dura, né? Então que seja eu.” Aí eu banquei bem a durona, durooona e desliguei porque também não dá.

Aí ela foi embora, não deu certo, num deu um mês, com, com, na casa que ela tava, começou as briga, começou a ligar pra mim, eu falei: “Olha, Cristina, isso foi uma decisão que você tomou, cê...” Porque aí a minha, a minha cunhada queria educar ela como se ela tivesse oito anos e a educação que ela tinha comigo era outra. Ela já tava com a cabeça feita, concorda? Quando ela foi morar com oito anos, de oito aos 20 tá... e, eu, eu sou uma pessoa li, mais liberal, a minha, a minha, é, cunhada é Católica Apostólica Romana, é essas Maria de Igreja, carola, tudo isso ela já sabia e eu não sou nada disso. (*risos*) Então quer dizer, ela tava acostumada assim a sair, passear, frequentar lugares, de mútua confiança assim, eu sempre confiei muito nos meus filhos, confio, sô daquela mãe assim tipo, vai, vai, me fala, eles falam onde vão, sabe? Eu solto fala, aquelas baboseiras que mãe fala e não fez, entendeu? Mas eu falo. Prego aquela mó pregão assim que eu não fiz, mas eu prego, falo daquelas papagaiada toda, né? Juízo e tal, a minha filha, pô, tem mó liberdade, então quando ela saiu da minha casa, ela já saiu com a liberdade, quando chegou lá o povo quis... travar, aí já viu, né? Começou uma briga danada e a minha cunhada: “Que aqui na minha casa faz o que eu quero.” E ela, mas, ela tinha 20 anos, aí minha cunhada ligava pra mim: “Porque não sei o que, porque ela tá acostumada...” Eu digo: “Olha, cê tá falando de uma mulé de 20 anos. Ela saiu da minha casa, realmente... eu confiando nela, se ela diz pra mim: “Não vou viajar.” Eu cansava de viajar, ela ficava sozinha em casa, com, com, com... com os primos. Eu nunca obriguei filho a fazer nada e a minha cunhada era assim, se ela fosse passar o fim-de-semana na casa da mãe dela: “Tem que ir.” Então a guria, uma mulé de 20 anos, ia emburrada da vida, né? Tratava ela como criança e eu não tratava assim. Aí começaram a brigar, não sei o que, aí ela arranhou um namorado... xiii... (*interrupção da fita*).

Aí a minha cunhada começou a ligar pra mim, aí eu falei: “Ô, eu não posso fazer nada. Você pediu pra morar.” “Eu não pedi nada, não sei o que, ela veio porque quis.” “Eu não quero saber quem veio, quero saber, tava comigo... enquanto teve comigo eu

não liguei pra ninguém pra fazer nada, eu sempre segurei meus pepinos sozinha, sabe, tive meus problemas, nunca ninguém me perguntou se tava tudo bem, se tava tudo mal, tinha brigas homéricas, problemas de montão, mas enfrentei, agora (*risos*) o abacaxi é seu, descasca você aí.” “Ah, porque ela tá namorando não sei quem.” Eu falei: “Pô, então ela já resolveu o problema dela de pai, né? De figura de pai, ela só precisava de morar com o pai dela pra arranjar um homem, que ela não conseguia arrumar namorado, né?” Aí ela falou assim: “Ah, mas você fala assim mas a gente não gosta do cara, o cara é isso.” Eu digo: “Ah, não quero nem saber. Isso aí não é problema meu. Se ela tivesse comigo era problema meu, agora se ela tá morando com vocês o problema de vocês.” Aí eu sei que a garota começou a, a namorar um cara que eles não queriam e só pra pirraçar ela... quis casar, casou lá, foi se juntar, juntou com ele e já ficou grávida, mas o pessoal agora tá se dando bem, com meu irmão e com a minha cunhada. Tá bem casadinho, o menino era meio doidinho, mas acertou, tão bem pra caramba, já ganharam neném agora.

AP: Outro?

AM: Não.

AP: Ah, sim!

AM: Primeiro neném. Ela não casou que tava grávida não, ela casou, depois que ela teve neném. Tá vivendo super bem, tem uma netinha maravilhosa, fez um aninho agora em janeiro, quer dizer, o caso da Cristina foi esse, né? Tá meio encerradinho, quer dizer, ela tá levando a vida dela.

DR: Quer dizer, ela agora tá, está com quantos anos, a Cristina?

AM: Ela tá com 25.

DR: Ah, é! Seu filho é 24, ele, ela 25.

AM: Tá fazendo 26 anos, ela vai fazer 26 em outubro aí ele faz em março, 25.

DR: Já têm cinco anos então que ela saiu?

AM: É.

DR: Do, da sua guarda?

AM: É.

DR: Hum, hum.

AM: Da minha guarda.

DR: Tá, Angela, você, é... entrou na rota da Cristina (*risos*), não. Cê entrou na rota da Cristina porque você, é... já estava na sua... verdade, quarta gravidez, né isso?

AM: Não.

DR: Do Márcio.

AM: A Cristina chegou na minha vida, na segunda.

DR: A gravidez do Márcio.

AM: É, segunda gravi... é quarta porque eu perdi e abortei.

DR: Isso, isso.

AM: Nossa, ela conta direitinho. (*Risos*)

DR: É. Aí você lembrou da Cristina, em suma...

AM: É, do, do, da confusão, é.

DR: ...você tava contando da, da, da gravidez do Márcio.

AM: É.

DR: Do nascimento do Márcio.

AM: É, que foi super legal, aí a gente tava lá, né? Mas o que eu acho importante, que, que eu tenho umas características assim que eu, que eu... que eu acho que tem muito a ver, a minha facilidade de abandonar as coisas acho que vem daí. (*risos*) Quando eu mudei pra Salvador, eu morei dez anos em Salvador e eu morei em cinco lugares... em Salvador. Em dez anos eu mudei... quer dizer, no Rio eu morei em três lugares, quer dizer, de 24 anos e meio de casada, eu acho que eu morei assim nuns 12, 13 lugares diferentes assim, casas diferentes, apartamento, sabe? Eu vivia mudando, (*risos*) parecia até caxeiro viajante. Então eu acho que isso até me deu uma característica assim de, de não me apegar muito as coisas, de ser mais assim... de abando... toda hora que abandonar, já abandono logo, né? Acho que é por isso que eu acho que é fácil abandonar, falar: “Vai embora.” Eu vou. Porque eu já mudei tanto que eu acho que eu não me apego muito a coisas não, sabe? Materiais.

Mas o que eu ia falar é isso. Quando eu fui pra Salvador, a gente foi morar num apartamento melhor do que morava no Rio aí dali ele foi crescendo, né? Aí a gente foi morar numa casa alugada enquanto construía uma casa pra gente, aí começou as coisa a melhorar. Mas eu não gostava dessa casa porque era muito grande, aí a gente mudou pruma outra casa alugada, enquanto construía uma outra casa menor. Então a minha vida foi sempre assim, né, mudando, né? Aí quando nós saímos de, de Salvador... mas, mas acontece que lá em Salvador, aí começaram a acontecer umas coisas estranha comigo, sabe? Acho que era o clima. Até eu ter mudado pra Salvador, eu era assim uma pessoa, relativamente... eu tinha mudado meu comportamento. Era uma pessoa assim, caseira, amorosa, sabe? Eu adorava assim, é, eu era uma Amélia, sabe? Até sair do Rio, até ir pra Salvador, até ter meu filho, sabe? Eu adorava assim, cuidar da casa, do marido, não sei o que, aquelas coisa, eu tinha mó paparico e tal. Aí eu comecei a ficar enjoada disso, não sei se é porque eu tava num lugar diferente, sabe? Aí eu comecei a achar um saco aquela vida, né? Aí a Cristina foi morar lá, aí o, o Márcio nasceu, aí a Kátia nasceu, eu engordei muito, sabe? Que eu tive uma gravidez, uma atrás da outra,

quer dizer, eu nunca, desde que eu tive uma...

DR: Da Cátia pro Márcio é um ano de diferença?

AM: Um ano certinho, ele nasceu dia 30 de setembro, ela nasceu dia 4 de outubro. Então eu tive uma gravidez em cima da outra, né? E tinha, tava tendo muita coisa assim, então eu acho que isso deu alguma disfunção assim, né? Porque eu nunca fui magra, mas não era assim tão obesa, eu era mais assim, melhorzinha, né? Cheinha, mas não era tão gorda. E, de repente, eu comecei a ficar assim, bem mulambenta, sabe? Desgostosa com tudo, um filho atrás do outro, aquelas gordura, parecia assim uma jaca. Bem maior do que eu tô hoje, assim, uma gorda, sabe aquelas gorda assim que você olhava assim, falava assim: “Essa mulé aí tá, tá desencantada com a vida mermo.” Sabe? Parecia assim uma... Ai, sei lá! Não era nem pelo peso, era causa da expressão, pelo jeito, eu parecia uma velha caquética de tanta... Num dia eu tava assim, né? Passei assim na frente do espelho, falei: “O que é isso? Não, perai! Tem alguma (*risos*) coisa errada aí” Sabe assim? Uma pessoa que não tinha mais prazer de viver? É, não sei se é porque ele, por exemplo, trabalhando muito pra dar coisas pra gente, a nossa vida melhorando e ele trabalhando e eu, sabe? A... tendo que cuidar de casa, mas cuidar não era lavar, passar não, era administrar aquelas empregadas, passadeira, lavadeira, babá, não sei o que, aquelas coisa...

DR: Colégio de criança.

AM: Aquelas coisas assim, chiquerrima que eu odiava e odeio até hoje, mas tudo bem, quando eu vi, eu tava envolvida nisso. E com isso parecia uma jaca, né, gorda, né? Aí eu falei: “Que negócio é esse?” Sério mermo! Passei no es, espelho e falei: “Não, tem alguma coisa errada, essa aí não sou eu não.” Aí eu falei: “Não, Angela, calma aí.” Aí eu falei: “Não!!” Mas foi assim mermo. Cômico demais. E eu tinha assim muitas amigas que foram transferida na época, né? Todo mundo muito bonito, muito arrumadinho, não sei o que... e eu, mas eu me entreguei assim num jeito que eu quando abri o olho assim, eu falei: “Tem alguma coisa errada. Essa não sou eu.” Aí falei: “O que?” Aí peguei o carro, fui numa clínica que tinha lá, va... mulé mágica que tinha lá, que era mesoterapia, era linfática, era não sei o que, era cabelo mais não sei o que. Ficava o dia inteiro na clínica, só dava isso, né? Mudei radicalmente pra carne branca, comecei a malhar, todo dia era... também só dava eu, né? Eu saía de casa de manhã, de noite o marido só brigava: “Acabou o mo...?” Eu digo: “Acabou. Agora sou eu e sou eu que interessa, o resto vem depois.” Aí, sabe, era corrida, é praia, não sei o que, mas assim... só eu mesmo, fiquei dois anos assim, mas, aí fiquei, né? Tchun, né? Perdi assim uns 25 quilos, mas fiquei assim inteira, foi a primeira vez que eu fiz dieta, né? E não tava nada caído, depois de lá que bagunçou tudo. Aí fiquei enxuterrima, né? Falei: “Ah, agora tô te conhecendo.” Aí o negócio mudou, né? Aí o marido já começou a ficar preocupado, aí o povo já passava, já mexia. Não, porque você perguntou: “Cê era bonita?” Eu acho que eu sou uma pessoa bonita, cê me desculpa, não é bonita só assim fisicamente, não. Eu acho assim, que eu sou uma pessoa bonita, eu acho que quando eu quero ser... aliás, abre aspas aí, quando eu quero ser uma pessoa bonita, eu sou, agora também quando eu quero ser feia, eu sou. Não é só de aparência não, é feia de tudo, né? Que aí eu engrosso tudo, né? Aí eu falei: “Pô, agora sim eu tô te conhecendo, né?” Aí você anda na rua, o cara olha pra cara, eu digo: “Não, tava meia apagadinha, mas agora tá bom.”

Aí nesse intervalo (*risos*), aí vem a parte negra da minha vida. Aí nesse intervalo

que eu estava assim me redescobrimdo, aconteceu uma coisa. Tinha uma amiga minha... tinha não. Tem, porque ela não morreu. Essa minha amiga, ela, a gente é como irmã até hoje, ela foi transferida... meu marido foi transferido pra Salvador e o marido dela tava desempregado, na época, ele chamou pra trabalhar lá, aí ela foi junto, ficou na minha casa alguns meses e tal, depois arrumou a casa dela e a gente só contava uma com a outra lá, por não ter família era aquele tipo assim, tá doente, vo, eu vou sair cê toma conta de noite, du... das crianças, eu tomo conta, aquela coisa, né? Criamos assim um vínculo muito forte. E ela, ela, eu falava muito da minha família, ela conhecia até mi, minha família, ia conhecendo aos poucos quando não conhecia, de tanto falar, e eu a dela. E ela falava muito num irmão que ela tinha (*risos*), tem, né? Que não morreu. Aí ela falava muito nesse irmão, né? Que por sinal, é primo da Valéria, a doida. Ela é prima da Valéria. Aí falava: “Ah, porque não sei o que, porque, porque meu irmão, porque você vai gostar dele quando conhecer, não sei o que, não sei o que...” Porque eu, era o seguinte, eu, eu, nessa época tinha uns 20, tinha 29 anos, é... que eu fiz isso, essa, aparentando uns 30, eu acordei, né? Diz que a mulé acorda com 30.

DR: Amigo de irmão ou irmão, ou irmão de amigo, parece assim (*risos*).

AM: Não é?

DR: Só coisa que funciona.

AM: É. Aí eu tava naque, na fase que eu me redescobri foi exatamente nessa fase, de 27 aos 29, tava entrando pros 30. Diz que a mulé com os 30 que fica boa, né? Eu tava me sentindo assim a boa, né? A gostosa. E eu tinha assim uma certa queda por pessoas de menos idade. O meu marido, meu ex-marido é um homem assim que você pode dizer, interessante. É um homem bonito, lindésimo, bacana, sabe? É um coroa enxutíssimo, assim das amigas da minha filha de 16 anos falar: “Ah, pô, meu tio é enxuto.” É boa pinta mesmo, ele só tinha um defeito, tem um defeito, agora ele tá mudado. Ele só pensava em trabalhar. Então ele esquecia. Quando ele não tava brigando porque eu cuidava da minha aparência, ele, ele queria que eu ficasse daquele jeito que eu tava, entendeu? A verdade é essa, pra ele era ótimo quando ele chegava de noite encontrava aquela vaca, gorda lá... Aí, quando o negócio mudou, ele começou a ficar puto. Ele começou a não gostar, mas eu adorei, né? Aí a minha... aí de vez em quando passava uns gatinhos assim de manhã, a, a, aí eu gostava, né? Do negó... Eu não tinha ido com ninguém. Nunca tinha feito nada até aquela época, eu era casada mesmo assim ó! Atolada. Mas sabe uma mulé atolada? Eu só enxergava aquele homem na minha vida, sabe? Mas eu fiquei com uma certa mágoa dele porque eu achei, pô! Que ele devia ter me alertado: “Pô, vai se cuidar e tal.” Porque ele gostava tanto de mim, né? Era até duma maneira errada, porque ele não devia ter deixado eu ficar assim. Devia ter me ajudado a ficar diferente. Aí como ele não me deu bola, eu descobri sozinha, aí eu comecei a ver, né? “Ah! O pessoal...” Tá interessante ainda, né? Tão olhando e tal. É, Angela, cê tava meia acabada mesmo. Aí as coisas foram mudando aí, aí a minha, a minha, minha, minha, (*risos*) minha amiga começou a falar: “Não, porque meu irmão, porque me irmão...” Aí eu: “Ih, já tô gamada nesse irmão, sem conhecer.” Mas eu falava de sacanagem porque eu não tinha nada com ninguém. Eu tinha amigas que tinham assim mil homens. Eu até acobertava... recriminava, eu ajudava (*risos*), mas eu não fazia: “Pô!” “Não tenho nada que vocês façam, mas eu não faço.” Eu era assim, cê vê como muda.

Aí, né? A minha amiga: “Ah, porque não sei o que, não quero...” Aí ele veio

passar as férias aqui comigo, aí eu digo: “Oba, vou conhecer esse gatinho.” Aí eu toda, né? Empolgada. Aí cheguei na casa dela um dia, que a gente ficava assim uma na casa da outra, ela morava num bairro e eu no outro. Tipo assim... na Bahia, tipo assim, Tijuca, né? Como vocês moram e vamu dizer, as duas era zona, era zona, não, Zona Sul... Ipanema, vamos dizer assim, Ipanema... e Leblon, vamos dizer assim, né? Porque era Zona Sul que a gente morava lá na Bahia, né?

DR: Qual o bairro da Bahia?

AM: É, eu morava em Itapoã e ela morava em, eu digo na, na orla, né? E ela morava na Pituba. Aí toda hora eu ia na casa dela que os meninos estudavam na Pituba, que a casa que eu tava construindo era na Pituba, ou ela ia pra Itapoã com os meninos pra ir pra praia, a gente ficava naquela, vivia uma na casa da outra, né? E como ela morava em apartamento e eu em casa, ela vivia muito lá em casa. Aí nesse dia eu fui trazer as crianças... levar as crianças na escola, os dois pequeninhos no maternal, né? Aí fui na casa dela, aí ela: “Ah, meu irmão taí, vou te apresentar.” Aí eu falei: “Ah, vou conhecer esse irmão.” Eu sempre fui muito assim, né? Escandalosa, muito espreitada, né? Quer dizer, eu não tava, tava meio adormecida, aí recuperei, sei lá, né? Que eu tô recuperando de novo, eu tava tão bem como tava, tava quieta quando eu descobri isso, agora começou de novo. Aí eu fui, né? (*risos*) Aí eu fui, né? Sério! Aí eu falei assim: “Nossa, mas que gatinho.” O menino era feio que doía, olha só. É sério, (*risos*) parecia um, uma tripinha, olhei, falei assim: “Ai, que, que lindinho.” “Mas filhinho...” - eu assim mesmo pra ele - “Você tá sujinho de feijão aqui.” Que ele tinha 18 anos, tava começando aquele bigode assim, o garoto ficou desesperado, né? Aí (*risos*) ele foi pro banheiro, pensou que fosse verdade, aí eu comecei a rir, né? Aí eu quá... aí a... aí ele ficou com vergonha, não queria sair do banheiro e a Lúcia: “Sai daí que ela tá te sacaneando, isso é seu bigode, não sei o que.” O garoto não saiu do banheiro, né? Mas tadinho, se apaixonou, não sei porque, só porque sacanei ele, veja bem. Aí eu falei: “Ah, deixa ele aí, é bobão mermo e tal.” Mas nem tchun pro garoto, né? Aí toda hora a gente se encontrava, ele todo si, tímido, né? Mas a gente se encontrando toda hora porque e, ele foi passar as férias e resolveu ficar morando lá porque ele morava em Nova Iguaçu aqui, coitado e chegou lá viu Bahia, minha amiga com uma casa legal, não sei o que, foi, começou a estudar, sabe? Começou a morar com ela. O meu, o, o, como é, o marido dela começou a, gostava muito dele, chamou: “Te arranjo um emprego.” Não sei o que, ele foi ficando, ele tinha 18 anos. Aí era aniversário lá em casa, era aniversário na casa dela, eu sei que a gente tava sempre junto, do mermo jeito que eu tava junto da minha amiga, eu comecei a ficar junto dele e sempre sacaneando ele, né? Tudo que eu podia eu sacaneava, né? Mas até aí tchun, né? E ele tinha uma, tinha uma bicicleta, quer dizer, ele tinha bicicleta na casa dele, ele ia todo dia, ele ia pedalando até onde eu moro. Cê conhece a Bahia?

DR: Conheço.

AM: Cê conhece Pituba e Itapoã?

DR: Hum, hum.

AM: Ele ia de bicicleta todo dia lá pra Itapoã e eu ia pra praia com as criança pequena, né? Que eu ia com a babá e tal, ia pra praia, ficava na praia com as crianças, toda hora ele chegava lá de bicicleta, aí eu: “Tá malhando e tal, não sei o que, veio me ver, lógico

que cê veio me ver. Cê não vive sem mim, num sei que.” Eu falava assim pra ele, né? Ele com a cara de cu me olhando, né? Aí eu: “Bom, deve ser bobo, né?” Me toquei, né? Mas eu brincava mesmo, de brincadeira. Aí ele começou a falar pra mim que tinha que mudar o itinerário dele, eu falei: “Também acho. Todo dia você vem pra Itapoã. Tudo bem esse negócio de malhar, mas cê não malha mais pra, pra Barra.” Que ele morava no meio, né? Tinha praia pra lá e praia pra cá, ele só vinha pro lado de cá, né? Aí ele falou assim: “Ah, porque o pessoal tá implicando porque eu venho muito na sua casa, não sei o que.” Que aí a gente saía da praia, que as crianças saíam cedo e ia até em casa e aí tomava um suco, às vezes tomava uma ducha... *(bater de porta) (interrupção na fita)*

DR: Vai.

AM: Nã, aí ele começou fa, aí, aí, que eu tava falando? E a gente saía da praia, né? Com as crianças, ia em casa, tomava um suco aí ele descansava e voltava pra casa, aí nesse dia, né? Ele falou assim pra mim, depois de muito te, tempo isso acontecendo, ele falou pra mim, ele falou: “Poxa, Angela, eu não vou poder vim mais aqui.” Eu falei: “Ah, por que? Que bobagem! Pô, é tão legal, você vem aqui, eu gosto tanto quando você vem aqui, a gente conversa e tal.” Mas sabe, assim, um monte de besteira, sabe? Eu descia bem o nível ao nível dele, assim, besteira: “Cadê as namorada, que não sei o que, que cê tá fazendo, como é que tá na escola, não sei o que.” Aí ele falou assim: “Não, é porque, é, é, o, e, o Enderson me proibiu...” - Enderson é o marido da minha amiga, né? Do, o cunhado dele - “...de vim pra cá. Ele disse que eu tenho tanto lugar pra ir, por que que eu tenho que vim todo dia pra cá.” Eu falei: “Ah, manda o Enderson tomar banho! Que bobagem! Ele não tem nada com isso.” Ele falou: “Ó, ele disse que inclusive o Roberto pode não gostar.” Eu falei: “Ah, não gostar de que? Cê não tá fazendo nada, não tamo fazendo nada, nós tamos aqui conversando, não sei o que.” Aí... juro! Não é que eu fosse inocente que eu nunca fui inocente, com ele não estava tendo assim, absolutamente nada! Juro assim, pela felicidade dos meus filhos. Nada até aquele momento tinha passado na minha cabeça, era só mermo, eu achava que ele ia lá porque era divertido, é engraçado. É que como ele, outros jovens gostavam de tá comigo, de rir, brincar, independente dessa queda que eu disse que eu tenho, mas com ele eu não tinha, que inclusive ele não era bonito, não era... era bem raquiticozinho, era aquele menino assim, franzino, por exemplo, o meu filho com 18 anos tinha muito mais corpo que ele, ele tinha com 18, meu filho era mais novo, tô dizendo, quando meu filho fez 18 anos...

DR: Hum, hum.

AM: ...já homão, porque nó... eu sou muito grande, meu marido e tal. Ele não, ele já era bem raquítico, depois ele até botou corpo que ele começou a malhar e tal, mas até ali ele era assim, desminligüido, não tinha nem porque eu me interessar por ele. Aí eu falei: “Ah, que bobagem, liga pra esse pessoal não, esse pessoal é maldoso, que coisa, esse pessoal é enjoado, manda esse pessoal tomar banho, não sei o que.” Aí ele: “Ah, você acha?” Falei: “Eu acho, que o Roberto vai ligar, por que? Que bobagem.” Aí teve um aniversário lá em casa... acho que um, uma criança fez aniversário aí todo, nós tavamos juntos aí o Enderson chegou pra mim, que é o cunhado dele e falou: “Olha, Angela, eu já falei com o Paulinho que eu não quero que ele venha mais na sua casa, a não ser assim quando venha todo mundo e tal... porque o Roberto me chamou atenção, ele não gosta que o Paulinho venha aqui.” Aí eu falei: “Ah, por que?” “Porque não, porque ele não gosta de saber que ele tá na rua e tem homem aqui na casa dele.” “Aquilo lá é homem? Me economize, me poupe.” Ah, tudo bem, eu falei: “Ah, não quer, não quer,

ué?! Não quer vim não vem, quer vim favor não quer, são dois.” E nesse dia ele chegou pra mim e falou assim: “Cê tá tão bonita, Angela.” Ele falou, o Paulinho, falou pra mim: “Cê tá bonita.” Eu falei: “Ah, brigado. Gostou? Não sei o que.” Toda gaiata, né? Eu toda arrumada, tava tendo festa, aí teve uma hora que eu o, e, eu olhei assim, o Roberto tava olhando pra ele e olhando pra minha cara, sabe assim? Olhando pros dois? Eu na minha, né? Aí ele chegou e falou assim pra mim, o Roberto: “Cê viu o tropeção que o Paulinho levou?” Aí eu falei assim: “Tropeçou? Caiu?” Ele falou assim: “Eu já tive 18 anos.” Aí eu falei: “É mesmo? E tropeçou?” Aí ele falou assim: “É, você realmente quer se fazer de desentendida.” Eu falei: “Ah, me poupe, me economize.” Aí fui embora, né? Nem dei bola pra ele, falei: “Tropeçou?!” Aí tá! Aí foi o seguinte, né? Passou um tempo, ele apareceu de novo... ah, aí nesse dia tava chovendo pra caramba! Eu não tinha ido a praia, ele apareceu que nem um pinto. Não tava chovendo na Pituba e no trajeto da orla ele pegou chuva até lá em casa e o pneu da bicicleta furou, ele chegou empurrando a bicicleta, parecia um pinto calçado, né? Assim, todo molhado. Aí eu falei: “Tá vendo? Cê fica aí desobedecendo os outro, cê não tinha que ir pro outro lado? Agora tu veio pro lado de cá. Que tu tá fazendo aqui?” Né? Fiquei sacaneando ele. Ele falou: “É, pois é! Mas eu queria conversar com você, cê pode conversar comigo?” Eu falei: “Posso.” “Cê, mas, você, dá pra você me dar uma carona?” Eu tinha uma Caravan, é... aí eu falei: “Ah, tudo bem.” O pneu da bicicleta tá furado, ele não pode voltar pedalando. Ele falou: “E eu tenho que voltar com a bicicleta, vou dizer como?” Eu digo: “Tudo bem. A gente bota a bicicleta na Caravan, eu te dou uma carona até lá perto, você finge que es... furou lá.” Porque ele disse que o pessoal ia brigar com ele se ele tivesse lá em casa. “Aí você conversa comigo no caminho.” Ele falou: “Tudo bem.” Aí ele botou a bicicleta no carro, eu fui dirigindo. E lá na Bahia, não sei se cê sabe. Tem a orla e tem a paralela que é por trás, que é bem mais longe, aí eu ia voltar ele falou assim: “Não vai pela orla não, vai pela paralela que demora mais e eu quero conversar com você.” Eu falei: “Ah, tudo bem.” “E vai devagar.” Aí eu fui, né? Devagar, então. Aí ele falou assim: “Pois é! Se o pessoal descobre que eu tive aqui vai ter mó bronca, porque o negócio é o seguinte, Angela, eu não posso mais vim na sua casa.” Aí eu falei: “Ué, não pode, não vem.” Ele falou assim: “Será que você não sabe porque, que tá todo mundo reclamando de mim?” Eu falei assim: “Não, por que?” Mas juro, mas por Deus, cara! Foi uma cho... uma... “Isso é porque eu tô gostando de você, eu gosto muito de você, eu tô apaixonado por você.” Cara, eu parei o carro, falei: “Como é que é? Peraí.” Mas isso foi naquela fase que eu tinha me, sabe assim quando cê se redescobre como pessoa? Que até então eu tava esquecida do mundo, né? Pra mim não existia mais nada. Aí eu falei: “Ah, mas peraí, cê tá brincando comigo, né? Cê tá fazendo piadinha com a minha cara, né?” Ele falou: “Não. Todo mundo já percebeu. Seu marido, o meu cunhado, a minha irmã, todo mundo já notou, só você que não notou ainda?”

Fita 2 – Lado B

DR: Pronto.

AM: Aí falei pra ele, né? Fiquei, mó rosário pra ele: “Cê já viu minha cara, cara? Cê tá vendo por fora, cê nunca me viu sem roupa, cara, eu sou gorda, cheia de celulite, eu emagreci 20 e tantos quilo agora, cê não me conheceu antes, se cê chegasse aqui...”

DR: Cês não iam a praia?

AM: Hã? Ia, mas eu não usava biquíni, maiô, nada disso que eu era toda pala,

pelancuda, eu falei.

DR: Hãm.

AM: Era assim não, mas eu tava, né? Depreciando, né? Naquela época ainda não era não, agora (*risos*), eu tava, né? Aí eu: “Cara, tô horrorosa, so, sabe? Eu saí de uma dieta agora, drástica, você tá me encontrando melhorzinha, mas eu sou um caco. Pô, cara, eu tive um monte de filho, eu tô acabada, não sei o que.” Ele falou assim: “Já acabou?” Eu virei: “Já.” Ele falou: “Mas eu gosto de você.” Eu falei: “Ó, vamos fazer uma coisa? Cê não vai mais lá em casa, cê procura ir pro outro lado da praia e realmente, o povo tá e cê tá meio maluco, variado, vamos fazer o seguinte? Eu vou fingir que cê não falou...” - isso aí eu comecei a andar, né? - “...vou fingir que cê não falou nada disso comigo. Amanhã se a gente se encontrar eu digo oi pra você, cê já vai, vamos esquecer, não sei o que.” Ele falou: “Você quer isso?” Eu digo: “Olha, eu acho bom, viu? Vamos esquecer isso porque realmente você não regula bem. Cê tem idade pra ser meu filho, se eu tivesse tido filho... porque eu já tinha corpo com 12 anos, eu podia ser sua mãe. Sua mãe, essas alturas casou mais cedo que eu, fui mãe até bem mais cedo, eu podia ter tido você como, você, você é meu filho.” “Ah, mas você não é minha mãe.” Eu digo: “Ah, eu não tô afim de papo, não.” Aí cheguei perto da casa dele, falei assim: “Ó, pode tirar sua bicicleta aí, se manda e tal.”

Mas aí, né? Sabe como é que é, né? A carne é fraca, né? Aí eu vinha andando, mas falei: “Pô, moleque louco, molequinho (*inaudível*), um moleque daquele, como é que eu vou esquecer?” Aí lá no fundinho eu gostei do negócio, né? Falei: “Pô, o negócio tá bom, né? Vou ligar. Não, mas que isso, Angela? Dá um tempo, cê nunca fez nada disso e tal.” Aí eu comecei a es, tentar espantar aquilo da minha cabeça, né? Não, não é nada disso e tal e evitava, entendeu? Não ia muito na casa da minha, da minha amiga, normalmente eu ia ele não tava, ela, ela não tava, ele tava, eu ficava lá conversando com ele, não sei o que. Parei de ir, comecei a fugir assim, não é fugir. Comecei a não, a me afastar, ao mesmo tempo que eu queria me afastar, eu queria (*risos*) me aproximar, mas eu comecei a, a, o lado, né? “Não, Angela, não faz isso, tá errado. Então, embora fosse gostoso, não faz isso.”

Aí, falei... mas aí nesse meio tempo foi acontecendo um monte de coisa, eu assim... desgostosa com a falta de atenção do meu marido... mas não é falta de atenção... assim... ele, ele, ele me dava atenção, eu sabia que ele gostava de mim, ele se, ele se, se preocupava, ele ligava, não sei o que... Mas era muito envolvido com trabalho, entendeu? E eu querendo assim, alguém, queria conversar, queria, sabe? E, e, de repente comecei a sentir falta daquelas coisas que ele fazia comigo, ele chegava na praia a gente conversava, sabe? Aí eu comecei a sentir falta disso, aí eu falei: “Ah, não.” E ele, toda vez que tinha oportunidade, ele ainda me dava uma, uma espetadinha, né? E eu levava na sacanagem, eu: “Ih, garoto, sai, pára com isso, não sei o que.” Mas gostava, né? Que eu vou fazer? Não vou negar, né? Aí ele ficava: “Não, porque não sei o que, porque...” Aí ficava me pentelhando. Aí, teve um dia... Não. Aí... não, foi... é... que que aconteceu? Aí a minha mãe... nesse intervalo a minha mãe, é... (*risos*) já até achei que é por causa da minha mãe, coitada, ela tava doente, morreu e eu botei a culpa nela. Aí nesse intervalo a minha mãe ficou, não, eu recebi uma ligação na casa da minha amiga... eu fui fazer a unha na casa dela, que a gente tinha uma manicure e todo dia da manicure eu ia pra casa dela, que era mais perto. Eu tava fazendo a unha, ela não tava em casa, a minha amiga, não. Ligaram pra ela pra ela sair de casa, ela chegou e me deu a notícia que a minha mãe ta, tinha falecido no Rio, aí, sabe? Assim, eu fiquei desesperada, né? Eu tava fazendo a unha e tal, e o meu marido tinha mandado ela sair de casa pra

conversar com ela, pra ela me dar a notícia, que ele tava vindo do trabalho pra falar, aquelas coisas assim, né, pra preparar. Aí nesse intervalo que eu tava desesperada chorando, que o Roberto chegou, ele chegou do colégio, o irmão dela, quando ele chegou, ele ficou desesperado de ver eu chorando e o Roberto sem trabalhar naquela hora, me botando no carro, me levando... Depois ele veio me contar que ele tava achando que o Roberto tinha descoberto que ele tinha falado pra mim, coisa de criança, né? Pensando que o Roberto tivesse me tirado de lá por causa dele, depois ele me contando, né? Bom, eu sei que a minha mãe faleceu nesse dia... Aí, eu não tinha tido nada com ele. Aí, eu vim embora, vim pro enterro da minha mãe e tal. Aí no enterro da minha mãe, foi engraçado... Ai, enterro engraçado, ó! A gente se reencontrou, os irmãos, né? Tinha muito tempo que eu não via meu irmão, inclusive esse do sul, ele veio aí a gente ficou junto, sabe? E eu tinha ficado sem comer assim, no velório, o tempo todo, não tinha tido tempo de comer... e eu ia voltar no dia seguinte, eu ia participar do enterro da minha mãe e ia voltar. Aí, como tinha muito tempo que eu não via meus irmãos, inclusive eu não tinha trazido roupa nem nada. Fui com a roupa do corpo. Eu vim, porque os meninos eram pequeno, eles foram ficar lá em casa, o, a minha amiga, o marido, os dois filhos e o irmão dela, foram tudo lá pra casa, ficar lá em casa preu viajar porque eu tinha dois filhos pequenos, eles foram ajudar a tomar conta que era assim que a gente fazia e eu peguei um avião pra vim pro Rio e ele preocupado achando que o, antes de saber que a minha mãe tinha morrido, ele pensou que fo... o Roberto tivesse descoberto que ele tinha se declarado pra mim, umas bobeira dessa.

Aí, que eu tava falando? Aí quando eu cheguei no Rio, há muito tempo que eu não via meus irmãos, a gente resolveu ficar junto, né? Aí a gente, deu vontade de sair pra tomar um negócio, a gente saiu, tal, naquela depressão, os três assim, começamos a recordar um monte de coisa, aí a gente: “Pô, vamos tomar um negocinho e tal? Vamos.” Eu sei que era conversar pra ficar junto só nós...

DR: Os três?

AM: Só nós, né?

DR: Os três irmãos?

AM: Nós quatro.

DR: Hum.

AM: Eu e os meus três irmãos. Aí nós íamos ficar na casa do, desse meu irmão que é um pouco mais velho que eu que era perto desse barzinho, a mulé dele subiu e nós ficamos embaixo num barzinho, é... bebendo um negócio assim, só nós que a gente queria ficar nós quatro assim, falando da minha mãe, não sei o que. E dali o papo degingolou. E eu nunca tinha bebido, eu sei que eu tava (*risos*) com o estômago vazio e... eu resolvi experimentar o negócio que eles tavam bebendo, eles tavam bebendo caipirinha, sei lá o que, né? E eu comecei a beber, eu já não sou... eu sou fraca pra bebida pra caramba, ainda bebi aquilo, eu sei que eu fiquei altona, né? Não tinha comido direito, não tinha me alimentado mermo. Aí eu sei que eu comecei a falar de mim, né? Aí eu comecei a falar que... das coisas da minha vida, eu: “Sabia que tem um cara.” Isso eles me contaram depois que eu nem lembro, diz eu dei mó vexame: “Sabia que tem um cara me paquerando, mas eu tô resistindo, mas eu não vou resistir é nada, porque...” Ah, sim! Eu comecei a falar que eu tava com raiva do meu marido, pelo

seguinte: porque eu queria que ele tivesse vindo pro Rio comigo e ele disse: “Angela, eu não vou com você porque eu vou ficar com as crianças.” Eu fiquei tão puta quando ele fez isso! Mas tão puta. Cara, mas eu fiquei com tanta raiva dele, quis mandar matar ele. Quando eu peguei o avião, eu nunca me senti tão... eu não sabia se eu tava chorando porque minha mãe tinha morrido ou de raiva dele, porque eu achava que ele tinha que tá comigo. Aí eu ainda vou chorar, vou ficar com raiva. Aí eu tava com tanta raiva dele, aí eu comecei a falar, né? Eu digo: “Pô...” Aí todo mundo: “Por que que o Roberto não veio?” Eu digo: “Pô, porque ele é um filho da puta, que ele é um sacana! O lugar dele era comigo, mas não, ele quer é ficar com os filho dele, mas ele também vai ver só.” Aí eu comecei a falar, né? “Que tem um cara assim, assim... porque eu vou chegar lá ele vai ver só. Eu vou dar pra esse cara, ele vai ver.” Mas eu já cheguei assim, né? Com vontade de arrebriar, né? Puta da vida! Aí, todo mundo: “Que nada, você gosta dele.” Eu digo: “Gosto, mas eu vou sacanear ele, não sei o que.” Aquelas confusões assim, né? Aí eu sei que no dia seguinte que eu acordei, vieram me contar tudo isso que eu falei, né? Eu falei: “Ih, gente, isso é mentira! Que nada. Realmente, tem um cara assim, assim, mas...” “Ih, Angela! Ó, subconsciente é que manda, não sei o que. Vê lá que que cê vai fazer, juízo, cuidado.” Aí eu vim embora, quando eu cheguei em Salvador... não. Li... minto. Eu liguei do Rio ele atendeu lá em casa que ele tava lá, tava todo mundo na rua, ele tava em casa, ele chegou: “Como é que cê tá? Tá legal e tal?” O garoto que tava lá em casa. “Poxa, quando eu vi o Roberto chegar lá em casa, pegar você, eu achei que ele tinha descoberto alguma coisa.” Eu falei: “Descoberto o que, menino? Não tem nada pra descobrir, como é que descoberto?” Ele: “Ah, porque essa casa não é a mesma sem você, tô com uma sau...” Sabe assim? Sabe assim você tá lá embaixo e uma pessoa fala coisa pra você que cê quer ouvir? “Pô, essa casa não é nada sem você, eu tô aqui na sua casa, mas ela só tem graça quando cê tá aqui, eu queria tanto que cê tivesse aqui, porque não sei o que, eu tô tão triste, não sei o que, queria tar junto de você.” Ai! Me deu uma raiva quando ele falou tudo isso, porque eu queria que o meu marido tivesse falado isso pra mim. Quem falou foi aquele cretino! (*risos*) Aí tudo bem, né? Aí cheguei em casa aí eu falei: “É, então tá bom! Então agora cê vai (*risos*) ver só uma coisa.” Aí eu falei: “Não vou esperar uma primeira, se esse guri tiver coragem...” - porque eu não tinha coragem - “...se ele tiver coragem de faze... dar uma cantada, eu vou embarcar direto.” Eu já tinha vindo pré-disposta, sabe? Aí tá, aí não rolou nada. A gente continuou com aquela, vai e volta, né?

A... ele tinha tirado carteira... isso tudo foi um espaço de tempo muito pequeno, viu? Não foi assim, anos que aconteceu isso não, tá? Tipo assim, ele foi morar lá em janeiro e essas coisas aconteceram assim, um ano depois, assim, foi coisa assim, sabe? Aí ele come... ele, ele ia pegar a carteira dele e a minha amiga não podia levar ele pra pegar a carteira. Ele ligou pra mim e perguntou se eu podia dar uma carona pra ele, que quando eu descesse, se eu podia deixar ele no Detran. Eu falei: “Ah, tudo bem.” Mas ele já tinha armado tudo na cabeça dele, tá? Aí eu desci, né? Falei: “Ó, tudo bom, então vamos, eu te levo.” Aí quando... não. E eu tava sem carro, eu ia pegar o carro, o motorista ia me deixar lá que ia pegar num se, fazer não sei o que com o carro do meu marido, que eu tava sem carro, eu ia pegar o carro da minha amiga pra levar ele no Detran, porque ela não podia, não sei porque, ela não ia levar e falou: “Cê leva ele lá?” Eu digo: “Levo.” Aí peguei, né? Peguei o carro da minha amiga com ele e fomos. Quando ele saiu do Detran com a carteira, ele foi pegar a carteira acho que foi lá no, no... aí ele falou: “Agora eu já tenho carteira.” E ele já dirigia, eu falei: “Então pode dirigir. Então o carro é todo seu.” Que eu já tinha falado com a minha amiga, ela falou: “Quando ele pegar a carteira, pode deixar ele vim dirigindo.” Quer dizer, pode deixar, aí não tem problema, que a gente ficava, é... o pessoal ficava preocupado por causa de

carteira. Aí eu dei o carro pra ele, aí ele começou, né? “Que não sei o que, que a gente tem que comemorar, que não sei o que (*inaudível*), que eu quero encontrar com você (*inaudível*).” Aí começou, eu falei: “Ah, sabe de uma coisa? A gente vai, nunca foi não, mas vai.” Aí me deu uma doida assim, eu fui, tal. Aí a gente foi, aí chegou lá foi uma desgraceira só, né? Porque... o guri não tinha experiência de nada, né? Parecia um doido, né? Um maluco. E eu dando uma de professora, né? (*risos*) Não é assim, é assado, nanana. Mas sei que rolou horrores e depois eu falei: “Meu...” Aí quando acabou aquela maluquice toda assim, eu falei: “Meu Deus! Angela, que que tu tá fazendo aqui?” (*bater de palmas*) Aí eu, ele a... eu digo: “Não fala comigo! (*risos*) Não chega perto de mim! Eu não quero assunto com você, esquece, ó, finge que não aconteceu, não sei o que.” “Mas...” Eu digo: “Não quero saber de assunto.” Aí entrei no carro, nem olhava pra cara do garoto, mas fiquei assim, desesperada, bateu aquele remorso, aquele negócio, (*bater de palmas*) mas eu gostei, tá? E, eu já tava gostando dele, eu gostava dele pra caramba, não sei porque que eu gostava dele, não sei se... eu não sei, eu sei que eu descobri que eu gostava dele, mas eu tava... eu não queria que tivesse acontecido aquilo. Eu gostei, mas eu não queria, me caiu aquela culpa. Aí eu saí de lá, não olhava pra cara do garoto, né? Aí fui embora pra casa, não queria papo com ele.

Aí eu fiquei um tempão sem ir na casa da minha amiga, a mi, minha amiga me chamando, não sei o que. E a gente fazia compras de mês junta, quando eu ia fazer compra, ela me ajudava que a gente comprava muita coisa e quando ela fazia, eu ia com ela. Aí ela ligou pra mim um dia assim, uma semana, uns 15 dias depois: “Angela, vem fazer compras.” Eu digo: “Ah, não vou nada, vai com seu irmão, seu irmão é um a toa, vai com ele, não sei o que.” “Pô, Angela, tô com saudade de você, que que aconteceu? Aconteceu alguma coisa?” Eu digo: “Não, mas eu não quero ir.” Eu não tava querendo... apro...

DR: Encontrar?

AM: Encontrar, é. Eu falei: “Vai só eu e você?” Ela falou: “Vai. Mas eu quero saber.” “Eu e você só? Então tá, então tá bom! Eu passo aí de carro.” Quando eu passei, desce ele e ela, eu falei: “Pô, você não falou que era só você?” Ela: “Ah, mas ele ta, chegou da escola agora, tava a toa e disse que quer ir junto.” Aí tá. Aí eu falei assim: “Não vai dar certo.” Aí eu tô, né, sentada e o retrovisor, né, e eu não querendo olhar, né? E todo lugar que eu olhava, via a cara do garoto atrás olhando pra minha cara, eu digo: “Ih! Isso não vai dar certo.” Aí chegou no mercado, eu falei pra ela assim: “Como é que é?” Porque a gente já tinha costume, né? De comprar. “Eu vou cuidar de limpeza, cê vai pra outro lado.” Aí eu me mandei com o carrinho, né? Pra outro lado, longe (*risos*) deles, né? Aí ela: “Mas que isso?” Eu digo: “Mas eu já sei que que cê quer, eu vou comprar.” Aí fui embora, aí ele veio atrás, né? Aí ele botou o carrinho dele assim na minha frente, falou assim: “Vem cá, posso te perguntar uma coisa?” Eu: “Que que é?” “Pô, eu fui tão (*risos*) ruim assim?” Esses homens sempre com essa pergunta, né? Bem sutis, né? “Eu fui tão ruim assim?” Eu falei: “Não tô entendendo a pergunta.” (*risos*) Aí ele falou assim: “Pô, foi tão ruim assim? A gente, pô... eu gostei tanto de você.” Eu falei: “Garoto! Não aconteceu nada. Apaga, passa a borracha. Finge que cê imaginou isso, mas não aconteceu.” Ele falou: “Como não aconteceu? Eu quero saber quando vai acontecer de novo? Porque eu quero ficar com você porque eu gosto de você.” Eu falei: “Pronto. Fedeu.” Eu falei: “Ó, vamos fazer uma coisa? Outra, a hora, outra hora a gente conversa, com calma, aqui não é lugar e tal, tá?” Ele falou: “Tá bom, mas a gente vai conversar?” “Vai.” Na verdade é o seguinte: ele ficou me perturbando e eu comecei a

gostar dele, entendeu? Não sei se eu gostei dele, não sei se foi a, o que aconteceu, sei quando eu vi eu tava envolvida com ele, já tinha virado rotina, tá? A gente ficou amante. Amante. Assim ó, amante, né? É, a gente se encontrava assim, ele tinha a vida dele, sempre teve, ele tinha um, chegou uma época que ele namorou uma menina, que ele gostou dessa menina, mas nunca saiu do meu pé, chulé! A gente se encontrava, porque não era um amante assim, de cama... por exemplo, ele não tinha nada pra me dar na cama, não acrescentava nada. Cama, eu tinha um relacionamento ótimo com meu marido. A única coisa que ele tinha era disponibilidade pra mim, entendeu? Se eu quisesse, ele tava ali e o meu marido não estava, era o único problema, e, era único problema não, era a única solução. Que o meu marido, por exemplo, ele nunca tinha tempo pra nada, quando ele chegava do trabalho, tava super cansado, não era tempo pra nada de sexo, não. Isso ele encontrava tempo, pra ficar comigo, pra conversar, pra sair...

DR: Pra te acompanhar no Rio, né?

AM: Pra, pra, nos lugares, pra me acompanhar nos lugares que eu queria ir. Eu fazia tudo muito sozinha aí comecei a fazer com ele. Por exemplo, a gente armava troço, eu e as minhas amigas, não sei o que, enfiava ele no meio, ele ia, ta, tava sempre junto e tal. Mas a gente não tinha nenhum... por exemplo, se a gente tivesse aqui junto, até hoje é assim, tá? Se a gente tiver aqui junto, você só vai saber que ele tem alguma coisa comigo, porque eu tô te contando, porque a gente não fica, não tem nenhuma atitude. Dizem as más línguas que olhando pra minha cara, você descobre que tem. Essa ma, ma, mi, amiga que tá aí na, na sala, principalmente, ela diz que quando ele tá na minha frente, a minha fisionomia muda. Eu até acredito, porque ela diz que eu mudo quando tô na frente dele. Então se você prestar atenção, você vai ver que eu olho pra ele de um outro jeito, ela diz, né? A psicóloga que tá ali na sala, a minha prima, né? Eu acredito, porque foi uma coisa tão intensa, que a gente tá junto há 15 anos, né? Quer dizer, junto! A gente tem assim, relacionamento há 15 anos e eu fiquei 24 anos e meio casada, quer dizer, quase que eu faço bodas junto, né? Com o moleque. Então ele já fez 20, já fez 30 e a gente tem sempre esse tipo de contato.

Por exemplo: eu saí da Bahia fui pra Belo Horizonte, sofri pra caramba, né? Porque aí ficou mais difícil, mas duas vezes por ano, eu ia a Bahia. A gente se falava muito por telefone, ele ligava muito pra mim, eu ligava muito pra ele e toda vez que a gente se encontrava, era um negócio assim de pele, sabe? Não sei, começou a virar outra coisa. Por exemplo: eu ia pra Bahia porque eu ia passar as férias com meus filhos que eles gostavam... que os meus dois filhos são baianos, os menores. Chegava lá eu olhava pra cara dele, ele olhava pra minha cara, era um negócio assim, o negócio começou a ficar já de pele, de, de, de sentimento, sabe, assim? E eu não tinha outras pessoas. É por isso que eu acho engraçado. Eu num, eu num conseguia fazer assim com outras pessoas. Assim, ter outros relacionamentos, que as minhas amigas casadas falavam pra mim: “Ah, o teu mal é esse. Agora que cê já fez primeiro, faz com os outros.” Eu não sabia, porque eu gostava dele, eu até brinquei um dia lá quando falaram, é... “Ah, porque uma outra pessoa é traição.” Eu di... eu, eu, eu encaro que não, eu dizia, eu até brinquei, eu falei assim: “Não, dois, às vezes dois pode não ser traição.” Eu na minha cabeça, eu tinha duas pessoas que eu gostava, eu tenho duas pessoas que eu gosto, entendeu? E essas duas pessoas eram o meu ex-marido e ele. Então ele teve um relacionamento com uma garota... eu conhecia as namorada dele, que a gente tava sempre junto nos lugares, a Bahia é um ovo! Você passa... ele era solteiro, ele tinha a vida dele e eu era uma mulê casada, então a gente tinha alguns encontros... A gente conversava, a gente transava, tal, mas ele tinha a vida dele, sempre teve.

Aí quando eu mudei pra, pra Belo Horizonte, né? Que eu fiquei, pô, fiquei super chateada, triste pra caramba, eu ia lá e a gente olhava e tal, saía, ele sempre dava um jeito, driblava a namorada dele, a gente saía, ficava junto. E rolava assim, coisa assim de... eu gostava dele. Eu achava assim que ele não gostava de mim assim do jeito que eu gostava dele, tá? Ele gostava de mim de um outro jeito, eu gostava de um jeito ele gostava de outro. Bom, aí, qua...

DR: Como, como era o jeito assim?

AM: Dele?

DR: É. Como era o seu jeito, como era o jeito dele?

AM: Eu gostava dele...

DR: Cê gostava diferente?

AM: Assim... Ai, não sei! Por exemplo, tinha muito carinho por ele, eu acho que eu... por exemplo, embora a gente transasse, é... isso não era importante pra mim, isso era uma consequência, tá? Eu acho que era mais assim materno, era mais assim... uma coisa assim, eu gostava pra caramba dele, eu gostava de saber que ele tava bem, eu gostava de saber quando ele tava trabalhando, sabe? Aquelas coisa de mulé assim? Eu queria um todo, ele nunca se importou muito assim com essas... minha parte assim, ele não queria saber de nada da minha vida, se a minha vida tava boa, se tava ruim, se eu tinha brigado, se eu não tava. Ele só queria saber daquele momento que a gente tava junto. Aquele momento a gente ficava junto, a gente se beijava, se abraçava, transava, não sei o que, conversava e tal, mas nada sobre... a minha vida, sobre a Angela. Ele falava muito dele, tá? Porque eu perguntava muito dele, ele falava. Agora, eu... a minha vida não interessava pra ele, quer dizer, a maneira dele gostar talvez fosse essa ou aquele egoísmo que o homem tem, né? E eu sempre muito preocupada com ele.

Aí saí de, de, de, de Belo Horizonte, fui, vim pra São Paulo, fui pra São Paulo, nesse meio tempo ele mudou pro Rio, ele teve uma briga lá com a irmã dele, não sei o que, aí mudou pro Rio, veio pro Rio. E eu em São Paulo, perdi um pouco o contato com ele por ele estar no Rio, eu não sabia onde que ele estava, eu morei dois anos em São Paulo, perdi um pouco de contato, continuei indo pra Bahia, mas só sabia que ele tava no Rio, falava com ele por telefone quando tava na Bahia pro Rio, dei meu telefone de, de São Paulo, ele ligou pra mim, a gente ficava conver... voltou, retomou um... o contato por telefone, é... mas eu não o via. E nesse meio tempo, eu, é... o meu marido me deu um apartamento no Rio, que eu comecei a vim pro Rio e a minha amiga veio de Salvador ficar nesse apartamento comigo e a gente encontrou com ele, aí voltou tudo de novo. A gente se reencontrou depois de algum tempo. Mas do mesmo jeito que era antes.

Nesse intervalo ele foi muito apaixonado por uma garota da Bahia, foi até por isso que ele foi pro Rio, uma das razões, ela foi embora porque ele era um menino assim, é, não desenvolveu muito em estudo, é... é um auxiliar de mecânico, tá, fez um curso de mecânica e... o pessoal começou a ficar invocado com ele que ele não parava em emprego, não sei o que, aí começou a cortar as mordomia dele, ele foi embora, tentar trabalhar no Rio por conta própria. E nesse inte... e a, e a família da namorada dele era assim, não queria que ela casasse com ele porque era de bem, pessoal de grana e não gostava dele, achava que ele era um... João ninguém. Não sei, eu sei que ele sofreu

pra caramba.

DR: A família do marido, o cunhado dele?

AM: Não, do namorado, da namorada dele.

DR: Hã.

AM: Ele tava envolvido com essa garota a ponto de casar, até.

DR: Hum.

AM: Aí essa menina foi embora pros Estados Unidos e ele sofreu pra caramba, não sei o que, aí ele foi, veio embora pro Rio. Aí quando eu voltei a encontrar com ele no Rio, eu comecei a arranjar um monte de pretexto pra vim pro Rio, toda (*risos*) hora eu vinha pro Rio, tá? Primeiro porque a minha vida continuava a mesma. Com meu marido cada vez trabalhando mais. Sempre trabalhando mais. Ele é uma pessoa assim muito dedicada a trabalho, ele sempre disse que fazia pela gente e realmente foi pela gente, a gente mudou muito o, o, o padrão de vida da gente. Mas em compensação ele se ausentava muito, tanto que a gente cobrava muito isso dele, eu e as crianças, né?

E eu comecei a vim pro Rio... ele começou a encarar numa boa, ele até de vez em quando jogava umas piadinhas, mas eu nem... e foi rolando, né? Comecei a vim pro Rio direto e continuando com esse rapaz, esse rapaz trabalhando e não tendo ninguém firme, nunca casou, hoje ele tá com 33 anos, não tá casado, não tá nada, continua solteiro.

Bom, mas aí aconteceu o seguinte, a descoberta, pode contar, a descoberta agora? Já cheguei na minha descoberta, deixa pro próximo.

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA

Data: 31/03/1998

Fita 3 – Lado A

DR: Vamos dar início a segunda etapa da entrevista com Angela Maria Cunha Furtado pro projeto: “A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil”. Hoje são 31 de março de 1998 e estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu. *(interrupção na fita)*

Angela na... na vez passada você tava... cê estava contando pra gente que você morando em São Paulo, em suma, tinha meio perdido de vista o Paulinho...

AM: É.

DR: E aí... soube, em suma, reencontrou ele no Rio de Janeiro, vocês voltaram a se encontrar e...

AM: É, com mais frequência. E aí, bom, aí a gente voltou a se encontrar com mais frequência, eu viajava sempre pro Rio, já não tava assim... não gostava de morar em São Paulo mesmo, então tudo era desculpa preu vir pro Rio, né? Ou queria passar um fim-de-semana ou...

DR: Você morava aonde em São Paulo mesmo, hein?

AM: Alphaville.

DR: Alphaville é um condomínio que tem tudo, né? Como se fosse uma cidade, né?

AM: É, um condomínio fechado, de casas, é.

DR: Hum.

AM: Um condomínio, é... bem grande, o poder aquisitivo bom, casas muito bonitas, só que eu não gostava de morar lá. Então eu ficava sempre vindo pro Rio, né? Sempre era uma desculpa ou outra, ou era um aniversário de um parente ou era um encontro com alguém, assim, com amigas, eu sempre inventava alguma coisa (*risos*) e eu tava sempre viajando pro Rio. Aí no final, né? Ainda mais quando eu soube que ele tava aqui, a gente começou a se relacionar de novo, quer dizer, nós nunca perdemos assim o contato total, mas a gente ficava muito tempo sem se ver. Aí quando eu passei a frequentar o Rio de Janeiro a gente começou a se frequentar mais vezes, né? Tava sempre junto e tal, aí há três anos atrás...

DR: E a essa altura ele, ele tinha casado, tinha namorada, tinha noiva?

AM: Não, não, ele não, não era casado, não é casado, ele é solteiro, tem assim uma vida desregrada, tem... se relaciona com todo mundo, né? Tem a vida dele de um rapaz solteiro, né? E eu sabia disso, né? Só que a gente sempre acha que com a gente não vai acontecer, né? Aí nesse intervalo de três anos, é... há três anos atrás ele teve um época que ele ficou doente, ele teve uma pneumonia. Aí eu tava até aqui no Rio, tava pra vir ao Rio que tinha um aniversário de uma pessoa, de uma amiga minha, aí eu vim pro Rio, aí até ajudei a cuidar dele, aí ele já tava falando pra mim que achava que tava com

algum problema, que não é possível, que isso nunca tinha acontecido com ele, que ele tava desconfiado, que, aí eu falei: “Pô, vai fazer um exame! De repente não é nada disso que você tem.” Aí ele: “Ah, não, mas é...”

DR: Não é nada disso o que?

AM: É.

DR: Porque já tava supondo?

AM: Ele já tava achando que ele tava com...

DR: Com AIDS?

AM: Com a AIDS, né? Falei: “Ah, que nada. Isso é porque você perde muita a noite, você não se alimenta direito, bebe muito.” Ele: “Ah, Angela, mas eu leio muito e tal.” Eu digo: “Não, mas de repente não é nada disso.” E ele com medo de fazer exame, aí bom, isso foi mais ou menos em setembro, né? De três anos atrás, nós tamos em 98, né? 95, né? É. Aí, é, isso foi em setembro, aí quando chegou, ele ficou bom da, da... da pneumonia, se recuperou, aí ele viajou pra Salvador pra ficar na praia com aquele clima de sol, não sei o que, aí ele foi pra lá e eu fui de férias pra Salvador. É... chegou em dezembro eu fui passar as férias lá... janeiro, eu tentando convencer ele, a gente tava junto, na mesma casa, quer dizer, junto, nós tavamos na mesma casa, né? E eu tentando convencer ele a fazer o exame, eu falei: “Pô, vamos fazer e tal.” Ele: “Não, porque eu tô com medo do resultado.” Eu falei: “Não, vamos fazer?” Ele falou: “Tudo bem.” Eu falei pra ele: “Então eu vou fazer junto com você. Você vai ver que não é nada disso, que você não tem nada, que isso é uma besteira, não sei o que, a gente ainda vai dar bem...”

DR: Quer dizer, até então você queria que ele fizesse mas você não estava pensando em fazer?

AM: Eu não tava nem pensando em nada, aí pra dar força pra ele, nós fomos fazer, nós tavamos de férias em Salvador, ele pra se recuperar desse problema e eu tava de férias. Aí, quer dizer, férias, fui, fui viajar, né? Porque de férias eu ando a vida inteira, fui viajar. Aí chegou lá, é, nós fomos fazer o exame. É... eu fiz particular, inclusive não tinha médico nenhum lá pra pedir, eu pedi a própria médica do, do hospital que eu fui... Ele foi como doador, que ele era doador desse hospital que ele morou muitos anos em Salvador, então ele foi como doador porque no doador eles fazem, esse hospital faz aquele exame completo e tal, ele foi fazer, disse: “Eu vou tentar doar sangue, se me barrarem... eles vão fazer, vão analisar meu sangue todo aí vão me chamar, pelo menos eu vou ficar tranquilo ou não.” Ele falando, eu falei: “Bom, eu como não sou doadora, né? Eu vou fazer o seguinte, eu vou no médico.” Aí a médica não queria me dar, perguntou porque que eu tava querendo fazer, eu falei: “Ah, eu quero fazer porque eu tô meia preocupada, tô.” “Ah, você teve algum relacionamento?” Eu falei: “Ah, eu tive, andando tendo alguns relacionamentos aí, e eu moro lá em São Paulo, então tô passeando aqui, eu tô querendo tirar uma dúvida da minha cabeça.” Aí ela foi e fez o pedido, né? Daquele completo, né? Com tudo, né? Aí eu paguei, fiz o exame, né? Aí ela vo, marcou o dia de buscar e, e no período que ficou pra, pra dar a resposta a gente nem falava nisso, era como se nada tivesse acontecido. Aí chegou o dia de pegar o resultado eu fui, né? Aí quando eu cheguei lá no hospital, é, a menina foi me dar o resultado e

falou assim, eu fui pegar o resultado, ela falou: “Ah, a senhora entra naquela sala ali que a doutora vai falar com a senhora.” Aí eu falei, aí falei assim: “Ah, não foi a doutora que pediu?” Aí eu fa, aí eu me lembrei, falei: ”Bom, de repente é procedimento do hospital, né?” Falei: “Foi, foi a doutora daqui.” Ela falou assim: “Ah, ela quer falar com a senhora.” Eu: “Tudo bem.” Mas até aí eu tô achando que porque ela pediu o resultado do exame... ela tinha pedido o Elisa, né? Aí quando eu entrei na, na sala...

DR: Por que que você, é, aí, interrompendo um pouco, por que que você achava assim, que tinha possibilidade, não, você não achava...

AM: Eu não achava. Tsc, tsc.

DR: ...que ele, inclusive, tivesse com, com HIV positivo?

AM: Não, eu não achava nada disso, isso pra mim nem, ele falava isso aí soava super falso pra mim, não.

DR: Ele que estava suspeitando, dele mesmo?

AM: Ele que tava achando que devia ter porque ele tava lendo, tava que, teve essa pneumonia por nada, segundo ele, nada, ele tava levando a vida que sempre levou.

AP: Mas ele já tinha algum envolvimento com HIV, assim, conhecido, cê sabia?

AM: Ó, o envolvimento que a gente tinha com HIV era a nossa, a prima dele, a Valéria, que é, né?

AP: Portadora há muito tempo.

AM: Portadora há muito tempo e de repente ele devia ter algum, a gen, eu, por exemplo, visitava a Valéria, sabia de tudo mas eu num, num transporte nada pra ele, tá? Eu, eu acho assim, pneumonia... pneumonia é o tal negócio, né? Cê a pessoa num, num é soropositiva não pode ter pneumonia? Pode, ué?!

DR: Claro, claro.

AM: Não existe pneumonia em pessoa que não é, então sabe...

DR: Claro que existe.

AM: ...então é aquela vontade que você não ter as coisas e você acha que num, num é com você, não é, né? Você é diferente, ele muito forte, super malhado, faz academia, garoto de 32 anos, todo malhadão e tal, né? Quer dizer, 32 agora, tava com 29, né? Há três anos atrás quando ele, todo malhadão, todo...

Bom, aí a gente foi, eu fui pe... aí a, a médica falou pra mim: “A (*risos*) senhora é casada.” Eu falei assim: “Sô.” Ela falou: “Ah, você tá encrencada.” Aí eu falei: “Eu tô encrencada por que?” Eu até nem gostei... nem achei legal o jeito que ela falou comigo, né? Porque tudo bem, eu acho que qualquer notícia, de qualquer jeito que ela é dada, né? Ou morte ou desse tipo de notícia, qualquer uma ela vai chocar, mas eu acho que têm pessoas que não tão preparadas pra isso, né? De repente, até pra dividir com você,

disse: “Ah, eu acho que cê tá encrencada. Cê deve chegar lá em São Paulo, procurar um médico e refazer seu exame porque seu exame deu positivo.” Aí jogou assim em cima de mim o resultado, aí eu falei: “Como é que é?” Ela falou: “É.” Aí eu falei... e... aí ela falou assim: “Você se relacionou com alguém e tal?” Aí, aí eu falei pra ela: “Não, tá, inclusive essa pessoa veio fazer aqui como doador.” Aí ela falou assim: “Ah, mas é ruim, hein? De passar como doador, porque a gente faz um exame muito... muito completo e provavelmente ele já foi brecado.” Aí eu falei: “Pois é, então você podia fazer o favor...” - aí dei o nome dele, falei: “...cê podia procurar pra mim?” Ela falou assim: “Ah! Mas eu não posso dizer isso pra você! Eu vou olhar a ficha dele, vou ver como é que tá o, o resultado dele e ligo pra casa dele.” Eu falei: “Ah, tudo bem.”

Aí eu saí de lá, né? Meia... atordoada, né? Mas a minha preocupação é a seguinte: “Que que eu vou fazer da minha vida, né?” Como é que eu vou chegar em casa... como é que eu vou falar isso, né? E, e, como é que eu vou, é... e se o meu marido tiver com isso? A primeira coisa que veio na minha cabeça, né? Eu digo: “Pô, eu não vou mais... eu não vou viver com uma culpa... não vou conseguir viver com uma culpa dessa.” Tudo bem, eu procurei, eu assumo todos os meus riscos, meus problemas, agora, não de ter passado isso pra uma pessoa, né? Que, nada a ver, né? Aí enfim, deu aquela fossa, aquele desespero, eu falei: “Não, tudo bem! Não há de ser nada, eu vou enfrentar essa, né? Eu que procurei.” Aí quando eu cheguei em casa, a minha amiga tava recebendo a ligação do hospital, aí olhou pra minha cara e falou assim: “Pô, vocês... pô! O negócio deu positivo, né?” Eu falei: “Deu.” Ela falou: “Pois é, acabaram de ligar do hospital chamando ele.”

AP: Mas disseram pra ela que ele tinha AIDS?

AM: Não, mas a gente já sabia. Se ela olhou pra minha cara, eu tava positiva, eu que tava fazendo pra dar força a ele, eu não tinha nenhum sintoma, ele já tinha.

DR: Ela sabia que vocês tinham ido fazer o exame?

AP: Isso ela sabia, né?

AM: Sabia. Ela sabia, ela sabia, ela sabe que a gente já tem um, esse contato há muito tempo, ela já sabia de tudo. Aí ele, ela falou assim, eu, ela, falei: “Onde que ele tá?” Ela falou: “Tá na praia.” Eu falei: “Ah, então você vai lá e fala com ele que eu não tenho coragem de falar, não.” Porque aí eu já tava assim toda... porque eu sou uma pessoa muito transparente, quer dizer, não sei se isso é defeito ou virtude, então todo mundo sabe quando eu tô feliz, quando eu tô triste, quando eu tô alegre, então embora eu não tivesse desesperada, eu tava desesperada, não era por causa do HIV, não sei se é verdade ou é mentira. Eu me posiciono assim, eu acho assim, eu acho que eu procurei e encontrei, né? No caso, eu sei como que eu, que eu adquiri isso, eu não fiquei como a maioria das pessoas assim: “Ah, será que foi com A, com B ou com C?” (*risos*) Eu sabia da onde ele tinha vindo, eu sabia que eu estava, como tava e porque que eu tava, né? Então eu disposta a enfrentar isso, mas eu não... eu tava com medo das outras conseqüências, quer dizer, saber se o meu marido tava, aquela, aquela, um monte de babado que envolve isso, né?

Aí a minha amiga foi na praia e chamou ele, né? Aí ele foi, né, buscar o resultado dele aí começou, né, a, o marido da minha amiga também sabia, a gente conversou e tal, aí ele: “Pô, o negócio é vocês ficarem juntos agora, agora.” Aí começa aquelas opiniões, né? Divergente: “Você vai chegar em casa, finge que nada

aconteceu.” Eu ia embora no dia seguinte, pra casa. “Cê chega em casa, cê finge que nada aconteceu. Cê só diz que você agora quer usar camisinha com seu marido.” Eu falei: “Não, mas não dá. Aí, e, e... não é só uma relação, é todo um estado emocional, mudou tudo em mim. Não é, essa descoberta transformou a minha vida toda, eu não posso chegar em casa.” Aí começa, cada um dá um palpite, né? As pessoas que eu contei, no caso, eu contei pra essa minha amiga e pro marido dela, que são pessoas assim de mais de 20 anos de convivência que hoje até, como se fosse uma irmã pra mim, né? A irmã dele não é mais nem uma amiga. Meu irmão que mora lá também, eu contei, porque eu sou uma pessoa que por mim eu subia assim no palco e contava pra todo mundo, sabe? Eu não tenho vergonha de ter esse problema. A, a, a, como é que eu vou dizer? Não tenho vergonha de contar como foi que eu adquiri e porque que eu tenho, eu tenho, não tenho vergonha de como eu consegui isso, porque foi uma coisa consciente. Eu gostava de uma outra pessoa, entendeu? Então, eu me relacionei com essa outra pessoa e tive isso, e, é, o problema é o que implica, o que implicava isso, eu não podia chegar e falar com quem foi, porque que foi porque isso implica um monte de situação que eu vou ter que contar, sabe? (*interrupção na fita*)

DR: Não tem problema não, Angela, vai.

AM: No sentido de gritar pras pessoas.

DR: Hum.

AM: Assim, que eu acho assim, quando eu sei o que eu fiz... Se eu tiver feito uma coisa consciente, eu assumo, eu, é... então eu não me incomodo de brigar, de lutar por aquilo, agora, se você me acusar de uma coisa que eu não fiz, isso pra mim é difícil, eu lidar com isso. Agora, se eu tenho consciência que eu fiz e que eu se, sei o que eu fiz pra mim é... Só que não implica só na minha vida, implica, né? Filhos, é, marido, é, vida, né? Então eu contei pra algumas pessoas assim, mais chegadas, no caso, o meu irmão com a mulé...

DR: As pessoas que tavam próximas lá em Salvador?

AM: Tava lá, ele, inclusive, mora lá, é... esse casal de amigos e teve uma outra irmã dele com marido. Então essas pessoas ficaram sabendo.

DR: Irmã dele quem?

AM: Do Paulinho.

DR: Ham.

AM: Só que ele não queria que eu contasse pra ninguém, aí eu falei pra ele: “Olha, você agora não pode mais se meter comigo, eu quero dividir com as pessoas que eu gosto, agora.” “Ah, mas eu não quero.” Eu disse assim: “Problema seu! Você também quando, sabe? Isso veio pra mim você não perguntou se eu queria ou não, aconteceu, quer dizer, agora vai querer me impedir de falar com quem eu quero?” E eu fiquei muito assim, né? E aí comecei a perguntar, né? As pessoas queriam me ajudar como resolver meu problema. Então cada um tinha uma opinião, né? Um devia contar, inventar uma coisa, inventar alguma, conto da carochinha (*risos*), eu falei: “Não, não tem nada a ver. Não

tomei transfusão nenhuma, não me operei, não fiz nada, como é que eu vou chegar e vou dizer que peguei isso do espírito santo?” Outros: “Ah, você... ah, não conta nada, obriga seu marido a transar de camisinha, não sei o que, que cê não vai passar pra ele e isso morre com você.” Eu digo: “Não consigo.” Não consigo porque o problema... esse problema, a, eu acho que a dificuldade maior pra mim, pelo menos tá sendo, é, é, até foi pior, agora tá melhor, é... lidar com isso na família, entendeu? Assim, é, como que cê vai contar isso pras pessoas, né? Que no caso, marido e filho, né? Filhos eu ainda não contei. Agora pro marido... e eu sou péssima pra contar as coisas, né? Eu, eu conto assim bombasticamente.

DR: Agora, Angela, só interrompendo um pouquinho, que, que nível de informação sobre a AIDS você tinha na época, você lembra assim de...

AM: De contato com ele?

DR: É, isso há três anos atrás, 95.

AM: Nunca nem me liguei. Sabia que existia, sabia que a Valéria tava, já tinha visitado ela, via o estado que ela tava, sabia que existia, escutava falar... Mas era uma coisa assim que comigo não ia acontecer, aquela série de frase que todo mundo fala: ‘vai acontecer com todo mundo, mas comigo não.’ Sei lá porque, de repente eu me achava poderosa, comigo não ia acontecer. (*rindo*) Nunca nem parei pra pensar, pô, ele, eu tenho o meu marido que, até que prove o contá, contrário, ele só tem relações comigo, tá, eu, eu tô dizendo isso porque ele não trouxe nada pra mim, quem passou pra ele fui eu, né? Então no caso, até que prove o contrário, ele não tinha nenhuma relação, extraconjugal, eu que tinha e no caso, eu adquiri isso, quer dizer, então pra mim... informação assim depois que eu soube que eu era, eu comecei a ter muitas informações, eu comecei a ler tudo, a participar de tudo, pesquisar tudo, é... recortar jornal, comprar jornal, revista, não sei o que, aí eu comecei a vivenciar isso. E eu acho que é por aí, acho que é todo mundo... sabe? Aí o pessoal disse: “Ah, conta pros seus filhos, de repente os seus filhos, você tá do seu lado, do lado deles vai ser mais fácil pra eles enxergarem isso.” Eu acho que nem, nem assim enxerga. Eu acho que é um negócio muito esquisito, enquanto você num, num tá com isso você não sabe o que é isso. E, e, e o mais difícil pra mim que eu tô dizendo é isso, é, é, é conviver com a mentira, né? No, no meio, porque pra mim já foi difícil ter um relacionamento extraconjugal, isso já era difícil pra mim, eu assim, elaborar isso... eu... na minha cabeça, né? Mas eu, é o tipo da coisa que eu num podia contar, né? Então quando veio logo essa, essa descoberta, esse negócio aí, eu tinha que, que contar, eu não podia nem mais deixar ele tocar em mim, né? Foi a primeira coisa que eu falei, quando eu chegar em casa, sabe? Aí, todo mundo: “Não, pensa direitinho que que cê vai fazer porque você tem que fazer outros exames, cê tem que procurar outros médicos pra saber.” Aí eu falei: “Bom, então eu vou fazer o seguinte, eu vou pra São Paulo.” Eu tenho uma ginecologista lá na Bahia que foi a que fez os meus dois partos, né? Meus dois filhos nasceram lá, então eu falei: “Eu vou me consultar com ela, eu vou dizer que me consultei com ela, vou dizer que eu tô com um problema muito sério, que eu não posso ter relações.” Porque a gente tinha uma vida sexual muito legal, eu e o meu marido, a gente se dava super bem, sabe? Então, eu ter ficado fora um período, eu já sabia que que ia acontecer, ele tava morrendo de saudade e eu também porque eu gostava dos dois, entendeu? Eu gostava das duas pessoas, eu gostava não, gosto, porque ão morreram, nenhum dos dois tão mortos. Eu... eu gostei de duas pessoas ao mesmo tempo, é... o meu marido é uma pessoa assim maravilhosa,

agora, ele não tinha tempo pra mim. Assim, tempo como eu queria, pra fazer as coisas que eu gostava de fazer, as coisas que ele achava assim, inúteis, né, que era sair, passear, ir pra praia, tirar férias, curtir a vida, ele não tinha tempo. Então ele era aquele maridão, aquele paizão, dava tudo, tinha tudo do bom e do melhor, só não tinha ele e tempo, né? Ele era assim... quando ele tava junto era assim bem intenso, mas era pouquíssimas, o tempo que ele tava junto. Então e, essa... essa fuga era mais assim companhia pra bagunça, pra festa, pra sair, pra, pra ir pra praia, pra beber, aquela coisa assim fútil, né, que era esse rapaz e lógico junto com isso veio... sexo, né? Porque cara novo, eu, pô, mais velha, mas... gosto, né? Então as coisas aconteciam, né? E eu gostava dele, né? Uma pessoa super legal, tinha um carinho, tenho um carinho muito grande por ele, então rolava isso.

Então eu sabia que quando eu chegasse de férias ia tá aquela saudade, né? E ia mexer comigo e eu ia querer também, então eu já cheguei com essa intuição de, intenção de dizer que eu tava com um problema muito sério então tão logo eu cheguei já fui falando: “Ah, porque fui na médica, fiz um exame, que tô com problema, tô com isso, tô com aquilo, porque não posso.” E comprei um monte de remédio na farmácia, no aeroporto, tipo vai de sulfa, não sei o que e comprei um monte de remédio pra dizer que eu tava usando aquilo tudo, né?

DR: Pra disfarçar.

AM: Pra disfarçar, né? Mó bagagem. Aí ele: “Pô, mas não sei o que, tô com saudade e tal.” Aí a minha prima foi co... liguei pra minha prima, pra Marta, e contei pra ela, pedi pra ela encontrar comigo no aeroporto, dizia que tava morrendo de saudade comi, de mim e ir lá pra minha casa pra ela ficar lá porque ela é assim... ela ocupa o espaço todo, sabe? Assim, tipo, pra não me deixar sozinha com ele, sabe? Tipo assim, que ela queria saber das fofoca, ela boa a beça nisso, então... ele com uma vontade de matar ela, ela já foi chegando querendo saber de tudo: “Ih, depois ela fica com você.” Mas não querendo me deixar ficar com ele porque eu já tinha combinado com ela: “Me tira de perto dele o máximo possível.” Assim, tipo... que eu tava mais interessada em falar besteira do que ficar com ele, mas é porque eu tava com medo de ficar com ele, uns negócios assim pirados, né? Pirante o negócio.

Aí bom, aí no dia seguinte eu fui procurar o médico... ah bom! Aí ele queria porque queria, ele foi dormir, deu boa noite putíssimo da vida, aí eu dei boa noite, continuei fofocando mas teve uma hora que eu fui dormir, quando eu deitei ele acordou, né? Aí veio cheio de boas intenções eu falei que não dava que não podia, não sei o que: “Ah, a gente só pode namorar, brincar.” Então a gente fez umas brincadeirinha e tal, mas nada com ninguém, né? Hora ver, nada, porque aliás eu já fiz as brincadeirinhas mais assim totalmente bloqueada, mecanicamente, porque eu já tava assim, eu achava que ele não podia nem me tocar, sabe? Eu já, sabe assim quando cê acha que você tá toda podre, né? Não podia nem tocar em mim...

Aí no dia seguinte eu já tinha marcado um médico, marquei um médico pra mim, um clínico geral da gente e ele não tinha horário, eu falei pra ele que ele tinha que me atender, que ele tinha que dar um jeito, que ele já, já era médico da gente há algum tempo lá em São Paulo, meu e do meu marido e dos meninos... aí marquei com ele desesperada, né? “Você tem que me atender porque é um caso muito sério.” Aí ele foi lá me atender, né? Aí quando chegou lá, eu joguei assim os exame em cima dele, aí “Bléééé...”, comecei a contar tudo, falei tudo, ele ficou horrorizado, né? Aí ele falou: “Angela, calma! Peraí, porque o ELISA às vezes...” Eu digo: “Que às vezes.” Aí eu contei tudo pra ele, né? Tudo que eu contei aqui (*rindo*) eu contei pra ele, né, a trajetória

toda, tudo que aconteceu, ele falou: “Angela calma, a gente vai ter que dar um jeito nisso, vamos fazer um WESTERN BLOT, vamu vê como é que é... depois a gente vai conversar com o Roberto. Você tem que conversar com ele, você tem que conversar com ele porque inclusive ele já pode estar contaminado, porque vocês têm uma relação super legal, vocês, cês são um casal normal, você, né? De repente, ele já tá contaminado e você tem quem a.” Que aí eu comecei a contar pra ele o que as pessoas tavam me falando, o que eu tinha que fazer, esconder, ele falou: “Não, você não pode fazer isso, cê não vai conseguir conviver com isso.” Eu falei: “E não vou mesmo. Eu só de olhar pra cara dele já me deu vontade de contar.” Ele: “Não, mas não faça com ele o que você fez comigo, pelo amor de Deus porque eu tô aqui, eu sou um médico, mas eu tô aqui assim, sabe.”

DR: Em estado de choque (*rindo*).

AM: Em estado de choque, aí me deu todos os exames pra fazer e tal, aí eu fui fazer, né, no dia seguinte fui fazer o exame e isso fugindo do meu marido, né, inventando mil coisas, não sei o que e ele: “Tem alguma coisa errada, que não sei o que, porque você não tá normal.” E isso eu chorava direto, né? Assim, desesperada, muito, chorando muito, a toa, por tudo, nervosa, histérica. Bom, aí eu fiz o exame, aí quando, e o exame foi de, por fax pro médico, ele mandou que fosse por fax que ele conhece o cara lá do Fleuri, não sei o que, o diretor e já pediu com urgência aí ele falou assim: “É, Angela, então você vem aqui porque realmente a gente vai ter conversar porque tá brabo o negócio, realmente confirmando a suspeita.” Aí eu fui, né? Aí ele falou: “Ó, que que eu posso fazer pra te ajudar? Eu, eu tenho que te ajudar, eu sou seu médico, tudo que você me contou a gente vai omitir, eu só vou contar, eu vou te ajudar a contar pro Roberto, eu vou contar do jeito que você quer que eu conte, que que você quer que eu conte pra ele? Como que a gente pode contar?” Aí eu falei: “Ah, não sei, eu acho que quem tem que contar sou eu.” Ele falou: “Poxa, Angela, mas como é que você vai contar isso? Deixa eu te ajudar. Cê quer que eu chame ele aqui? A gente conversa.” Eu falei: “Ah, não! Não porque eu acho que eu vou ter que tar sozinha com ele nessa hora.” Ele: “Pô, mas por favor, conta direito, vê como você vai contar... Num, num, num fala assim de qualquer jeito, pensa bem.” Aí eu comecei a pensar com ele como eu ia contar, eu falei, ele falou: “Conta que você teve um relacionamento com uma pessoa, não conta data, não conta época, não fala que tem 10, 15 anos.” Porque isso teve quinze anos, né? “Fala pra ele assim que você conheceu alguém, que esse alguém ficou doente.” - Ele me ajudando, né? - “Alguém ficou doente, sumiu, aí você ficou preocupada, foi fazer o exame e descobriu.” Aí eu falei: “Ah, mas ele não vai acreditar nisso.” Aí ele falou assim: “Mas a questão não é que ele vai acreditar, de qualquer maneira cê vai mentir, então porque que você não conta assim?” Eu falei: “Ah, eu não, eu vou contar pra ele que eu tive um monte de gente, que toda vez que eu vinha pro Rio, cada dia que eu conhe...” Ele: “Não, Angela, não faz isso que cê vai se arrepender.” Aí eu falei: “Ah, mas deve ser bem mais fácil pra ele se eu contar que eu tive um monte de homem do que se eu tive um só. Se eu falar pra ele que eu tive um homem só, ele não vai entender. De repente, se eu contar pra ele que eu tive um monte também não vai entender, mas pelo menos ele vai ficar com raiva de mim e vai ser mais fácil pra ele.” Quer dizer, eu tava naquela dúvida, eu não sabia se eu contava a verdade ou se eu inventava alguma coisa a meu respeito.

DR: E o que inventava, né? (*rindo*) Porque na verdade é o que que você inventava.

AM: E o que inventava, é, que eu não queria contar a verdade porque, porque se eu contasse a verdade outras pessoas iam, outras cabeças iam rolar porque outras pessoas sabiam disso que, sabe?

AP: Ia comprometer um monte de gente.

AM: Pessoas assi, sabe, ia ser uma confusão danada, muita gente que acobertou, sabe aquele “a merda quando rola diz que fede”, então eu tava querendo proteger muita gente e, e bom, nessa de proteger muita gente eu fui pegar meu resultado no laboratório, saí do, do hos, do, do, do consultório, ele queria porque queria conversar sério, eu falei: “Não, eu vou chamar ele e vou conversar.” Ele falou: “Então procura um lugar neutro, não vai pra casa, procura assim um restaurante, um lugar assim.” Eu falei: “Mas não vai dar porque eu vou fazer mó escarcéu porque eu vou chorar muito.” Porque eu chorava muito, né? Qualquer coisa eu chorava, meu olho tava vermelho, inchado, só vivia chorando, né? Toda hora eu chorava, por tudo eu chorava, parecia cho, tava assim sabe, acho que uma sensibilidade assim, sei lá se era sensibilidade o que era, histerismo.

DR: E as crianças não comentaram que cê estaria diferente?

AM: Ah, comentaram, nossa, meus filhos tavam assim desesperados, primeiro que eu fiquei no quarto trancada direto, né, não saía do quarto pra nada, né?

DR: Quer dizer, foi tipo assim, desde que você chegou de Salvador.

AM: Desde que eu cheguei eu só ficava no quarto.

DR: Você estava diferente.

AM: Chorando e os meninos desesperados que não sabia que que era e ele também. Bom, mas isso foi um processo muito rápido, olha, eu cheguei, é, começo de fevereiro, né? Isso foi no final de janeiro que eu soube, começo de fevereiro cheguei em Salvador, fui logo procurar o médico, quer dizer, e contei logo pra ele, foi tudo assim muito rápido, num espaço pequeno.

Aí, bom, aí eu falei: “Bom, então eu vou lá no meu laboratório.” Saí do consultório e falei que eu ia no laboratório pegar o exame, isso a minha prima tava comigo, essa minha prima, aí eu fui, né? Quando chegou no laboratório que eu peguei o exame, quer dizer, eu já sabia que tinha dado positivo tal, tal, mas eu peguei o resultado na mão, eu falei: “Ó, não tem jeito, eu vou falar com ele hoje e aliás, acho que eu vou falar com ele agora.” (*risos*) Porque eu sou assim, muito imediatista, sabe? Eu, quando eu quero fazer um negócio, é, daí que eu erro porque eu não sei... aí eu boto os pés pelas mãos, aí eu, é o medo que eu tenho de contar pros meus filhos é esse que eu não sou uma pessoa muito equilibrada assim, chegar assim: “Era uma vez...” Sabe? Eu co... eu conto assim.

DR: O gato subiu no telhado.

AM: É, não sei, eu conto logo que o jacaré morreu e tal. Aí eu peguei o resultado e falei: “Eu vou contar agora.” A minha prima: “Não, mas não foi isso que cê combinou, você ia esperar ele chegar em casa.” Eu falei: “Não, eu vou ligar pra ele agora e mais uma vez eu sei que ele vai dizer pra mim que tá muito ocupado.” Porque dele é típico: “Tô

numa reunião não posso falar com você agora.” Só que dessa vez ele vai ter que sair da reunião, porque eu vou tirar ele da reunião, eu vou ver se ele vai sair ou não vai agora. Sabe, até, eu até tenho esses im, ímpetos sabe assim de, de testar as pessoas, mas isso desesperada, não era assim calma e tranqüila como eu tô aqui não. Aí eu liguei pelo celular, né, tava no estacionamento do, do Fleuri, do laboratório, aí a secretária falou: “Ele tá numa reunião.” Eu falei: “Mas eu quero falar com ele.” Aí ele atendeu eu falei, eu falei: “Fala pra ele que é urgente, eu quero falar com ele.” Aí ele atendeu eu falei: “Vem cá, como sempre cê tá muito ocupado, mas acontece que eu quero falar com você agora, que que cê tá fazendo?” Ele: “Ah, eu tô no meio de uma reunião e tal, cê tá aonde?” Eu falei: “Eu tô no laboratório, no Fleuri.” Aí ele: “O que? Que que você tem? Que que aconteceu?” Eu falei: “Eu quero falar com você agora.” Aí ele falou assim: “Então eu tô indo praí agora.” Eu falei: “Não, você não tá numa reunião?” Aí ele me surpreendeu, entendeu? Porque eu achei que ele fosse falar: “Ah, quando eu acabar a reunião eu ligo e tal.” Ele falou: “Então eu tô indo praí agora, você tá aonde? Em que laboratório? Aqui da Marginal? Eu tô indo praí.” Eu digo: “Não.” Aí, aí eu fiquei com medo, eu falei (*rindo*): “Não, não precisa vim pra cá agora não.” Ele falou: “Não, eu vô, você foi fazer exame, que exame, que negó?” Aí sabe, aí.

DR: Te pegou de surpresa, né?! (*Rindo*)

AM: “Eu tô indo praí agora, não sai daí que eu vô.” Eu falei: “Pronto. Aí uéééé.” Comecei a falar: “E agora que.” Aí a minha prima: “E aí?” Eu digo: “E aí que você vai embora, sai daqui que eu quero falar com ele sozinha.” Mas assim, ele tava longe da onde eu tava, mas ele voa no volante, sabe? É relativamente longe, vamu dizer, nós tamos na Tijuca, daqui, por exemplo, daqui da onde vocês moram, né, Tijuca, vamu dizer assim, deixa eu dar um exemplo pra onde que ele tava, em São Paulo a Marginal Tietê é cinco minutos, né? No caso, a Marginal, não sei se cês conhecem.

DR: Hum, hum.

AM: Mas com engarrafamento, que sempre tem, um percurso de cinco minuto você demora meia hora e ele demorou assim uns 15, tá, uma média assim, vamu dizer, ele faria sem nin, ninguém na frente dele em cinco minutos a reta, mas como era uma hora de movimento, um horário assim complicado, que já tava assim no final da tarde ele teria que ter demorado pelo menos 40 minuto, ele não demorou 15 pra chegar lá, né? Não sei, foi voando, que ele voa, né? Aí só deu tempo deu falar pra minha prima: “Vai embora porque ele tá vindo pra cá e eu não quero que ele te veja aqui.” Porque eu não sabia qual seria a reação deu ter dividido com ela, quando eu falei isso que ela virou as costas assim ele entrou, mas foi assim uma coisa relâmpago, eu olhei assim, falei: “Nossa!” Só acho, e eu assim, né? De, derramando em lágrima no estacionamento que ele chegou e: “Que que foi?” Que ele virou eu digo: “Toma.” Aí ele, aí eu joguei o negócio em cima dele, né?

AP: Haaam.

AM: Cara, esse homi, ele não caiu, eu não sei porque que ele não caiu, né? Ele caiu assim em cima do carro, né? Que eu tava do lado do meu carro, ele falou: “Não, tem uma coisa errada, a gente vai fazer de novo, não, não é possível, não sei o que” Eu falei: “Não, é verdade, eu já fiz, já é o segundo que eu faço, esse não tem jeito de dar errado, é verdade, aí ah, que não sei o que.” Aí eu comecei a gritar, né? Aí eu comecei a ficar

histórica, né? E ele me sacudindo e todo mundo olhando assim, né? No, no estacionamento, os vigilantes, os guardas, ninguém entendia nada e ele me pegou e botou dentro do carro e foi lá e falou com o cara que ia deixar o meu carro ali, que horas que fechava que a gente ia sair, aí me pegou, me botou no carro dele. “Não a gente vai dar uma volta pra conversar.” Aí eu comecei a falar merda, né? Aí o negócio ligou aqui a anteninha, aí eu comecei: “Porque eu sou uma vagabunda, porque eu sou prostituta, porque eu ando com tudo que é homem.” Aí eu comecei a falar um monte de coisa, né? Isso é que me mata até hoje. Aí eu falei um monte de coisa, falei que eu andava com todo mundo, que eu tinha um monte de homem.

DR: Por que que isso te mata até hoje por que? As coisas que você falou nessa hora?

AM: De mim, é.

DR: Porque ele acreditou, você tava acreditando nessa.

AM: Eu sei que ele não acreditou. (*Risos*)

DR: Mas você tava acreditando nessa hora?

AM: Eu tava acreditando no seguinte: porque eu acho que independe de número, ué? Você ter uma relação ou ter 10 pra mim é merma coisa. (*Risos*)

DR: Hum.

AP: Mas você sempre achou isso ou foi depois da AIDS?

AM: Não, eu sempre achei isso porque eu tinha amigas que tinham outros relacionamentos e elas achavam que eu era diferente.

DR: Que era diferente por que, porque não tinha?

AM: Por que no meu caso era diferente porque eu gostava de duas pessoas, eu tinha duas pessoas.

DR: Hum.

AM: E elas tinham, por exemplo, elas conheciam e saíam, então era assim: “Ah, mas você é diferente, você.” Inclusive as pessoas do meu, do meio que sabem: “Cu, cumê que foi acontecer isso com você?” Que elas acham que eu sou diferente delas porque elas têm um monte de relacionamento e eu tenho um só. Eu não sei se vocês tão entendendo o que eu tô falando.

DR: Hum, hum. Hum, hum.

AM: Aí eu digo: “Não, eu que acho que a, é a merma coisa, eu sou casada você é casada, você tem 10 homens eu tenho um e, um fora, eu sô, é a mesma coisa. Eu tô errada de, de tá tendo um relacionamento extraconjugal como você. Cê tem alguns relacionamentos, eu tenho um, mas tenho. Então na minha cabeça não tem diferença você ter um, um.” Eu não tô falando, no caso, que eu tô falando porque eu sou casada,

tô falan, era casada.

DR: Hum, hum.

AM: Pessoas casadas, eu acho assim, se você: “Pulei uma vez só ou pulei 15 vezes ou pulei durante 10 anos, eu pulei.” Porra!

AP: Tá falando de adultério, né?

AM: Porra, pulei, pulei, tá pulado. Desde o momento que cê pulou, cê pulou, você não é igual aquela que nunca pulou, você pulou, tá pulado, quantas vezes pulou não importa.

AP: E você falou aqui de como você, como foi difícil elaborar, né? Essa traição, tá, mas você não falou como foi que você elaborou.

AM: Não, foi difícil assim, porque eu comecei contando a história que na minha cabeça isso não funcionava, eu achava que... eu achava não, eu acho que uma relação à dois é à dois, são duas pessoas. E eu gostando do meu marido como eu acho que eu gosto, que eu sei que eu gosto, eu não era pra ter feito isso. Mas eu fiz, como é que eu vou dizer? É, porque eu já contei, porque ele tava disponível, ele tava do lado, buzinando na minha cabeça, cativou, eu tava atravessando uma fase de, de... não é nem de amor próprio, não sei se vocês lembram como eu contei a história, tava atravessando uma fase assim de, de desleixo, de, de... de largada, tipo assim, tinha tido duas gravidez, uma atrás da outra, marido muito ocupado, trabalhando, boa pinta, não sei o que, eu assim jogadinha num canto, tal, desinteressante. De repente eu fiquei interessante e tinha uma pessoa que notou isso, não foi ele... Ele tava me tratando como, ele me tratava, é, se eu tivesse com 100 quilos, 200 ou com 30 é mesma coisa, ele sempre me tratou bem, ele nunca chegou pra mim e falou como eu até brigava com ele, dizia: “Pô, acho que o marido tem até que incentivar a mulé.” De repente se o marido chega e diz: “Pô, tu tá tão gorda, você é tão bonita mais magra, vai se cuidar, não sei o que.” Tem mulheres que ficam... pau da vida com isso, eu acho que se ele fizesse isso de repente até eu ia gostar, mas ele também, ele me tratava do mesmo jeito, super bem, ou gorda ou magra, ou bem ou mal, pra ele tava sempre tudo bem, né? Eu nunca senti nele nenhuma rejeição por eu estar mais gorda ou mais magra, sabe? Então, eu que, que tive que me redescobri, digo: “Pô, que negócio é esse? Tô toda paradona, toda gordona, horrorosa, vô me recuperar e tal.” Mas quando eu falo gordona, horrorosa, não é só assim excesso de peso, assim, totalmente desleixada mesmo, sem nenhum cuidado comigo, né? Porque eu tô gorda, sou gorda e, e... e gosto de mim do jeito que eu tô, eu tava bem comigo mesma, entendeu? Então é isso que eu tô dizendo de, de, de, de reparar. Eu já nem sei mais o que eu tava dizendo em mim.

DR: Quer dizer, na verdade o que você, você considerava que você...

AM: Eu queria atenção.

DR: Você tinha dois amores. As outras mulheres casadas que você conhecia...

AM: Não tinham amores.

DR: ...tinham, é, tinham casos (*risos*).

AM: Tinham casos, é. Eu me considero a ‘Dona Flor’, vai ver que é.

DR: Vocês faziam essa diferença, mas na hora de, de revelar pra ele você botou tudo no mermo saco.

AM: Não, eu não tive coragem de falar isso. Primeiro não tive coragem que eu acho que ele não é burro, se eu falasse assim de uma pessoa, se eu, se eu, se eu direcionasse pra isso eu acho que ele ia matar a charada, porque eu acho que ele não é burro. Porque já teve fase assim (*pigarro*), eu não sei se vocês lembram a passagem que eu contei de, de, dele falar que já teve 18 anos, já teve 18 anos, quer dizer, ele já tinha percebido...

AP: Mas isso no iniciozinho, né? Lá...

AM: Mas então.

DR: Mas foi ali que começou.

AM: Mas o caso é que começou e ele acompanhou a trajetória desse rapaz, ele sabia que esse rapaz não tava mais em Salvador, eu...

Fita 3 – Lado B

DR: Vai.

AM: Se eu, diracio... direcionasse pra uma pessoa, na minha cabeça, ele ia matar a charada. Que foi o... (*pigarro*), o tempo todo... (*pigarro*) ele queria saber quem era a pessoa, quem... cu... de quem foi que eu peguei isso. Eu tenho... pra mim que ele sabe quem é. Eu não sei, isso é uma impressão que eu tenho. Então eu quis assim fantasiar... só que nessa fantasia eu aniquilei comigo, né? Eu assim... eu me chamei assim de puta pra baixo, né? Eu falei pra ele, ele perguntou: “Pô, devo ser uma merda como homem.” Eu falei: “Não, tu é legal! Mas é só que eu me...” Eu disse que eu era insaciável, que eu queria um monte de aventura, sabe? Nem eu acredito nas coisas que eu falei! Só que eu não falei isso olhando pra cara dele, não! Eu não olhava pra cara dele.

DR: Você falou aos berros, desesperada (*rindo*).

AM: Eu não olhava pra ele. Eu falava... Então, veja bem, depois que eu falei um monte de porcaria de mim, mas assim, coisas que nem eu mesma acredito, sabe? Que eu tenha falado, tenho até vergonha de repetir (*rindo*). Aí ele falou assim: “Ah, não sei o que é tal.” E, eu notei que ele tava tão chocado, mas tão chocado que ele não tinha nem como argumentar nada, ele só escutava, né? Aí ele falou pra mim: “Olha, Angela...” Aí ele falou que gostava muito de mim, que is... isso tinha acabado com ele, que... aí, aí começou a falar dele, né? Mas que... a gente tava junto, que ele não ia me abandonar, que eu tinha que ficar do lado dele, que ele perdoava tudo que eu tinha feito, mas ele nunca mais ia ser meu marido, meu... é, como homem. Que a gente podia ficar juntos, mas como homem, não. Não era por causa de doença, porque a doença, se eu tivesse adquirido de um outro jeito, agora eu vou chorar, hein?! Ele teria perdoado, mas, quer dizer, perdoado não. Teria... aceitava, eu acho que é verdade. Mas por ela ter sido, é... contraída desse jeito que na cabeça dele não entrava, que realmente ele achava que não merecia isso... Aí ele começou falar que ele tinha vivido sempre pra mim, pras

crianças... que ele gostava muito de mim, que, sabe? Que ele não aceitava isso, mas que ele ia me dar toda força do mundo, que o que eu precisasse dele ele taria do meu lado, mas... aí eu falei: “Não, eu quero me separar de você, eu não quero mais ficar casada com você.” Ele falou: “Angela, a gente pode até vir a se separar, mas o momento não é esse! As crianças...”

DR: Isso tudo nesse dia, que vocês conversaram?

AM: Nesse dia, tudo assim, atropelado. Ele falou... aí eu falei que eu queria ir embora, que não queria mais ser casada com ele, que eu acho que num... não dava mais e que eu queria que ele fizesse exame, eu: “Você tem que fazer exame.” Ele falou: “Não, eu vou fazer, mas calma!” Eu digo: “Não. Você tem que fazer esse exame, amanhã mesmo a gente vai procurar o médico, você vai fazer o exame, você me deve isso.” Ele: “Pô, mas eu te devo?” Eu digo: “Deve, deve porque enquanto eu não souber o resultado do seu exame, eu não vou conseguir ter paz de, de espírito nem tranquilidade porque eu tô desesperada saber que que pode ter acontecido com você.” Ele falou: “Ó, Angela, o que pode ter acontecido, o que tiver acontecido, a gente vai segurar a barra, a gente vai... enfrentar. Que que a gente vai fazer?” Eu falei: “Ué? Mas vai ser duro pra mim viver com mais isso. Pelo menos eu vou administrar isso melhor, agora se eu souber que eu passei isso pra você... vai ser muito difícil pra mim.” Aí ele falou assim: “Olha, as crianças já tão me perguntando, tão... achando você estranha, eu também tava achando você estranha. Pô, você tava segurando essa...”

Aí ele falou assim na hora, na hora lá no laboratório, ele falou assim pra mim, antes de sair: “Quem mais que sabe disso?” (*risos*) Foi a primeira coisa que ele falou, eu falei assim: “A Marta.” “A Marta?” Eu falei: “É, ela acabou de sair daqui, ela, eu contei pra ela.” “Não, não. A gente vai ligar pra ela você vai desmentir.” Eu falei: “Roberto, eu não posso desmentir. Ela sabe de tudo. Eu já contei tudo pra ela, ela sabe, ela viu o exame.” Ele: “Não, então a gente vai ligar pra ela agora, pedir pelo amor de Deus pra ela não contar pra ninguém que eu não quero que ninguém saiba disso. Ninguém! Ninguém! Eu, você e a Marta.”

DR: Isso antes de vocês saírem de carro?

AM: É.

DR: Do laboratório.

AM: Aí ele ligou da... da... do estacionamento mermo pra minha prima que ela já tinha chegado em casa que ela morava perto... é: “Não, que a Angela tava muito nervosa, não sei que, não sei que, mas ela tá dizendo que...” “Roberto.” Eu falei: “Roberto, não adianta cê mentir, ela sabe.” “Não, então tá! Eu quero que cê me prometa que cê não vai contar isso pra ninguém.” Ele falou pra mim: “Ninguém mais sabe disso?” Eu falei: “Não.” Mentira que já sabia, né? Mas ele... não queria escutar que alguém sabia, sabe? Sabe quando você... é uma bola de neve. Eu já tinha contado pras pessoas, mas do jeito que tava desesperado que não queria que ninguém soubesse, eu falo pra ele que eu já tinha contado pra meio mundo aí que ele ia ficar mais pirado ainda, falei: “Não, ninguém sabe.” Aí ele falou: “Então vamos fazer uma coisa...”

Aí que ele falou, né? Depois no carro ele falou: “Eu vou continuar do seu lado, vou te dar todo apoio do mundo, eu quero que você tenha a cabeça fria, serena, cê vai procurar médico, a gente vai sair, você vai ver! Você é muito forte, você nunca teve

nada, nem vai ter. Isso não vai acontecer com você, você vai ver. Você vai ficar boa, não sei o que.” Eu digo: “Roberto, não é por aí! Não existe nenhuma solução pra esse problema e tal.” Isso a gente conversando, né? Aí ele falou: “Não, eu quero que você tenha paz de espírito com os nossos filhos. Os nossos filhos não podem te ver assim, a gente tem que fazer alguma coisa. A gente vai inventar alguma coisa (*risos*).” Eu falei: “Tá bom, então a gente vai inventar alguma coisa. Que que a gente pode inventar?” Aí junto a gente resolveu inventar que eu tava realmente com esse problema ginecológico que toda mulé quando tá atravessando menopausa, de repente tinha que, talvez tivesse que fazer uma operação, tirar o útero, ovário, que eu tava muito chateada, que não sei o que... A gente criou essa carochinha, mas isso aí também já não foi nesse mesmo dia, já foi passando o tempo, a gente foi amadurecendo que que ia contar pras crianças e eu continuei na minha, né? Chorando, dentro do quarto, por tudo eu chorava, nervosa, histérica, as crianças: “Que que cê tem? Você tá esquisita! Que não sei o que.” Que eu sempre fui uma pessoa alegre, animada e eu tava assim... nem eu tava me aguentando, né? Tava assim uma coisa horrorosa. Sem ânimo pra nada, não fazia nada, só ficava dentro do quarto mesmo assim... Saía pra almoçar com eles que eles pediam, mas... sabe assim? Quando você olha pra cara das pessoas assim e todo mundo tá olhando pra tua cara e tá sabendo que que você tem, sabe? Cê se considera uma leprosa, né? E aí a manicure que é a mesma minha, da minha filha, aí eu já não queria mais fazer unha, sabe? Aí já queria que a mulé, sabe? Comecei a ficar psica, né? Queria que ela comprasse a, a, o alicate dela, que, que ela tinha que ter alicate, não sei o que, tudo... as coisas começam a acontecer na sua vida... aí você tem o mesmo dentista dos seus filhos. Aí você acha que cê nem pode ir ao dentista mais, começou a acontecer um monte de lance assim comigo, cada vez eu ficando mais pirada, né? Eu tava achando que eu tava ficando pirada mermo.

Aí ele chegou pra mim... isso foi passando o tempo, né? Nós procuramos o médico, o mesmo médico, só que esse médico omitiu o que eu tinha contado pra ele, ele nem falou sobre isso, o cara muito bacana por sinal. Ele falou: “Pois é! A Angela e tal, tá com esse problema, ela veio me procurar...” Que nós combinamos isso, que eu fui procurar ele que eu tava pre... com... preocupada com uma pessoa que tava apresentando alguns sintomas e então ele me pediu o exame que ele... apareceu o nome dele, né? Como pedinte. Então tava pedindo pra ele também, aí ele fez o resultado e enquanto não saiu esse resultado não sosseguei, aí nesse intervalo saiu o resultado negativo, mas ele tinha que repetir de três... três meses depois. E nisso, a gente tava se relacionando assim, era “oi”, “oi”, “tudo bom?”, tal, beijinho, assim, dois, dois irmãos dentro de casa, deitado na merma cama, ele virava pro lado eu virava pro outro, sabe? A gente almoçava junto, a gente tava junto, mas dois, du... duas pessoas assim, dois amigos dentro de casa e isso me dá uma tortura danada porque... pra mim isso não é vida de, de marido e mulé, sabe? Porque a gente ficou casado muito tempo e a nossa vida não era a mesma coisa de... de 20 anos atrás mas a gente conservava ainda algumas coisas, entendeu? E esse negócio de... (*smack*) beijinho assim, sem graça, eu nunca gostei disso, né? Eu gostava de beijo mermo. Sempre fui muito assim, carinhosa, muito peguenta, então essas coisas foram me, me incomodando muito, né? No longo desse tempo e a gente conversou com as crianças, eles acei... eles falaram, né? A minha filha... inclusive, que é mais espertinha, nós reunimos as crianças pra conversar, ela falou: “Ah, vai! Finge que a gente aceita.” - ela falou - “Finge que a gente aceita essa explicação.”

DR: A explicação do... do ginecológico, menopausa?

AM: Do, do, é... que talvez eu tivesse que fazer uma operação: “Por que? Que você não quer mais ter filho, não quer ter nada, que que isso aí importa, que a gente já aprendeu que isso não faz falta, não sei o que.” Aí o, o Roberto falou: “Não, é porque isso é muito importante pra mulé, a mulé.”

DR: Há três anos atrás, Angela, eles tavam com 21 anos, é isso?

AM: É 21. É!

DR: 21 o outro?

AM: 21, 12 e 11, é, que tá com 16, né?

DR: Hum, hum.

AM: Vai fazer 17 agora no final do ano, 17 e 16.

AP: O menino ou a menina?

AM: A menina é a mais nova.

DR: A menina é a mais nova.

AM: Tem 15, 16, 24, né? Que eles têm agora. (*ruído na fita*) Aí ela falou assim... porque ela é muito assim, intuitiva, né? E a menina, ela é sempre mais olhuda, né, sempre toma conta demais das coisas, né? Tanto que ela, ela, hoje em dia eu já fico falando algumas coisas pra ela e ela fala pra mim: “Você pensa que eu sou boba!” Então eu acho assim... eu acho que ela vai desbaratar a cabeça dela quando eu falar, mas eu acho que ela vai somar algumas coisas que ela já percebeu porque ela percebe muito as coisas, eu não sei, eu não sei se é porque... como mulé eu acho isso. A... a mulé, a filha mulé ela é mais, quer saber de tudo, sabe tudo, ela toma conta de tudo. Os meninos são mais desligado, não sei se vocês concordam com isso, o homem de uma maneira geral, ele é mais desligado, né?

Ela falou: “Mas se você não quer ter mais filho e isso não vai fazer falta, por que que você tá tão preocupada com isso?” Aí ele falou: “Não, porque isso é um fator psicológico, você como mulé vai ver quando cê tiver idade, você sabe que essas... são coisas do seu corpo que você vai ter que tirar, não sei o que.” Conto assim uma história linda pra boi dormir, né? Ela falou: “Ah, vou fingir que eu acredito, tá?” - ela falou - “Vou fingir que eu acredito que é por isso que a minha mãe tá desse jeito.”

E o tempo foi passando e a gente... as crianças reparando que a gente não tinha nem... nenhuma proximidade mais, assim, ninguém cobrava mais nada de ninguém, ele, por e... e nessa época, eu fiquei muito apegada a esse garoto po... po... tipo assim, de desespero, né? Começou a, a rolar aquele desespero deu, deu querer me afastar de casa... Eu, aí que eu comecei a viajar muito pro Rio mesmo, ele viajava pra São Paulo que a, essa minha prima morava lá e tinha um apartamento, ele ia pra casa dela. A gente ficava muito junto, tipo assim, como se só existisse a gente, a gente se uniu muito assim, a gente ficou muito... apegado um ao outro. Tipo assim, telefone, um querendo saber do outro e um tando junto com o outro, como se só existisse nós dois, tá? Nesse período, a gente ficou muito apegado. Porque eu tava distante do meu marido e ele, eu não sei porque também, deve ter se dis, distanciado de algumas outras relações que ele

tinha, a gente ficou muito, tipo assim, só existia ele pra mim e eu pra ele, a gente ficou muito junto. Se via muito, toda hora eu viajava, quando eu não vinha pro Rio ele ia pra São Paulo, aquela coisa assim de... como se só existisse nós dois no mundo, tipo assim, na minha cabeça se... se eu terminasse meu casamento eu ficaria com ele. Cê quer perguntar alguma coisa?

AP: Não, eu ia perguntar se vocês mantiveram as relações sexuais, você conseguiu manter sua vida sexual?

AM: Com ele sim. Com ele era assim... uma questão de... de necessidade assim, até... desespero, tá? Eu, eu sei que é desespero, porque hoje a gente não tem nada e... não faz falta. Era tipo assim, (*risos*) um desespero afetivo, é, sei lá, uma transferência de, de, de... de sei lá... de tudo. De repente, a gente achou que sei lá... de repente cê até acha que não existe mais ninguém no mundo, só vocês dois, aí foi aquele lance.

E, e o meu marido assim: “Como é que cê tá? Tá bem? Foi no médico? Já vai no médico? Não sei o que.” Aquele, aquele relacionamento bem frio, parcial, mas assim: “Cê tá bem? Tá legal?” É, mas a gente num, num tinha muita, muita, é... como é que se diz? Vida assim... social. A gente num... que ele nunca tinha tempo e passou a ter menos ainda, né? Então ele, ele trabalhava muito, sábado, domingo, às vezes eu ligava pra ele: “Pô, você não vem almoçar? As crianças tão te chamando.” Ele: “Ah, se for pra almoçar, eu vou.” Eu comecei a notar...

DR: Mesmo sábado? (*pigarro*) Ele trabalhava sábado também?

AM: Mesmo sábado. Tra... não. Ele sempre trabalhou.

DR: Hum.

AM: Depois disso, continuou trabalhando, eu tô dizendo que não mudou nada.

DR: Hum.

AM: O meu relacionamento com ele só piorou, porque além... da, de, deu não... antes eu tinha a atenção dele total quando tava comigo e agora nem total. Eram dois amigos, dois irmãos assim sentado, conversando assim... carinhosamente, mas sem nenhum, sabe? Sem nada. E eu via que as crianças percebiam isso porque a gente brigava, a, tinha brigas normais, a gente discutia e tal, mas a gente tinha um relacionamento super legal. É como eu tô dizendo, eu era muito afetiva, era de... de até assim, de sexualidade mesmo, né? Eles brincavam com a gente: “Pô, vocês, hein? Não sei o que.” Às vezes, a gente tava na sala vendo televisão todo mundo junto, aí rolava aquela brincadeira, aquele clima, aí a gente ia pro quarto: “Êêê! É hoje! Vai ter festinha, não sei o que.” As crianças sempre participaram muito dessa vida da gente, né? E, de vez em quando, a gente brincava assim: “Pô, a gente não pode não? A gente não morreu ainda.” Eles participavam muito disso e de repente isso acabou, né? E eles começaram a perceber. Que aí eu cume... comecei a falar que eu, que eu não tava feliz, que eu tava querendo vim embora, que eu acho que o nosso casamento não tava dando mais certo, que eu tava... eu tava... comecei a justificar pros meninos que eu tava querendo acabar com tudo, né? Os... falar com eles que eu não tava feliz lá, que eu não gostava de São Paulo, não gostava do lugar que eu morava, que eu queria... tá mais aqui no Rio, junto com as pessoas que eu gosto. assim. Não é pessoas que eu gosto, mas assim, mais livre, mais

solta que eles sabem que eu gosto música de pagode, de dançar, não sei o que e lá tudo era mais difícil. E aqui eu tinha mais facilidade, que eles vinham comigo, eles saíam comigo, eu sempre saí muito à noite com os meninos, todos eles, a gente saía muito, então eles sabem que eu gosto muito de sair à noite e lá eu não tinha essa facilidade que eu tinha aqui. Aí eu comecei a falar, aí o, eles falaram: “Pô, se você lá vai ficar mais feliz e tal.” Mas eu não queria mexer com eles, eu queria que eles continuassem lá, porque lá a casa era uma casa... confortável, legal, eles gostavam da casa e eles iam ter acesso... a, as coisas que eles sempre tiveram e eu ia procurar um outro tipo de vida pra mim. Eu ia, tipo assim, eu coloquei pra eles que eu queria que meu padrão caísse, que eu ia diminuir o padrão, que eu ia morar num apartamento, era num lugar bom, quando eles quisessem vim me visitar a gente podia ficar junto, mas... que eu não ia morar numa casa igual aquela, com piscina, um casarão: “Ah, mas a gente quer ficar com você.” Eu digo: “Tudo bem.”

DR: Você queria que seu padrão caísse ou o seu padrão...

AM: Não, o meu padrão caísse nesse sentido...

DR: ...consequentemente, cairia.

AM: eu não queria... não. Eu não queria uma casa igual aquela, porque eu nunca gostei daquilo.

DR: Hum. Sim, sim.

AM: Eu quis passar pra eles... que aquela casa me incomodava, que eu não gostava daquele espaço físico, que eu queria morar num apartamento, o que realmente é verdade! Eu, é... essa, a última casa, assim... todas as casas que eu já morei foi sempre assim o sonho dele. Ele sempre quis morar em casas, mansões, não sei o que, eu nunca gostei disso. Mas era uma coisa que ele queria, então a gente sempre construiu casas enormes e morou. Mas eu nunca gostei. Sendo que essa ma... menos ainda. Porque esse condomínio é um condomínio assim muito isolado, é um lugar assim muito... bonito, chique, maravilhoso, mas não faz a minha cabeça. É um lugar assim, cinematográfico, mas é um lugar que você vive muito isolada. Não sei se vocês conhecem ou já ouviram falar. Pra criança é muito bom, a criança... fica solta, o velhinho também é muito bom, aquele casal bem velhinho que vai dar umas caminhadas, depois vai cuidar do jardim. Agora pra mim não era bom. Por exemplo, todo o acesso tinha que ser... tudo é em São Paulo e São Paulo é distante. É como se eu morasse no interior... então, quer dizer, se eu queria sair à noite, a volta é sempre mais complicada, porque você tem que pegar a Marginal, Castelo Branco, é uma, uma via expressa merma. Então eu quase não saía e isso me tortura muito porque eu gosto muito de sair. Então...

AP: Ah, ele não fica no Centro não, né?

AM: Não, não. Então ele, eles sabiam que eu já tinha uma certa, não é infelicidade, um pé atrás com o lugar que eu morava.

DR: Mas a proposta não é que essa vida social ocorra dentro do próprio condomínio?

AM: Mas não ocorre.

DR: Não ocorre.

AM: Não ocorre, principalmente porque as pessoas não gostam de encontrar com as mesmas pessoas. E lá você só en... aí é uma cidade do interior, você encontra com todo mundo no mercado, na manicure, no salão, não sei o que, as caras são as mesma, então aquela pessoa que quer sobressair... No caso, eu tô falando pela parte da sociedade de lá, não é o meu caso que num... não faz a minha cabeça, as pessoas quando se produzem, se arrumam, né? Elas querem se mostrar pra outras pessoas... então elas vão procurar a diversão fora. Porque é cansativo aquilo ali, a mesma cara que você vê no... no... no cinema, tem um cinema lá, cê vê no mercado, você vê no seu condomínio, você vê ali na esquina. Você já conhece todo mundo, às vezes nem sabe da onde porque não é do seu condomínio, mas é daquele lugar que você frequenta, todo mundo se conhece, é um negócio assim bem provinciano, sabe? Então, as pessoas têm muito espaço físico, um lugar muito bonito, mas elas se isolam muito dentro de casa, a ponto de morrer alguém e você nem ficar sabendo que morreu. Não existe aquilo que existe no Rio de Janeiro, por exemplo, é mais de povo também, né? Além do povo ainda tem o, o tipo do condomínio de, por exemplo, você mora há 30 anos num lugar você não obrigató... obrigatoriamente, cê não fica na casa dos outros, mas as pessoas sabem que você existe, você cumprimenta, você fala, lá é, é estranho, sabe? Acho que é por causa do povo e também do lugar e isso não a, me chateava muito, eu ficava muito deprimida lá, eu não gostava. Por exemplo, tinha uma piscina? Tinha. Tinha uma piscina que eu não tinha vontade de entrar na piscina.

AP: Mas a piscina era da, da sua casa ou era do condomínio?

AM: Da minha casa, da minha casa. Eu tô dizendo o seguinte, é uma piscina que eu não entrava na piscina. Eu vim morar no Rio, numa casa na Ilha do Governador, eu comprei uma bacia, uma, uma piscina plástica ficava na piscina o dia inteiro. É o seu estado de espírito, né? Deprime, de repente cê tá em volta daquilo tudo, lindo e maravilhoso, mas não é nada daquilo que você quer! E eles já tinham sentido isso em mim, então eu aproveitei pra mostrar pra eles que a minha vida ia mudar, mas a deles não precisava mudar. Que eles podiam continuar com tudo e inclusive, que o pai deles sendo o pai que é porque no caso dele é um pai assim maravilhoso, né? Eu...eu acho assim que ele como pai não deixava nada a desejar, normalmente, quando a mãe fala em se separar do marido: “Vou levar meus filho porque o filho, coitadinho, vai passar privação. O filho, coitadinho, o pai vai espancar. O filho, coitadinho, o pai não liga.” Que não é o caso dos meus filhos, além de... então eu coloquei desse jeito, mas não impus... eu coloquei que eu queria mudar a minha vida mas eles não precisavam mudar a deles: “Ah, mas cê tá falando isso por que? Se a gente não quiser...” “Não, se cês quiserem morar comigo a gente vai morar numa boa, quem quiser vim comigo, vem, quem quiser ficar, fica. Não tem esse negócio de é obrigado, porque normalmente...” - eu expliquei pra eles - “...a mãe... a, a guarda é da mãe, né? No caso, quando a gente fala de filhinho porque tem que mamar, tem que dar de comida. Não é o caso de vocês, cês têm todo direito do mundo pra optar o que vocês quiserem.” “Ah, não!” Porque aí meu filho falou: “É porque eu queria ficar aqui mesmo porque, pô, eu vou ficar triste pra caramba, cê vai?”

DR: O mais velho?

AM: Não, o do meio.

DR: Hum.

AM: “Mas pô, eu tenho meus amigo, eu tô terminando e tal, tudo bem?” Eu digo: “Pô, Márcio, tudo bem. Eu só... o Rio de Janeiro é ali, você vai me ver.” “Você vem me ver?” Eu digo: “Lógico! Quando tiver alguma ocasião, é... formatura, não sei o que, o, o, tiver a gente vai tar junto, não tem esse problema.”

AP: Mas então...

AM: Então as coisas foram colocada não foi assim, tipo, sentar e: “Olha, você decide com quem você vai ficar.” Eu passava muito pra eles o que eu sentia.

AP: Mas isso foi depois, né? Não foi imediatamente após a, a descoberta do HIV, né?

AM: Não, isso foi durante três anos.

AP: Hum.

AM: Quer dizer, vai fazer um ano que eu tô aqui. Durante um ano e pouco assim, eles começaram a sentir a nossa mudança... Eu comecei a fazer análise, comecei a, a, a, a voltar ao normal, comecei a, a frequentar, fazer as me, eu, eu, eu nunca... Eu vou dizer pra você, hoje tô voltando a ser quem eu era, lá eu não conseguia, tá? Porque ele vivia fazendo os exames, dando negativo, mas aquele negócio martelando na minha cabeça e a nossa relação estranha. Eu já notando que ele... também tava diferente, que já tava pintando alguma coisa na vida dele, então eu querendo deixar o caminho livre pra ele, o espaço, entendeu? Aberto pra ele. Porque, poxa! Ele tinha sido legal até ali e eu não sabia de nada, mas aí tava começando a aparecer algumas coisas que eu tava vendo que ele já tava tendo, é... se interessando por alguém.

AP: (*inaudível*) na rua.

AM: De repente, até ele tinha, tá? Porque eu não sou o tipo de mulé: “Ah, boto minha mão no fogo.” Ele não... demonstrava, então as coisas tavam ótimas, mas aí ele já começou a fazer questão de demonstrar... e eu já não ta, já não tava satisfeita com a situação, eu já achava que eu tinha que sair e ele já tava... sabe assim? Tipo, sair fora pra ele ter a vida dele, tanto que foi o que aconteceu, né?

DR: Como que ele demonstrava? Deixando aparecer e indícios, telefonemas de vez em quando?

AM: Não, não, não. Eu sentia.

DR: Hum.

AM: Eu não sei, eu não sei como são as muleres, mas comigo.

DR: Hum, hum.

AM: É intuitivo, eu sentia, tá? É, jeito de ser, sabe? Eu, até aquele dia eu não sabia

nada, mas aí eu comecei a perceber algumas coisas. Tanto que tão logo eu saí, começou a aparecer uma namorada, não sei o que, agora já tá casado com ela, já tá grávida. Quer dizer, eu senti nele a necessidade de, de, é... eu não vou botar a mão no fogo, tipo, porque não é meu feitio. Eu tenho certeza que ele não tinha alguém e de repente ele até tinha, mas ele sabia ter, ele conseguiu ser mais discreto do que eu, eu não consegui porque aconteceu um lance na minha vida que eu tive que abrir o jogo, aí você me pergunta, se eu não tivesse, não tivesse acontecido isso comigo, talvez eu tivesse até hoje do jeito que eu tava, talvez a gente fizesse 50 anos juntos, ele sem demonstrar e eu sem demonstrar, como existem milhões de relacionamentos, mas infelizmente, no meu caso aconteceu um lance que deu margem as outras coisas, uma coisa puxou a outra, foi uma cadeia, né? Que aconteceu aí. (*snif*)

AP: E como é que foi pra você quanto, como é que tá sendo pra você hoje a coisa dele ter outra, é casado, reconstruído a vida dele, cê ainda gosta dele ou não?

AM: A,a, Ana Paula, eu gosto dele, eu acho que ele tem direito de ser feliz, me dou muito bem com ele, a gente tá se dando assim melhor do que antes, diria pra você que hoje ele nunca tá em reunião pra mim, quando eu ligo pra lá que alguém fala assim: “Ele tá ocupado.” Eu digo: “Ué, eu quero falar com ele.” Ele atende eu digo: “Pô, falaram que cê tá ocupado.” Ele: “Não, não tô.” Quer dizer, de repente, ele enxergou também por um outro lado, tá sendo bom pra ele também. A relação dele tá diferente, porque a gente sentou e combinou: “Pô, não tá dando mais e tal.” Ele falou: “Pô, cê quer que eu saia de casa?” Eu falei: “Não.” Isso eu já vinha preparando os meninos, né? E com ele, a gente vinha sempre conversando, ele: “Pô, a nossa vida tá ruim, né? Angela?” Eu digo: “É, tá uma merda! Tá um saco e tal.” Mas porque eu tava sentindo que ele queria ter o espaço dele e já não tinha mais cabimento a gente tar junto, quer dizer, tá, de repente até podia ser se eu fosse outro tipo de mulé, também tem isso, se eu fosse aquele tipo de mulher assim tapada, que passa despercebido, mas infelizmente não passou e eu não sei faz, deixar passar, eu saquei que tava acontecendo aí eu comecei a achar: “Pô, o cara tem direito, né?” Comecei a pensar, né? (*snif*) Pô, o cara tem direito de ter a vida dele, afinal de contas quem estragou a vida da gente foi eu, né? Quer dizer, ele não, eu não penso mais assim, eu acho que se eu estraguei, quer dizer, se eu fiz isso é porque alguma coisa me levou a fazer isso. Mas não importa, eu acho que eu fui a (*risos*), aí, eu não sei como é que eu falo. Por exemplo, eu sei que divi, eu divido a culpa com ele, eu acho que nós dois tivemos culpa do nosso relacionamento não ter dado certo, né, não ter ido assim à vias de fato de 50 anos junto, mas o, o...

DR: Porque na verdade, era isso que você queria?

AM: Eu não sei, eu vou dizer uma coisa pra você, eu tô bem como eu tô hoje.

DR: Hum.

AM: Eu tô super bem. Agora, eu tô bem porque ele tá me ajudando a estar bem porque se ele não mantivesse o, é, não me desse um apartamento, se ele não me desse toda uma infra-estrutura preu tar bem, eu não taria bem financeiramente, porque tudo que eu quero, por exemplo, o meu emocional tá legal, por exemplo, eu tô bem (*snif*), eu sei que ele hoje tá casado, eu sei que ele hoje tá construindo família, tá tendo, que ele, ele andou pensando, mesmo depois disso que aconteceu com a gente, ele queria adotar um, uma criança, porque ele sempre gostou muito de criança, por ele ele tinha assim uns 10

filhos, eu não quis mais filhos. Aí depois ele começou a falar em adotar criança porque eu ficava reclamando que a minha vida era muito chata, ele: “Ah, então vamos adotar dois nenenzinho, duas crianças tão precisando, não sei o que.” Eu digo: “Que adotar o que?! Eu tô numa fase que eu já tô querendo mais é curtir a vida.” Porque a vida inteira nossa, nós casamos muito cedo, eu escutei ele falar (*snif*) que o mais tarde da gente ia ser tudo que ele tava fazendo quando ele era novo era pra mais tarde a gente ter um, viajar, passear, eu gosto disso e eu tava vendo que a cada dia ele trabalhava ã, ã, cada dia ele.

DR: O mais tarde ficava mais distante.

AM: O mais tarde tava ficando mais distante. Então ele veio com esse papo de, de criancinha, eu falei: “Pô, vai começar tudo de novo? Meus filho criado.” Quer dizer, o, o mais tarde dele, não ia existir mais tarde, a vida dele inteira ele ia trabalhar e eu ficar em casa cuidando de criança, não era isso que eu queria, eu queria sim viajar, passear, as poucas viagens que eu fiz com ele foi assim... no meio de uma viagem de negócios, vai à Europa, vai aos Estados Unidos, não sei o que, mas tudo assim no meio de uma, de uma viagem de negócio aproveita pra fazer, mas falar assim: “Vamos fazer uma viagem, nós dois.” Nunca tinha tempo, nunca dava, nunca tinha tempo, não sei o que. (*snif*) Então, é, o que eu queria realmente eu não sei, por exemplo, eu queria aquilo que todo mundo quer, o ideal que não existe, por exemplo, ele é um homem bacana, maravilhoso, é um homem assim que eu gostaria muito de ficar casada com ele mas se ele fizesse também as coisas que eu gostava de fazer, por exemplo, se ele tivesse tempo pra mim, pra gente viajar, passear, curtir, coisa que ele não tinha. Aí você pergunta assim, hoje eu tô com 44 anos. Pô, já devia tá calma, né? Já devia tá pensando assim: “Pô, nada mais cômodo do que ficar sentada numa cadeirinha de balanço, curtindo o marido... mas não faz a minha cabeça isso, entendeu? Eu preciso de mais age, não sei se é energia, se, eu preciso de mais alguma coisa, não relaci... relativamente associada a homem nem a sexo, nada disso. Mas eu gosto de me movimentar, eu gosto, por exemplo, de ser dona do meu nariz, eu gosto de fazer o que eu quero fazer... Por exemplo, lá em São Paulo eu descobri que tinha isso e através da Valéria aqui no Rio, eu soube que lá em São Paulo tinha esses grupos, mas como que eu ia frequentar um grupo desse se ele não queria que ninguém soubesse? Eu fazia exame, eu tinha AMIL™, fazia exame particular porque ele tinha medo que era empresa a, a, a, todo mundo dizia que não tinha problema, mas ele achava que podia... (*snif*)

DR: Ele não contou pra ninguém, Angela?

AM: Não sei, pra mim ele diz que não contou pra ninguém e o tipo de pessoa que ele é, eu não imagino ele contando pra ninguém isso... ... A única pessoa que eu sei que ele conversou foi esse nosso médico que inclusive, esse... esse rapaz, ele entrou numa depressão muito grande também, o Roberto quando ele, nesse intervalo que eu fui procurar analista, até porque ele mandou que eu procurasse pra me ajudar, eu ainda falei pra ele porque que ele não procurava também, ele falou que não precisava que ele sabia como lidar com a cabeça dele, mas eu acho, eu soube que ele procurou muito esse médico, esse clínico geral, ele se tornou muito amigo dele e esse cara ajudou muito ele a, a... a superar isso, essa pessoa eu sei que ele teve conversas, agora, outros não. Eu sei também que ele passou por uma fase assim de se achar uma anulação, eu a, acho, assim como homem, ele se anulou muito como homem, ele começou assim achar que ele não prestava como homem, daí eu acho que ele começou a se envolver com essa garota até

pra ele mesmo por a, por questão de amor próprio, porque isso nem faz parte do, do, do, sabe quando você conhece uma pessoa, essa pessoa é do trabalho, ele nunca foi a favor disso, ele sempre teve um, um, como é que eu vou dizer?

DR: Distanciamento.

AM: Uma distância muito grande com essas pessoas, ele sempre foi um homem muito bonito, é um homem muito bonito, muito cobiçado, muito assim, mas ele nunca teve nenhum tipo de, não era ele que me dizia não, era a conduta dele e as outras pessoas, né, que trabalhavam com ele, as próprias secretárias, pessoas que eu tinha acesso, muito respeito, muita coisa assim, ele nunca... e de repente ele começou a fazer isso, sabe? E, e, eu acho que até por uma questão de... vaidade, né? Por tudo aquilo que eu fiz, tudo que aconteceu com ele, eu acho até que ele começou a se relacionar com essa menina por aí. Porque eu não acho que ele seja uma pessoa feliz hoje, eu acho que ele se deu mal, sabe? O que eu conheço dele é assim... que ele entrou nessa pra... recuperar assim, um... um amor próprio e ele se ferrou. Eu não diria se ferrou porque ele gosta muito de criança, eu acho que vai ser super legal ele ter um filho, mas eu acho que não era bem isso que ele queria não, lo, tão de repente, porque ele saiu de uma relação e já, sabe? Entrou em outra. As pessoas que conhecem ele também tão estranhando, comentam comigo, né? Ele não parece uma pessoa feliz, uma pessoa que, que, pô! Ficou si... né? Separado depois de algum tempo, né? E já tá casada com uma menina nova, já tá tendo um filho, né, sabe? Ele não passa assim... a imagem de um homem assim feliz. Ele passa a imagem de uma pessoa... porque eu tenho encontrado muito com ele que é... foi aniversário de 15 anos da minha filha que foi uma coisa super dura, né? Que eu saí de casa em junho e a minha filha resolveu fazer festa de 15 anos dia quatro de outubro, com todo aquele... aquela papagaiada, né? Pai e mãe entra de braço dado na igreja, sabe? Foi uma, uma coisa horrorosa, né? Quer dizer, eu não sabia se eu tava chorando da emoção da festa, de tá, tá... vivendo aquilo tudo foi uma droga, né? Foi assim uma cara lambuzada a festa inteira, né? Parecia uma bruxa, né? Então tava parecendo uma doida.

Quer dizer, as coisas aconteceram muito de repente comigo e muito assim, uma coisa atrás da outra, né, num espaço muito pequeno de tempo eu descobri que eu tava com AIDS, é... eu me separei, e ele já se relacionou com outra pessoa, eu saí de casa, a minha filha resolveu fazer festa, sabe? As coisas foram assim atropelando, que na minha vida as coisas são assim mesmo, sabe, elas não vem assim, véééé, vem tudo assim. Já faz parte da minha vida, é tudo assim uma coisa atropelando a outra. (*snif*)

Então você perguntou como eu elaboro isso, eu acho que ele tem direito de ser feliz, só que eu não acho que ele seja feliz e isso me deixa mais infeliz ainda... porque ele não tem pinta nenhuma de que tá feliz, todo momento que eu falo com ele, a impressão que eu tenho é que ele gostaria que fosse diferente... (*embarga a voz*) Infelizmente, as pessoas dizem que ele gosta de mim e eu acho que gosta... porque, não sei, mas gosta. ... Eu acho que ele sofreu muito, talvez até mais do que eu... mas é isso.

Aí bom, aí eu saí de casa...

DR: Cê acha que ele teria sofrido mais do que você?

AM: (*snif*)

DR: Quer dizer, a maneira...

AM: (*emocionada*) Não, eu acho que ele tá sofrendo mais do que eu. Mas nesse intervalo, teve uma época que eu (*snif*) quis falar com ele, eu tava em casa ainda, eu liguei pra ele um dia, que eu falei: “Não, eu vou desmentir tudo aquilo que eu falei, eu não vou contar a verdade, mas eu vou desmentir.” Muito tempo depois que eu tinha falado aquilo, né? Assim, tipo assim, um ano e tanto depois a minha... fazendo análise ela falou: “Pô, por que cê não conversa com ele?” Porque ela via que isso pra mim era uma... uma tortura muito grande eu a... eu deixar ele pensar que eu era capaz disso, né? Aí eu falei: “Eu não tenho coragem de falar pessoalmente, então eu vou fazer o seguinte, eu vou chegar em casa, vou ligar pra ele.” Aí eu liguei, né? Pra ele e falei que queria falar com ele, ele falou: “Que que é? Pode falar, dona Angela.” (*risos*) Eu falei assim (*snif*): “Sabe que que é, é que uma vez eu falei com você (*risos*), sabe aquele dia que eu falei com você que eu contei um monte de coisa?” Ele falou assim: “Que que tem? Você hoje vai falar a verdade?” Eu falei: “Ué, por que? Eu não falei a verdade, não?” Ele falou assim: “Eu conheço você um pouco, né, Angela? Eu acho que eu não, não acreditei em nada daquilo que você falou pra mim.” Aí eu falei assim: “Pô, você não acreditou?” Aí ele falou assim: “Não, mas você tá disposta a me contar a verdade?” Eu falei assim: “Não, eu só queria falar pra você que não foi bem assim, que eu não fiz aquilo tudo que eu falei.” Ele falou: “Cê não precisa se preocupar com isso que eu sei que você não fez isso.” Aí: “Mas você quer falar o resto?” Eu falei: “Não, (*risos*) só queria falar isso.” Ele falou: “Então vamos deixar as coisa como tão. O dia que cê quiser falar legal comigo a verdade aí a gente vai falar. Agora eu só quero que você saiba que eu conheço você, eu sei muito bem que você não fez isso.” Aí a minha cara ficou desse tamanho, né? Ainda bem que eu tava no telefone, aí eu falei: “Então tá, tudo bem e tal.” Aí desliguei (*snif*), aí um dia ele me chamou pra jantar fora (*snif*), aí a gente foi jantar, né? Todo o clima, né? Ele todo amoroso, né? Também já nessa fase que a gente tava só, meio afastado, aí ele falou que tinha uma coisa pra me pedir, se eu podia fazer um favor pra ele, se eu poderia contar a verdade pra ele. Não. Ele falou pra mim assim: “Eu queria sair com você que eu queria conversar com você.” (*snif*) Eu falei: “Olha, se for daqui pra frente, a gente pode conversar tudo, eu vou falar tudo pra você.” Ele falou: “Você vai falar a verdade?” Eu falei: “Daqui pra frente, eu vou falar toda a verdade agora, daqui pra trás, nada que você me pergunte... tudo aquilo que eu falei eu vou manter, eu não quero assunto.” Quer dizer, eu já sabia que que ele queria, ele tava preparando um clima pra relaxar, preu contar a verdade (*risos*) e eu falei pra ele que eu não ia contar, aí ele falou... eu falei: “Você disse que acreditava que eu não tinha feito aquilo tudo, interessa saber?” Ele falou: “Interessa, eu gostaria de saber exatamente tudo.” Eu falei: “Ah, mas eu não vou contar pra você e eu não gostaria de falar sobre isso.” Quer dizer...

DR: O que que cê tava tentando preservar aí? Num, num, não entendi bem.

AM: Preservar, por exemplo, eu acho que pra ele ia ser muito duro, né? Saber que eu tive uma relação tanto tempo. Que eu gostava de outra pessoa e também, as outras pessoas envolvidas porque veja bem...

DR: Ah, sim pessoas que sabiam, da situação, é, isso mermo, tá, tá.

AM: Tem série de amigos, tem irmão, tem não sei o que, sabe?

DR: Hum, hum.

AM: Aí você não vai acabar só com a, com a su...

DR: Sim, tá certo.

AM: No caso, até hoje...

Fita 4 – Lado A

DR: Pronto.

AM: Mas, do que que a gente tava falando que eu não sei mais?

DR: Você falava...

AM: ...por exemplo, de preservar as pessoas que cê falou?

DR: É... o que que você tava preservando ao não contar...

AM: No caso é... é... a pessoa em si ela já, ela tem amizade, fazem parte da nossa vida, pessoas amigas... que nunca chegaram pra ele e contaram mas sabiam... Aí vai rolar aquela confusão, né?

DR: Sim.

AM: De... todo mundo sabe... Então pra ele é mais cômodo ele achar que ninguém sabe, né? Quer dizer, eu acho que isso é, é... cada um tem uma... uma maneira de agir, né, no caso dele ele fica tranquilo achando que ninguém sabe, né? O que eu posso fazer? Ele quer assim, né? (*Ruídos*)

Então é isso. Aí eu saí de casa, aí nós conversamos, eu comecei a notar que ele tava estranho, que ele tava... diferente. Pra mim ele tava se interessando por alguém e realmente, as coisas aconteceram exatamente como eu supunha, né? (*snif*) Ele só... talvez nunca fosse assumir... porque a gente tava dentro de casa, ele prometeu que ia me ajudar. Aí eu comecei a, a achar que tava tudo uma droga, a gente começou a conversar, ele também falou que achava... ele perguntou se... aí ele veio me propor. Que no... na vez que eu falei que eu queria sair de casa, quando eu falava em sair de casa ele dizia que não, que não sei o que: “Que bobagem, vamos ficar junto, como amigo, não sei o que, um dá força pro outro.” Mas nesse meio tempo deve ter pintado, né? Essa, essa outra vida dele, né? Que aí ele chegou pra mim e falou: “Olha, Angela, não tá legal. Tá tudo muito ruim. Eu sinto que você não tá satisfeita.” Eu até acho que ele queria que também que eu tivesse direito a viver a minha vida, né, de repente, né? (*snif*) Já que eu já tinha, é... tava fazendo análise, de repente ele falou: “Ah, vai ver que ela descobriu que que ela quer da vida.” Ele tava querendo até me ajudar, né? Eu acho. Audar os dois, né? Que os dois tavam vivendo uma relação... horrorosa (*snif*). Aí ele chegou pra mim e falou, é: “Cê quer que eu saia de casa?” Aí eu falei: “Não, vamos fazer uma coisa? Você sempre gostou da sua casa, você gosta pra caramba daqui, você construiu a casa dos seus sonhos, você, cê sempre disse que essa aqui é a casa dos seus sonhos, quer dizer, você gosta, você curte... você até briga comigo que eu não curto como você curte.” Sabe? Assim, sabe aqueles detalhes de coisa de mulher assim? Tipo, acabamento, assim, comprar uma luminária, não sei o que, nada disso nunca me deu prazer, ele que fazia porque eu... não tava nem aí pra casa. “Então eu acho que a casa é sua, eu acho

que você... os meninos gostam da casa, eu acho que eles deveriam ficar aqui.” Ele falou: “É, outra coisa, os meninos, você pretende que eles vão morar com você? Você pretende morar com eles?” Eu falei: “Ó, Roberto, eu acho que os meninos, eles já são... grandes o suficiente pra decidir o que que eles querem da vida (*snif*).” Eu não vou chegar prum filho meu de 24 anos assim: “Você vai morar com a mamãe, mamãe vai embora, você vai.” Eu nunca fiz isso quando eles eram pequenos, eu sempre tive uma relação assim com meus filho muito assim, tipo... que que eles querem, entendeu? É, não sei se também tá certo ou errado, mas eu não sei se eu me separasse, eles fossem pequenos, se eu fosse ter uma atitude diferente da que eu tenho agora. Eu nunca fui assim do tipo... tá melhor comigo do que com o pai, na minha casa nunca existiu isso, eu puria... pude... podia, poderia ficar assim um ano ausente que eu saberia que meus filho tavam bem do mesmo jeito que ele, ele é uma pessoa assim maravilhosa com os meninos, ele é um paizão mesmo, sabe? Tanto que eu sempre coloquei pros meninos, é: “Não tenho nada pra falar do pai de vocês, eu tenho pra falar do meu marido, do homem que vive comigo, né? Que eu não tô satisfeita e quero ir embora.” Só isso que eu falava dele, aí eles falavam também: “É lógico, nem como pai nem como mãe, ninguém pode falar de ninguém porque a gente gosta de vocês como vocês são.” Quer dizer, então eu não posso reclamar do homem, né? (*risos*)

Aí eu falei (*snif*) que eu queria ir embora, que eu não tava satisfeita, não tava feliz lá, aí eles falaram: “Pô, se é pra você ficar bem, cê vai ficar melhor, cê vai ficar mais feliz?” Eu falei assim: “Ó, eu não sei se eu vou ficar feliz, pelo menos eu vou tentar.” Aí eles falou: “Ó, tudo bem, então eu acho que cê tem que ir.” Aí eu resolvi, né? Aí eu falei pra ele, ele falou: “Então... como é que cê vai fazer?” Aí a gente sentou pra conversar, eu falei: “Ó, agora eu não quero ver nada de apartamento não.” Isso eu já tava conversando com a minha amiga de Salvador, a Lúcia, aí ela falou: “Pô, a gente podia ir pro Rio tentar fazer alguma coisa.” (*snif*) Aí eu falei: “Pô, tudo bem, eu levo a Marta.” Que é a minha prima, né? Que tava desempregada, que também eu tava ajudando a manter a casa dela. (*snif*) Eu falei pra ela: “A gente vai pro Rio agora, vamos tentar nos manter, porque agora eu não sou, não tenho mais maridinho pra manter duas mulé não, ele vai me manter mas eu não posso ficar te ajudando, né, a gente vai ter que trabalhar, fazer alguma coisa.”

Aí as três mosqueteira resolveram alugar uma casa no Rio de Janeiro e começar a trabalhar, só que eu não sou chegada a trabalho realmente... Assim, trabalhar assim, eu não sei se é porque eu, né? Trabalhei muito pouco, eu fiz o que, dei aula três anos e ele uma vez abriu uma fábrica lá, lá em São Paulo, uma época que eu tava meia assim... achando que eu não tinha nada pra fazer, juntei com uma amiga minha, a mulé de um sócio dele, a gente abriu, ele abriu uma fábrica, né? Os dois abriram uma fábrica pra gente administrar, eu e essa minha amiga. Foi uma experiência super legal, eu gostei... mas... muito desgastante. E, e, e entre optar pelo que nós optamos, né? Que seria um... nós resolvemos comprar umas *towners* de cachorro-quente. Mas aí quando vimos que o negócio é um trabalho desgraçado, né? E os meus filhos falaram: “Pô, mãe, não tem nada a ver você...” Não é assim que eu não precise, mas não precisava também suar tanto a camisa, é um trabalho muito pesado, então eles achavam assim que eu devia fazer alguma coisa bem leve, bem *lightzinha*, né? E eu não sei fazer nada, né? Que que eu sou? Sou professora... já dei aula há mil anos atrás, né? Durante três anos. Mas... experiência assim de mercado de trabalho não tenho nenhuma, a idade já não ajuda! Ah! Eu falei: “Ah, sabe de uma coisa? Eu não preciso trabalhar, ele me dá tudo que eu quero.” Né? Que ele combinou uma mesada legal comigo... e mermo quando além da mesada, do que eu preciso, é só ligar que ele, pô, me dá na mó... reclama um pouquinho, como quando era casado, mas dá, não tem problema nenhum! Então (*risos*) a gente tá

levando, aí eu pensei, eu falei assim: “Pô, vou trabalhar?” Eu reclamava com ele que ele não fazia nada, né, comigo, então por que não fazer agora as coisas que eu quero fazer, né? Então eu falei pra ele: “Ah, não tô mais afim de trabalhar não.” Ele falou: “Ué, vai assumir mesmo seu papel de ex-mulher de marido rico?” Eu falei: “Ah, eu vou! Vou ser dondoca, vou ficar à toa, vou andar na praia, vou pra praia todo dia, né? Vou morar bem.” Aí os meninos... esse negócio que a gente montou não deu certo aí a gente entregou a casa que a gente tinha alugado aí ele falou: “Pô, Angela, eu sempre achei errado, eu achava que cê devia ter sua casa.” Eu falei: “Ah, tudo bem, então vamos comprar?” “Vamos, então você procura aonde você quer.” Ele me deu esse apartamento, né? E eu que escolhi (*snif*), mas...

DR: Esse que você mora na Barra?

AM: É, o padrão que eu tô querendo dizer é o seguinte: eu tô morando num apartamento de dois quartos, mas porque eu quis. Eu queria um de quarto e sala, mas aí os meninos: “Pô, e quando a gente for? Eu vou com a minha namorada, eu vou com meu amigo.” Aí eu falei: “É, tá bom, então eu vou quebrar o galho de vocês, dois quartos.” Aí a minha filha resolveu vim morar comigo. Quer dizer, um quarto já é dela e o resto do pessoal se amontoa lá. Mas eu, por mim, queria um de quarto e sala porque eu queria assim, tipo assim, mesmo... porque eu tava morando esse tempo todo de casada, que a nossa vida melhorou, lá da Bahia, a gente construiu assim três palacetes, né? Casas assim de três andares e tal, casa assim enorme e eu detesto, né? Primeiro porque eu acho que afasta muito as pessoas. Primeiro que cada um tem um quarto e uma sala de televisão, na sala de televisão normalmente tem sempre um, um cidadão sozinho, cada um tá no seu quarto vendo televisão, cada um quer ver um programa diferente, cada um tem uma tele, sabe? Tudo que é demais assim? Afasta muito as pessoas. Então eu brigava pra caramba, porque quando você tem uma televisão só em casa todo mundo cede e obriga a ver aquele programa junto, né?

Mas não, lá em casa era assim, cada um tinha o seu quarto, sua suíte, né? Essa última casa que eu tava, a sala de televisão com uma televisão monstruosa que sempre tava o Ro... o Roberto, no caso, quando ele tava em casa vendo os programa chato dele que ninguém gostava. Eu ia pro quarto ver meu programa, minha filha ia pro quarto dela, outro filho, cada um ia pro seu quarto, era super legal, sabe, cada um num cômodo e eu achava isso um saco! Porque você tinha assim piscina, você tinha área, mas ninguém usava porque... ficava cada um, um escrevendo cartinha, outro lendo, outro escutando música, tudo nos seus quartos. Você tinha uma casa enorme... toda ociosa. Aquilo me dava uma raiva danada! Cê tinha assim quatro salas, cê chegava assim aquelas sala linda de morrer, né? Ninguém sentava, ninguém conversava. Só quando tinha festa, mas não é o porque não era pra usar, que as pessoas tinham cada uma a sua ocupação, né? Sua...

DR: Quer dizer, aí na verdade também, a proposta do condomínio de ter uma vida intensa assim de, de, uma vida social intensa ali entre os próprios vizinhos, também não rola, né?

AM: Não é... não há... não rola nessa idade, na faixa dos meus filhos não. Rola criança pequena, tem aqueles que, que gostam mermo do negócio, que tem o grupinho mermo que faz, né? Que, que, que joga volêi, joga futebol, não sei o que, aquela, que a gente chama até de fominha, né? Aqueles fominhas, os dono do campo, não sei o que, mas as pessoas normais não procuram isso com tanta, sabe? Principalmente porque não pode

levar gente de fora, você tem que se introsar com a galera do condomínio, por exemplo, o meu filho faz faculdade, né? Fazia faculdade, se formou. Ele já tinha os amigos dele então, é, ele quer jogar bola, ele já tem o grupo dele, já tem a, o jogo da faculdade, já tinha o... na casa de um, na casa de outro ou vai lá pra casa fazer churrasco. Não pode levar outras pessoa pro campo, o campo é só dos moradores, então se você não faz parte daquilo no dia-a-dia você, por exemplo, ele estudava, ele trabalhava e estudava, como é que ele vai chegar lá pra jogar bola? Não é a merma coisa de você...

DR: Hum, hum.

AM: Quando é pequenininho que cê vive na rua, não sei se, né, que você já tem aquele social que já é amiguinho, fica o dia inteiro brincando, então cada um começa a ter seus interesses, então a proposta do condomínio também não é bem essa não de, de introsar, não é bem isso não. Não existe isso lá não, eles e, e... existe, a única coisa que as pessoas lá... têm mania de segurança. É aquele que não quer se sequestrado, é aquele que o filho dele, ele pode viajar que fica ali com a empregada que não tem problema, o motorista leva pro colégio e trás, o colégio é ali dentro mermo... Mas essa proposta de abertura assim, de, de vizinho não existe não, o pessoal é muito fechado (*snif*).

AP: É meio como na Barra, quer dizer, maior, né? Esses Alphavilles são maiores, né? Que os condomínios da Barra?

AM: Ó! 700 casas, o meu, por exemplo, que a gente tem a casa lá no seis, é um dos me... dos, não é o menor nem o maior, tem 700 casas, tem condomínio de mil e tantas casas lá. O meu são... eram 700 casas, são 700 casas, que eles contam por lote, né? Mesmo área que não é construída, tem 700. Quer dizer, 700 famílias, né? Você imagina, né?

AP: Numa área imensa.

DR: Então é grande.

AM: É bem grande, né? Numa coisa toda fechada, numa área que tem toda fechada, que cê tem um campo de futebol, você tem, é, quadra de volêi, de basquete, não sei o que, de tênis, não sei o que (*snif*).

AP: Esses espaços são comuns?

AM: São comuns. Cê tem o parquinho, né? Que é a área de lazer das crianças pequenas. É um lugar muito bonito, mas na minha concepção é a ilha da fantasia, né?

AP: Cê não acha que a Barra é um pouco assim não? Porque você veio morar num condomínio na Barra.

AM: Não. É... as pessoas me perguntaram isso. Mas é... tem vida, entendeu? Você... por exemplo, eu moro no décimo sétimo andar, eu chego na minha varanda eu vejo vida a minha volta, eu vejo assim milhões de prédios, mas eu vejo movimento. Eu vejo gente, eu vejo rua, eu vejo carro, eu vejo gente correndo, gente andando, gente brigando, gente jogando bola, gente nadando... eu vejo movimento. Lá você não vê nada. Nada, nada, nada. Primeiro que as casas não são cercadas, mas elas são cerca viva, elas são casas

monstruosas, você não vê pessoas, você vê um cidadão ou outro caminhando assim aí você vê, sabe, daqui a meia hora você vê outro. Você não vê aquele movimento, se cê chegar na janela, aliás, as pessoas nem abrem janela, cê quer saber, na minha casa a primeira coisa que eu fazia era abrir tudo, né? Isso num, num se vê, normalmente as pessoas não abrem pra não sujar, não abre pra olhar, não abre pra bisbilhotar, é privacidade mermo. São casas totalmente fechadas, janela, porta.

AP: Não são todos os condomínios da Barra que têm essa vida toda não, condomínios de casa lá não tem.

AM: Não, mas eu não moro em casa, eu moro em apartamento.

AP: Cê mora em apartamento.

AM: Eu tô dizendo pra você que falaram pra mim: “Ah, você não gosta de... de, de coisa sofisticada e vai morar na Barra.”

AP: Não, é isso, eu tô falando isso, quer dizer, a lógica da Barra é muito parecida com a lógica do condomínio.

AM: Não é, não é porque cê tá falando de carioca e paulista.

AP: Hum.

DR: Agora a Barra tá bastante populosa, entendeu?

AM: Cê tá falando de dois pólos diferentes.

AP: É, a Barra mudou nos últimos anos, ela evoluiu.

AM: Não, mas se você, e você tá falando diferente. A, a, aquela a, a, a, a madame, vamos dizer assim, né? Que eu digo muito, né? A madame da, do eu condomínio, do meu prédio, ela não é a madame de Alphaville, é um negócio muito dife, é muito esquisito, só você vivendo mesmo, sabe?

AP: É, eu não conheço Alphaville.

AM: Porque, por exemplo, eu sou uma pessoa, é... eu não tenho nada, tá? Eu não tive nada, eu vim assim baixo mesmo, eu continuo no baixo, que que eu tenho? Não tenho nada, eu não acho que eu tenha grandes coisas, a gente assim, ele trabalhou muito, o que a gente tem foi, a minha colaboração foi por trás dos panos mas foi, né? Tanto que a gente mantém esse tipo que ele diz: “Você é minha sócia nas coisas eu tive, que tudo que eu construí, nós construímos juntos.” Mas... sabe? Já lidei com muito tipo de pessoa, não sou pessoa assim, gosto do social, gostava, né? é aqueles eventos, é quando você tem que ser fina, não sei o que... não é a minha praia! Eu não gosto de fazer isso todo dia, mas pro, pelo cargo dele, por ele ser um diretor a gente sempre tinha, né, aquela hora de fantasiar, né? A hora do, do, do, do jantar, é a hora de não sei o que, é o coquetel, não sei o que, a gente vai, né, mas dizer que era a minha praia não era.

AP: Mas você diz que a madame da Barra é diferente porque, porque a Barra é meio

lugar de emergente, né? Quer dizer, aquele lugar de novo rico, né? Aquele pessoal que.

AM: Acho que todo lugar, né, Ana Paula, no mundo, é novo rico, né? Eu acho que todo lugar que você tiver poder aquisitivo cê puder morar, você pode, então o novo rico, é, tirando aquela, aquela minoria que já nasceu, né? De berço esplêndido, todo mundo é um novo rico, né? Que, que consegue principalmente pelo suor do seu trabalho, eu acho que...

AP: É, não se, é, não sei, mas eu acho que eles tão criando um grupo com um currículo.

AM: É, eu acho, quer ver, tá bom, vamos ver, vamos ver um condomínio de, de casas da Barra da Tijuca que, que mora as celebridades, que moram assim os artistas de televisão, eles são o que?

AP: Muitos deles novos ricos também, né? Não todos.

AM: Eles vão lá por que? Não é porque eles tão buscando segurança, porque eles tão buca, buscando proteção, eu acho que.

AP: A Barra cresceu muito, foi como você falou, ela meio que já tem.

AM: Eu moro num lugar popular, o lugar que eu moro é o Parque das Rosas, é um lugar popular.

AP: É, não é o mais...

AM: Não é, não tem nada de, de, de, de impressionante lá, agora, é o que eu tô dizendo pra você, eu até lido com as pessoas que têm poder aquisitivo alto, não tenho nada contra, eu não tenho nada contra, agora, eu quero ver esse movimento e lá onde eu morava não existia isso, por exemplo, se cê tá deprimida lá é um lugar ótimo pra você se suicidar. (*Risos*)

É, é lógico porque você num, sabe, eu preciso de gente, eu sou capaz de, de ir sozinha à praia, mas eu tô no me, em contato, entendeu? Eu tô no sol, eu tô no mar, eu tô vendo as pessoas a minha volta, eu tô, eu fico feliz em tá sozinha no meio da multidão, mas eu quero ver a multidão, entendeu? Se eu quero ver gente, eu também go, eles não precisam me ver mas eu tô vendo eles, agora, é horrível, você quer ver alguém e não tem quem ver e não adianta, você não tem, não existe gente pra você ver, sabe, não tem como, a não ser que cê vá no supermercado, vá pra fila do banco, sabe, fazer coisa chata, né? Mas assim, agora não, eu chego na minha varanda assim, pô, tô sozinha em casa, eu fico sozinha, minha filha vai pra escola, ela estuda de manhã e de tarde, eu fico sozinha, curtindo minha varanda, mas eu tô vendo, sabe, é aquela criacinha ali com a babá, aí eu vejo aquele ali correndo, aí vejo o barquinho atravessando o canal, eu olho pra praia vejo aquele movimento da onda, eu olho praquela porção de prédio, aquele monte de gente, um varrendo, outro cantando, outro botando bob, outro fazendo unha, outro fazendo bicicleta, sabe? É essa coisa que eu digo, gente mesmo, movimento.

AP: Hum, hum.

DR: Angela, e sua filha resolveu morar com você logo que você comprou esse apartamento?

AM: É, logo. Ela, eu, aí eu vim embora em junho, né, do ano passado (*snif*), aí eu tava nessa confusão, né, nessa, fizemos uma.

DR: Nessa sociedade com, do cachorro-quente.

AM: Essa sociedade até de casa mesmo, né? Que não deu certo.

Aí começamo as briga porque cada uma era dona da sua casa e juntou tudo, começou uma confusão, cada uma queria que a banda tocasse do seu jeito, né, e foi uma zona danada aí não deu certo. E fora isso nosso negócio também tava de mal a pior que ninguém queria trabalhar porque é muito cansativo, tinha que ficar na rua de sol a sol, aí nós resolvemos terminar tudo, aí terminamos, aí, aí eu falei pra ele que não tinha dado certo, tal, ele: “Pô, então tudo bem, então vê um apartamento onde você quer.” Aí a minha filha já tinha ido passar uns dias comigo nessa casa e falava: “Eu tô doida...”

DR: Essa casa que era a da Ilha que cê falou que comprou uma piscina?

AM: É, da Ilha do Governador, é, (*snif*), é. Aí ela falou pra mim: “Poxa, se você morasse sozinha eu morava com você.” Eu falei: “Ó, você não vai fazer chantagem comigo, né, que eu não tô chamando você pra morar comigo.” Porque a minha filha é tipo assim, meia exigente, sabe? Eu falei pra ela: “Eu não pretendo morar com essas pessoas toda, eu quero ter a minha casa e se você quiser vir morar comigo a gente até adianta mais rápido isso. A gente até vê logo apartamento, mas não é uma condição pra você vim morar comigo porque se você realmente quiser morar comigo cê vai morar onde eu tiver morando.” Ela: “Pô, mãe, mas o meu pai pode te dar um apartamento, ele já falou que vai te dar, uma casa, vamos procurar um apartamento lá na Barra, não sei o que, porque é tão legal, não sei o que.” Porque a gente já conhecia esse apartamento que eu comprei, da minha sobrinha, tem uma sobrinha que tem um apartamento lá. E ela adorava porque é do lado de uma academia e é a vida dela, né? E o prédio por si também tem muito jovem da idade dela, pessoal curti muito piscina, curte muito aquelas áreas comuns, sabe? Aí: “Ah, porque vamos, porque vamos.” Eu falei: “Ah, tudo bem.” Aí comecei a ver, gostar e tal aí a gente direcionou pra lá, comprou, aí ela veio, aí começou o ano, quer dizer, eu saí em junho, ela terminou o ano escolar lá e veio, esse ano já veio morar comigo, aí foi quando eu comprei o apartamento ela já veio.

DR: Ela começou a morar com você esse ano?

AM: Esse ano. (*pigarro*) Quer dizer, não tem nem um ano que eu saí de casa, né, vai fazer em junho ainda (*snif*). Aí ela veio morar comigo, tá morando comigo e, e a gente tá assim, sabe, numa fase assim legal, a gente tá tentando se dar bem, né? Porque ele lá me cobrando, né? “Ah, minha filha, não sei o que, dá muita liberdade, não sei o que...” Porque depois ainda que aconteceu isso ele ficou mais preocupado ainda, né? E eu também, é que eu digo, eu sou muito liberal, num dia eu até coloquei isso lá numa reunião a gente tava conversando sobre isso, mas, é, eu tô super preparada pra tudo da minha filha, né? Mas por ter acontecido isso comigo eu já tô meia preocupada, as coisas que ela me conta eu já fico assim: “Ah, e a camisinha? Tá usando camisinha? Vamos comprar camisinha.” Eu dou camisinha pra ela. “Pô, mãe, não tô precisando disso, não.” Eu digo: “Ah, mas quando precisar, já tá com você.” Porque eu já tô assim meia neurótica, né? Porque, meia sensível, né? Porque aconteceu esse negócio comigo então eu tenho que passar pra ela. Então a, as informações que ela me dá dos relacionamento

dela, eu já fico assim de cabelo em pé, né, porque eu tô vendo que a qualquer momento vai rolar, né? Então eu já não sei... e ao mesmo tempo tô querendo me preparar pra conversar com ela.

DR: Quer dizer, a qualquer momento ela vai ter relação sexual, é isso?

AM: Eu acho que vai, do jeito que ela é.

DR: E você quer que ela esteja preparada pra usar camisinha?

AM: Como é que eu, que eu vou querer que ela esteja preparada? Tô fazendo como todos os bilhões de mãe fazem, só que eu tô sentindo diferente, né? Não sei, por que será?

AP: E ela? Como é que ela tá recebendo isso? Como é que ela vive em tempo de AIDS?

AM: De AIDS? Eu já tô assim jogando, né? Eu levo folheto, já tô falando que eu tô trabalhando no Grupo Pela Vidda das pessoas que têm AIDS, só que eu não me coloquei ainda, né? Eu digo que eu tô tentando ajudar, faço um trabalho. Porque ela sempre soube desse meu lado... Eu sempre quis trabalhar (*snif*) com essa área assim de, de humana, né, de, de social, de, é, a gente até tinha combinado quando ela tivesse tempo da gente pegar assim uma creche, um lugar assim pra dedicar umas horas de trabalho, que ela também gosta muito de criança, a gente tinha combinado isso, só que ela tá muito atrapalhada nesse negócio e eu fui pro Grupo, então eu tô dizendo que eu tô fazendo um trabalho de apoio. De ajudar, que tá sendo ótimo pra mim, aí trago o folheto, né, principalmente sobre mulheres. Conto as coisas que eu escuto lá e tal. Mas eu sou sempre, né? De fora, mas já me falaram que isso é uma maneira já deu ir, né? Eu dou coisas pra ela ler...

DR: Ela lê, Angela?

AM: Lê, lê, eu converso com ela, aí quando eu, negócio da camisinha, né, eu até dei pra ela, foi até muito engraçado, eu contei pro pessoal lá (*snif*), ela viajou, ela foi pra... Arraial D'Ajuda, aí quando ela voltou ela disse que voltou diferente, que ela adora me sacanear também, né? "Que eu voltei diferente." Eu falei: "Katia, que que cê arrumou?" Aí ela falou: "Não, eu... aí, aconteceram umas coisas comigo, eu quero te contar." Eu falei: "Pronto." Aí eu já fiquei, aí a minha prima que é espectadora, né? Ela sabe que eu tô sentindo, a Angela pessoa não, não se choca com as coisa, por exemplo, se chocar assim, a minha filha chegar, falar assim: "Pô, aconteceu, rolou, pô, o cara é super legal, eu dei." Tudo bem, eu não vou adorar não porque eu acho que tá cedo mas tudo bem que eu vou falar: "Pô, você se cuidou, você tá tomando pílula, usou camisinha, não sei o que, tá tudo bem? Olha as doenças, aque, tá tudo legal, o cara é legal, é esse homem mesmo que você quer?" Mas eu, eu hoje em dia já tô preocupada assim: "Será que ela sabe realmente das coisas?" Então ela começou a falar de um envolvimento assim, um cara que ela, ela... teve assim um contato mais assim... que até então ela beijava na boca, mas agora ela teve um contato mais... aí a minha prima disse que eu fui assim, sabe, arregalando o olho e caindo, até você disse que notou isso de mim daquela menina... a, a, digamos até que eu não esperasse que ela falasse aquilo, né? (*risos*) Mas eu continuei conversando com ela numa boa, só que às vezes...

AP: Te choca.

AM: Cê choca, né? Você tá assim do lado de uma pessoa a pessoa fala assim: “Ah, porque eu trabalhava na Vila Mimosa.” Não que ela seja diferente de mim, mas pra mim é uma novidade, eu nunca conversei com alguém que tivesse se pros, trabalhasse na prostituição, então vai ser sempre um espanto, é merma coisa se cê falar pra mim que, que você trabalha no, no circo, eu acho que eu vou falar: “Ah, é mermo?” Mas eu vou ficar, nunca conheci uma palhaça, um acrobata, sei lá, eu vou me assustar, guardando as devidas proporções, né? Aí, quer dizer, ela começou a falar de um contato mais íntimo que ela teve, aí eu falei: “Aí, meu Deus!!” Aí eu fiquei, aí a minha prima disse que eu fui descendo assim na cadeira e fui arregalando o olho, aí que a minha filha falou assim: “Que que é mãe? Não posso te falar não? A gente sempre, eu sempre te contei tudo.” Eu falei: “Não, pode.” Quer dizer, ela podia me contar mas eu não tô sabendo ser normal quando eu escuto isso, mas porque, é porque aconteceu isso comigo, aí eu falei: “Ah, não, essa menina já tá ficando muito perto do fogo, sabe?” Ela andou contando uns negócio lá aí eu falei: “Ah, sabe de uma coisa?” Aí comecei a trazer os papéis, os panfleto, falar pra ela, tô conversando muito pra, pra caramba sobre isso com ela, de experiências, conto da, das pessoas que, que, né? Que têm filhinhos que são, não sei o que, pô! Deve ser duro, aí falei duma mãe que eu encontrei lá que tava lá por causa da filha dela de 17 anos que tinha o vírus, aí eu falei: “Pô, Katia, já pensou uma mãe ter que ir num lugar desse?” Eu falo pra ela: “Pô, mas deve ser tão melhor a mãe tá lá por causa dela do que tá por causa de uma filha, não sei o que.” Eu já tô botando o gato no telhado, né? Tá quase caindo.

DR: Tá aprendendo, né? (*Risos*)

AM: Mas tô, porque cê imagina se eu dou uma notícia dessas pros meus filhos do jeito que eu dei pro meu marido, é vou matar eles não vou? Aí eu tô falando assim pra ela, aí eu ganho, a gente sempre ganha camisinha, aí eu tô levando, né? Aí ela, primeira vez que eu levei ela falou assim: “Pô, mãe.” Aí foi guardar no armário, eu falei: “Não senhora, na sua bolsa.” “Pô, mãe.” Eu digo: “É na bolsa que se anda.” Aí abri minha bolsa, falei: “Tô cheia de camisinha lá.” Aí meu sobrinho tava perto até nesse dia, um sobrinho que eu tenho, falou assim: “Cuidado com a validade, porque normalmente quem tem muito é porque não usa, aí passa do prazo.” (*risos*) Aí eu falei: “Não, Katia! Cê sempre olha a validade, se tiver expirado, você troca, outro estoque, mas ela é pra andar na sua bolsa.” “Mãe, que que eu vou fazer? Vou abrir a bolsa e o cara...” “O cara vai ver que com você só com camisinha, é assim que tem que ser.” Quer dizer, aí eu fico me perguntando: “Pô, legal, né? Tu prega isso bonitinho, agora fazer que é bom tu não fez, né?” Quer dizer, é um, uma.

AP: Mas e a meninada lá? Você, você presta atenção na, no comportamento das, dos amiguinhos da Katia lá?

AM: Meninada, quem?

AP: Com relação a prevenção à AIDS, Angela?

AM: Ó, eu acho que ninguém tem preocupação com isso, eu acho que a diferença deles pra gente é que eles tão vivendo a época da camisinha, né? Eles tão vivendo, vivenciando, eu acho que, é, mesmo que não pratique, assim, vamos dizer, que

tenham... 20 parceiros que eles não usem com os 20, eles acham que tão fazendo bonito usar uma, duas, três cada um, mas eles usam, pode não ser as 20 vezes mas algumas eles usam, que é bem mais fácil do que a nossa época, né? No caso a minha época que não fazia parte, né? Eu acho que tem grande chance de incurtir na cabeça que todas as relações tem que ser com camisinha, mas isso vai demorar um pouco, viu? Eu acho que vai ser muito longo prazo. Ainda não é nessa geração não.

AP: Cê acha que as meninas não tem a primeira transa com camisinha?

AM: Eu acho que vai ser muito difícil ter a primeira transa com camisinha, eu acho. Porque você vê, eu já acho que eu sou liberal e descubro que não sou, a minha filha se diz porretona e queria guardar a camisinha no armário. Veja bem, se isso fosse (*snif*) bem comum, bem assim normal no círculo de amizade, uma coisa, nada mais justo que fosse automático ela colocar na bolsa.

DR: Se já tivesse incorporado, é... (*Snif*)

AM: Por que ela tá preocupada que o cara veja a camisinha na bolsa dela? Ela tinha que tá preocupada com outras coisa, né? Tinha que tá preocupada com o tipo e contato que ela teve com ele, da, da intimidade que ela deu e não com a camisinha, a camisinha vai ser só um mero instrumento pra... evitar problemas, né? De todos os lados aí, né?

DR: Com os meninos você chegou a conversar isso, quer dizer, aliás, com o menino, porque o outro é menor ainda, né? Não, se bem que o seu tá com catorze.

AM: Olha, eu converso, não, meu, o ma, outro tem 16.

DR: O mais novo?

AM: É mais velho que a menina.

DR: Ah, é, mais velho.

AM: Ela tem 15, é.

Ele acha bonitinho: “Não, porque vai ser com camisinha.” Ele fala mas... eu acho que é tudo da boca pra fora. Por exemplo, o meu filho mais velho, ele teve um envolvimento, quando ele era mais novo, com uma menina lá em Belo Horizonte quando nós moramos lá, namoro assim durou uns dois anos que nós moramos lá. E eles se separaram que ele foi pra São Paulo e também brigavam muito, eles tavam naquela fase que ou eles assumiam um compromisso sério que era o que ela queria, né? Como toda moça quer, a mais tradicional família mineira e tal, ou então ele pulava fora. Como ele achou que era muito cedo ele se mandou. Porque ele fazia faculdade lá em, em Belo Horizonte, nós deixamos ele lá em Belo Horizonte, aí ele com essa desculpa de que não queria ficar longe da família, não sei o que, que sentia falta, que eu acho até verdade, ele sentia falta mas também acho que era pra fugir um pouquinho daquela, daqueles compromissos, ele mudou pra São Paulo. Foi fazer faculdade lá e mudou pra lá. Eles ficaram afastado algum tempo, ela teve vários relacionamentos e ele também, os dele eu presenciei, o dela eu imagino, porque ela não é anormal, né? Uma menina saudável, normal, suponha-se que ela teve uma vida, né? Inclusive ela chegou até a conviver maritalmente com um rapaz que eu encontrei até no aeroporto uma vez fazendo uma

viagem. Eles voltaram a se encontrar a coisa de um ano, e pouco agora e estão junto de novo e já tão juntos mesmo assim, todo fim-de-semana ele vai pra Belo Horizonte ou ela vem pra São Pau, eles tão junto mesmo. Tanto que ele tava nos Estados Unidos agora três meses, depois ele vai pra fazer um curso e ela vai junto com ele, acho que quer assumir mesmo o compromisso deles. Aí eu perguntei um dia pra ele, se eles usavam, ele falou assim: “Ah, não precisa.” Aí eu falei: “Vem cá, você conheceu ela como mocinha, novinha, tal, até pouco rodada, né?” - que eu vou logo no popular - “...mas depois ela teve a vida dela e você teve a sua vida, você fez algum teste, ela fez algum teste pra saber se cês tavam aptos a...?” Ele: “Ah, não, não sei o que, não rola.” Eu acho que não adianta, cara! Não adianta, eu acho que não adianta você falar que a sua mãe tá, seu avô tá, seu pai tá, nada disso vai comover. Porque eu, eu, as pessoas da minha relação que gostam de mim, que sofrem comigo, que tão do meu lado, que acompanharam todo o meu sofrimento, elas não fazem uso de preservativo e tem vida irregularíssima: “Comigo não vai acontecer.” Cê vai dizer que isso é ignorã..., ignorância? Não acha! É uma ignorância diferente, é... pode até dar o nome de ignorância, mas uma ignorância diferente, eu não sei dizer que tipo de ignorância é essa, mas é uma ignorância diferente. Mas essas coisas não adianta, cara! Não, as pessoas sempre acham que tão livres disso. Eu, no fundo devia achar que tava livre porque eu tinha um parceiro e outro parceiro conhecido, vai ver que na minha cabeça funcionava que só se fosse vários parceiros, se fosse orgia, se fosse, é... troca de casais, se fosse bem promíscuo mermo. No caso, eu achava que eu não era. Que eu era assim... fugia um pouquinho da, do normalidade, mas não tinha perigo, porque eu acho que eu só via o meu lado. Eu acho que em momento nenhum eu analisei o lado da outra pessoa, não é? Porque era só eu pensar: “Pô, você tem um compromisso com alguém mas ele não tem com ninguém, ele tem a vida dele desregrada, por que você não se cuidar?” No entanto eu achava que não ia acontecer (*snif*).

AP: É, falando nele, cê pulou ele, né? Cê não falou mais dele. Como é que ficou o Paulinho nessa história toda?

AM: Falando nele? Ah! No começo ficou desse jeito que eu falei, a gente tá, e eu sempre falando que eu ia sair de casa e ele preocupadíssimo, né? Porque eu acho que ele tava pensando que eu queria casar com ele (*risos*), aí ele falou: “Pô, Angela, mas não sai, você agora vai precisar mais do que nunca e tal.” Eu digo: “Mas eu não consigo viver com a situação que eu criei.” Bom, aí eu tanto fiz, tanto fiz que eu saí de casa, aí ele, paralelo, não foi nada proposital assim tipo, eu saí de casa ele saiu da minha vida, mas por incrível que pareça eu saí de casa e ele foi se afastando da minha vida. Hoje eu diria pra você que ele já se afastou da minha vida totalmente, eu não sei se por medo de, de alguma cobrança da minha parte ou preocupado até com associar, né? As pessoas associarem a, que ele é meio medroso, né? Meio cagão. As pessoas associarem a, as pessoas que eu digo, é... são as, meus filhos, marido, as pessoas associarem a minha saída de casa com ele, eu não sei se ele tem um pouco de medo disso, então a gente se afastou, né? Um pouco (*snif*).

DR: Ou o, o seu HIV com ele.

AM: Ele medo?

DR: É.

AM: Não.

DR: Não, cê disse assim era o medo de, das pessoas associarem.

AM: É, a nossa.

DR: A sua saída de casa com ele ou o seu HIV com ele.

AM: É, de repente ele vir a ter, principalmente, as duas coisas, as duas coisas, ele se, por exemplo, se a gente tivesse um, um contato mais frequente como tinha, né, agora com mais, é, mais facilidade porque eu sou independen... tô sozinha, né? É, mas virem a saber que ele tá frequentando minha casa ou eu tô frequentando ele, aí amanhã ou depois acontece alguma coisa ou com ele ou comigo aí já juntar tudo, entendeu? Então eu não sei até que ponto, se ele tá querendo preservar ou se ele é, é, como é que se diz, medroso ou se é, acabou mesmo, sabe? Eu acho que a gente sofreu tanta coisa, tanto processo, tanta coisa que vai ver que acabou tudo aquilo que a gente... ou se de repente eu mudei também, né? Porque antes, é... eu tinha uma pessoa completa, aquela, probleminha que faltava eu encontrava aqui. De repente eu queria muita coisa dele que ele não podia me dar, né? Ele só podia... ele era limitado, né? A participação dele era muito pequenininha.

DR: Ele tinha um papel definido.

AM: Ele tinha um papel definido.

DR: É.

AM: E de repente eu, não é mais isso que eu quero numa pessoa, tá? Eu tô falando porque eu sofri muito quando a gente, é, tava se distanciando e hoje, sabe, eu já vejo de outro jeito, eu, eu olho assim e é uma pessoa que eu gosto, é um carinho, tenho preocupação, tô sempre ligando pra saber como é que tá, como é que não tá, é, se tá bem, se tá mal, mas não tem aquela necessidade de, de tá junto nem de querer ficar junto. Então, quer dizer, eu não sei se eu mudei ou se ele mudou, nós mudamos, eu não sei.

DR: E vocês foram naturalmente se afastando, não conversaram nada, não romperam?

AM: Naturalmente, a gente, no começo a gente tava se vendo muito, tava saindo, tava tentando até ficar bem junto aí depois foi chu, espaçando, espaçando, agora tá assim de tipo, depois de um mês eu... ele apareceu lá em casa sábado, a gente conversou assim como bons amigos, num... sabe? Não tem mais aquele clima, nada mais daquilo. Aí vem aquela pergunta, não sei se é porque era emocionante antes ou se porque realmente... eu acho assim, eu sofri muito, né? Até falei pra ele noutro dia, você, ele diz que ele é a mesma pessoa, eu falei que eu acho que ele é burro! Porque eu não sou a mesma pessoa, eu cada dia eu tô mais diferente do que eu fui... quer dizer, então eu acho que eu sou bem inteligente porque eu acho que eu tô num processo de mudança muito grande, eu acho que ele é burro! Porque uma pessoa que eu conheço, né, há quinze anos, diz pra mim que ele é a mesma pessoa de quinze anos atrás ele é burro, então eu falei pra ele: “Você deve ser muito burro porque.” “Ah, você mudou.” Eu digo: “Graças à Deus e quero...”

Fita 4 – Lado B

AM: Inho, Angela, Katia, filha, quem é a pessoa que tá falando não, né?

DR: É.

AM: Essa mãe ia conhecer (*snif*). Fala.

DR: Não, você tava falando da, do afastamento do Paulinho, dos motivos que você atribui.

AM: É, afastou, eu achei que num, sabe? Que não fosse dar pra viver sem esse relacionamento, que ele era minha única, a única chance de me relacionar com alguém e eu já vi que não é nada disso, não tem nada a ver, né? Eu acho que cresci, que eu amadureci, que eu mudei e não tô assim em busca de nenhum assim, companheiro nada, eu acho que eu já tive a grande chance da minha vida, já tive um companheiro, já fui feliz com alguém, já, já ti... Eu tô assim agora querendo ver a vida, né? Como é que é ser sozinha, tô achando legal, tô gostando, sei lá! É gostoso ser dona do nariz da gente, não tem ninguém pentelhando, vai fazer, não vai, faz o que quer, a hora que quer, tô achando legal. Agora... tenho consciência que eu tenho um problema, tô indo ao médico. É... por enquanto, nesses três anos tô super tranquila com relação a, a isso, né? Que eu, dizem os médicos, né? Dizem porque já são dois, né, um em São Paulo e um aqui, que eu sou um daqueles casos assim raro, né? Assim, raro, é nesses três anos eu tô estável, né? Não tenho tido nenhum problema, é, até conta meu, meus exames mesmo, tá tudo normal, a carga viral tá indetectável, é, meu CD-4, ele... oscila num, sabe, mas tá mantendo uma linha, ele sobe e desce. Num, não tô tomando nenhum medicamento, não sou muito favorável a fazer experiências, né? Com medicamento, pelo que eu tenho lido, tenho visto, tem muita gente, é, correndo...

DR: Você não iniciou nenhum, nenhum medicamento?

AM: Nenhum medicamento, esse médico que eu procurei aqui no Rio ele já veio falando que é a favor de medicamento, eu falei pra ele que ele vai ter que me convencer porque é, eu vim de um médico, né? Um catedrático lá de São Paulo que ele é professor de uma universidade.

DR: Lá você tratou com quem, Angela?

AM: É, Doutor Hélio Vasconcelos.

DR: Hum.

AM: Era um médico particular, agora tô tratando com um médico da Amil ele, porque lá eu, ele não queria que eu tivesse nenhum vínculo, né?

DR: Hum, hum.

AM: Com a Amil então era tudo particular, né, gastou o dinheiro dele todo, agora como eu que tenho que gastar o meu não quero gastar não, eu tô indo pela Amil mesmo e esse

médico queria, pela experiência dele, ele disse que era bom ter remédio, começar com remédio, eu falei que não era assim não, que eu não tenho, graças à Deus não tenho nada, a minha vida não mudou nada.

DR: Fisicamente?

AM: Na minha vida fisicamente mudou nada, não tive nenhuma alteração, tenho algumas alterações que dizem que o portador tem, né? No caso su, suar, né? Transpiro muito mas eu sempre transpirei muito, então eu transpirava já normalmente muito, não sei se é por causa do tipo físico, né? Tecido adiposo, né, então sempre suei muito e aí naquele negócio de menopausa por causa da idade, né? Quarenta e tantos anos, aí já su... comecei a suar mais e agora tenho suado bastante, né, de vez em quando me dá aqueles suores assim, então eu num, não levo isso por conta do HIV, eu acho até que deve ter alguma coisa a ver porque eu vejo que faz parte, mas eu encaro como normal porque eu já tenho tantos outros fatores que me levam a transpirar, fora isso nenhum outro problema assim de, é, nenhuma doença oportuni, oportunista, nenhuma complicação, graças à Deus, nada disso, não tô tendo nada, é... Meus exames tão legais, num, também não tão apresentando nada, agora tenho um puta medo, né? Do que eu vejo, do que eu escuto falar, né, não gosto muito desse negócio não. Acho que deve ser um saco, viu? Mas tamos aí...

DR: Deve ser um saco o que? Quando começar a ficar doente?

AM: Ah, quando começa a aparecer assim, mas o, o meu problema maior não é nem assim com doença, né? É que eu sou muito chata com negócio de depender dos outros, né, eu vi agora porque eu tava com o braço engessado, eu sou, ai, pra mim é tão difícil assim incomodar as pessoas, não poder fazer as coisas, então eu fico imaginando, né? Essas complicações que dão, esses probleminhas. Mas eu acho que a gente aprende, né? A gente chega a fazer tanta coisa na vida, aprender a depender dos outros também faz parte. Tenho muito medo dessa fase, deve ser muito ruim, mas...

DR: Angela, o não contar pra, pras crianças pra que as crianças, pros teus filhos, é, é, por causa de que?

AM: Primeiro porque ele pediu, né?

DR: Hum.

AM: Ele pediu que eu não contasse principalmente pras crianças, só que agora eu já tô sentindo necessidade de contar principalmente porque eu tô pertencendo a esse Grupo. Tenho conversado muito com meninos assim que poderiam ser meu fi... meus filhos, né? Nenhum nessa faixa de 15, 16 anos, mas alguns meninos assim de vinte e pouco, 23... e eles sempre falaram: “Pô, Angela, eu acho que e... eu acho que eu gostaria de saber.” Sabe? Então, e eu também tenho necessidade de contar porque isso me faz mal. Porque eu continuo mentindo... e eu queria vim pra cá pra não mentir e eu continuo mentindo, mais do que nunca. Porque eu tenho que contar coisas que não são verdadeiras, né? Eu tenho que falar: “Ah! Eu vou ali na reunião.” “Reunião de que?” Aí, eu tenho que inventar... Pô! Seria tão bom, né? Que ela soubesse. “Eu vou ali na minha reunião...” E vai ver que ela nem perguntava nada, ela já tava sabendo, né? Que que é e tal... Agora tem que ficar inventando um monte de coisa, por exemplo: “Ah! Vou num

churrasco.” “Churrasco de quem?” “Ah! Do pessoal lá do grupo, do PELA VIDDA, e tal...” “Ah! O pessoal... as pessoas que são doentes?” “É! São os doentes e os que não são, que fazem parte do, do... assim como eu, que vão lá e tal...” Quer dizer, eu tenho que ficar dando um monte de explicação que acabo me enrolando, e eu não gosto!

DR - E você já conversou com ele... de novo?

AM - Não! Aí, eu falei com ele outro dia... até encontrei com ele no aeroporto, que ele pediu pra levar um documento, que ele tava vindo aqui no Rio e tava viajando de noite. Aí, ele falou: “Ah! Você não queria conversar comigo?” Eu falei: “Querida. Mas não pode ser assim, nem por telefone, nem duas... meia hora assim aqui conversar não. A gente tem que parar pra conversar...” Ele falou: “É o que?” “É sobre as crianças...” Aí, ele falou: “Tudo bem! Então vamos conversar...”

Que eu acho que devo isso a ele, né? Acho que se ele pediu pra não contar, agora eu tenho que... Que eu acho que ele pediu pra não contar, por causa da minha... do jeito que eu tava. Eu num tava legal pra contar, né? E como eu, talvez, não esteja ainda... mas eu quero já indo amadurecendo a idéia que eu quero contar... trabalhar isso em mim como contar.

DR - E quando é que você foi pro Grupo PELA VIDDA?

AM - Grupo PELA VIDDA? Olha, eu fui... (*suspiro*) Numa dessas vindas ao Rio, que eu soube que tava, já morando em São Paulo, eu tive no Grupo PELA VIDDA... é... por causa da Valéria...

DR - Isso por informação da Valéria?

AM - Da Valéria, é. Que é prima desse rapaz... que ela já tem o HIV há muito tempo. (*sniff*) Procurei ela inclusive, ela tava no hospital, pedi socorro, e tal, chorei bem no ombro dela, ela começou falando comigo: “Bem vindo! Não sei o que...” Assim, querendo me animar, né? A gente conversou pra caramba! Ela me disse que ia me dá um monte de dica e tal, falou: “Poxa, Angela! Lá em São Paulo tem um grupo assim, assim.” Eu falei: “Ah, mas lá não vou. Porque eu posso encontrar alguém ou alguém perceber que eu tô lá e ele não quer.” Aí quando eu vim pra cá, né? Eu liguei pra ela, falei assim: “Ó! Tô aqui no meio de você, já mudei pra cá.” Não nesse período que eu tava trabalhando, porque eu tava totalmente doida, né? Com negócio de trabalho, de casa, uma confusão danada... Aí, tão logo eu mudei pro meu apartamento que eu já tava... querendo ocupar, né? Os meus dias, e também já era uma coisa que eu queria fazer que agora eu tô morando sozinha, tenho toda a minha... eu e a minha filha, já tenho toda a minha rotina, aí eu comecei a... aí eu falei pra ela: “Ó, vou lá.” Ela disse: “Eu vou lá com você que eu te apresento o pessoal e tal.” Mas eu já tinha vindo um dia, que eu vim a passeio, eu fui lá. E nesse dia ela nem foi, eu cheguei lá e freqüentei uma Tribuna. (*snif*) Aí conheci até o Hibernon lá, ele até lembrou de mim quando eu voltei, mas eu fiquei bem assim, sabe? Tipo assim, eu tô aqui só de passagem, né? Porque eu não ia freqüentar, nem dei muito palpite, só olhei, falei: “Pô, legal.” Aí comentei com ela, falei assim: “Pô, legal o negócio! Ela: “Então? Vem sempre.” Eu digo: “Ah, mas vai ficar chato! Como é que eu vou ficar vindo sempre se eu moro em São Paulo?” Aí agora que eu vim de vez eu procurei ela, né? Agora, vim de vez não... comecei a freqüentar... o Grupo... foi bem... quer ver? ... Aí. Foi agora, há pouco tempo!

DR: Esse ano?

AM: Foi. Em janeiro.

DR: Praticamente.

AM: Foi em janeiro que eu comecei a... que eu fui com ela, aí ela ficou: “Ah, vai! Depois nada! Vamos agora, que você fica só falando que antes era porque cê não morava aqui. Agora cê tá morando aqui.” Ainda falei: “Ah, mas é que eu não tô na minha casa ainda.” Eu tava na casa de uma comadre minha. Aí eu começo a dizer: “Vou no.” “Ah, vai fazer o que? Que que cê vai fazer?” Começa a perguntar um monte de coisa (*risos*), ela também não sabe, né? Aí a, a Valéria falou: “Ah, fica dando desculpa não, vamos logo.” Aí eu fui, gostei, agora entrou assim, né? Agora eu não consigo... já tô ansiosa pra chegar, que é um negócio gostoso, né? Você escuta o depoimento de pessoas assim... Aí você acaba achando até que o seu caso é tão pequeninho que você até foi feliz, né? Em tudo, porque tem casos tão tristes, pessoas, né? Que são expulsas de cidade, de lugar, de... de bairro ou de casa, de não sei o que... né? Que sofrem, principalmente, por... é... que receberam de outras pessoas, que eu... eu até me sinto meia esquisita lá naquele Grupo, porque todo mundo lá, é... recebeu como eu recebi de alguém, mas não era assim, não foi, no caso, o marido. Quando começam a falar mal de marido lá aí eu sou obrigada a defender, né? “Porque não, porque homem...” Aí eu digo: “Não, mas no meu caso não foi assim.” Então eu não acho legal falar isso porque, pô, também não é pra massacrar o homem, né? Eu não so... eu sou bem feminista, mas... que eles não nos escutem, né? Pouco, né? Eu acho que também não é só homem que tem culpa não. Eu acho que é bem dividido aí, né? No caso foi um homem que me passou e eu? Por que que não tomei os meus cuidados, né? Eu acho que é bem dividido isso aí, não existe culpado, nem...

DR: Isso é bem claro pra você, assim, cê num...

AM: Olha! Eu não fiquei com raiva do rapaz... não tenho raiva dele. Tem gente que já tentou fazer minha cabeça assim preu odiar ele, principalmente agora que ele não tá comigo... Todo mundo acha... as pessoas que sabem e, e acompanharam todo o processo acham que ele tinha obrigação de ficar comigo. Tipo assim: “Vocês tão vivendo o mesmo problema e você saiu de casa, foi por causa dele, ele te contaminou, não sei o que... Ele tinha que te assumir.” Mas ninguém me pergunta se eu quero isso, né? Então eu não tenho raiva dele, eu não acho que ele... não tive em momento nenhum, não sei nem se vou ter ainda, né? Porque eu tenho pessoas... lá no Grupo que tiveram ódio e... depois, passou o ódio e eu ainda não tive esse ódio. Eu acho assim: eu acho que a minha vida ela, ela... sei lá! Isso veio pra, pra ajustar a minha vida, sabe? Assim, talvez até pra me levar a tomar decisões com coisas que eu tava insatisfeita... Eu escuto falar muito que, que, que... tem gente que até que, que fala isso, né? Que, de repente, eu queria fazer tudo isso que eu tô fazendo, né? E, e, e tive uma oportunidade agora, meia drástica, mas tive, né? Que eu acho que eu não teria coragem de fazer nada disso, se eu não soubesse que eu era portadora. Porque a minha vida era muito boa, sabe? Quer dizer, boa entre aspas. Seria muito difícil eu largar aquela vidinha que eu tinha... com todos os problemas que eu achava que eu tinha, eu acho que eu ia continuar nela porque era mais cômodo. Então de repente isso me obrigou a tomar uma... decisão, né? Séria na minha vida de terminar o relacionamento com o marido e viver sozinha que é uma coisa que não é muito bom, né? Assim, depois de ter todo esse respaldo, essa... essa... esse

ombrinho, você largar tudo isso, né? Se ver sozinha de repente, né? Sozinha que eu digo, sem marido, né?

DR: Hum, hum.

AM: Mas não sozinha assim, no mundo, abandonada. Porque eu tenho nele um amigo. Eu sei que a hora que eu precisar eu posso contar com ele. Tenho outros amigos... mas sozinha, sem marido. Descasada.

DR: E o Grupo você acha que também acrescentou coisas pra, pra você lidar com isso melhor?

AM: Ah, pra mim... ... tá ajudando muito. Pelo menos, ó! Eu tava bem assim deprimida, bem assim achando assim que eu era a última das mulheres, a mais coitada de todas...

DR: Você veio pro Rio ainda assim?

AM: Ah, vim.

DR: Se sentindo assim.

AM: Me sentindo...

DR: Que você disse que fez... terapia lá em São Paulo.

AM: Fiz terapia, mas... ... sabe? Até... assim, tipo: ela dizia que eu sabia tudo que eu tinha que fazer só que eu não fazia; eu mesma respondia as minhas perguntas, é... ela disse que eu tinha uma facilidade muito grande de entender as coisas, só que eu queria fazer do jeito que eu queria. Eu sabia que o certo era assim, mas eu fazia de outro jeito, porque eu queria que fosse assim (*rindo*), então ela conversou comigo, disse que era bom eu continuar fazendo ainda me indicou o nome de uma pessoa aqui, mas eu falei “Ah, eu não! (*tsc*) Ficar indo lá pro Grupo...”

Que no, no caso, que eu me achava muito infeliz, mas eu tô vendo que eu não sou tão infeliz assim, no caso, né? Porque cê vê, eu tenho um amigo, tenho um marido que podia ter... criado mó caso comigo, né? Até financeiramente, ele podia ter me esculachado com meus filhos... fez nada disso. Continuou tudo do mesmo jeito. Que é o caso das meninas que eu vejo lá que são escoraçadas... Que, pô! Casos de pessoas que o marido passa pra ela... o marido morre de AIDS e a garota... é mal vista por todo mundo, pô! Sabe assim? Todo mundo tem certeza que o cara que... o cara... um caso lá até que contaram: o cara era bissexual, né? Ele contou pra ela quando tava morrendo e ela ficou do lado dele e tal, depois que ele morreu ainda fo... vieram, expulsaram ela de casa, não sei o que... Quer dizer, aí eu fico vendo, poxa! Eu tive um tremendo dum problema desse. Pô, tive mó...

DR: Apoio da parte do seu marido, né?

AM: Apoio de todos os jeitos. A minha vida mudou em quê, pelo amor de Deus, né? É... mudou assim... mudei como pessoa, né? Assim, eu hoje não vou dizer pra você que eu tô aquela porra louca que eu era assim, né? Eu já fui mais assim... despreocupada com a vida, não é nem com relação a AIDS, mas com tudo, eu queria mais era que o

mundo acabasse, qualquer coisa (*risos*). Agora eu já tô mais assim, preocupada, né? De saber que tenho que contar pros meus filhos, tenho que ter uma vida melhor, assim, né, um, uma vida mais regrada, não posso ficar perdendo noite... sabe? Aquelas coisas assim que eu antes, nunca me preocupei nem nunca me preocuparia, embora eu não tenha nada, eu tô procurando me preocupar com isso, né? Por exemplo, saio mas não saio muito, bebo mas não bebo muito, quer dizer, não sou de beber muito mas, nunca fui e agora tô menos ainda (*snif*). Por que? Porque eu sei que vai prejudicar, né, vai chegar uma certa hora que isso deve contar, né? Então eu tô procurando... por exemplo, é... dietas malucas, sempre fui chegada, ultimamente tô deixando de mão. Tô procurando co... cortar assim alguns excessos mas não tô neurótica como eu era, nem tô querendo dar nenhuma mudança radical na minha vida porque, porque não sei se eu tô bem assim fisicamente, se eu tô conseguindo suportar as coisas assim, por que que eu vou mexer, né? De repente, vou fazer uma dieta, uma coisa aí, vou mexer com meu organismo? Então eu resolvi que eu vou ficar pura assim mermo, vou me, me levando aí do jeito que eu tô... gostando de mim do jeito que eu tô...

DR: Hum, hum.

AM: Vou por aí a fora (*snif*).

DR: Ô, Angela, é, a gente encerraria por aqui, você teria mais alguma coisa pra falar?

AM: Não, a não ser que cê queira perguntar.

DR: Não, nenhuma pergunta, não.

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA